

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LAÉRCIO RODOLFO GUCZAK

**OS LETRAMENTOS DIGITAIS EM UM CONTEXTO RURAL: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA ESCOLA DE MASSARANDUBA, SANTA CATARINA**

**BLUMENAU
2011**

LAÉRCIO RODOLFO GUCZAK

**OS LETRAMENTOS DIGITAIS EM UM CONTEXTO RURAL: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA ESCOLA DE MASSARANDUBA, SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maristela Pereira Fritzen

**BLUMENAU
2011**

LAÉRCIO RODOLFO GUCZAK

**OS LETRAMENTOS DIGITAIS EM UM CONTEXTO RURAL:
UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE MASSARANDUBA - SC**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no PPGE/ME - Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação na Universidade Regional de Blumenau - FURB, pela comissão formada pelos professores:



Prof(a). Dr(a). Maristela Pereira Fritzen – FURB
Orientador(a)



Prof(a). Dr(a). Adriane Teresinha Sartori – UFMG
Examinador(a)



Prof(a). Dr(a). Edson Schroeder – FURB
Examinador(a)

Blumenau, 04 de agosto de 2011.

*Para Marlene, Henrique e
Sansão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me inspirou, guiou e deu forças para superar os desafios.

À Santa Clara, Santa Paulina, Santa Rita e ao "Santo Padre" Rodolfo, os santos os quais invoco para agradecer e suplicar, porque acredito que a fé se faz necessária.

Aos pais, que me deram o bem mais precioso: A Vida.

À minha esposa e meus filhos, pela colaboração e compreensão aos momentos que dediquei à pesquisa.

À minha família, compreendida aqui pelos meus parentes e parentes de minha esposa, que em muitos momentos souberam compreender e entender o percurso deste estudo.

À direção da Escola de Educação Básica Felipe Manke, Amar José Petry e Célia Dionísia Besen Petry, que me apoiaram, incentivaram e deram muita "força" para a concretização desse empreendimento.

Aos colegas professores, professoras e funcionários da Escola de Educação Básica Felipe Manke, que acompanharam toda essa caminhada.

Aos alunos e alunas-sujeitos da pesquisa, que aceitaram participar deste estudo.

Ao fundo de apoio à manutenção e ao desenvolvimento da educação superior - FUMDES, pela confiança depositada nesta investigação e financiar parte deste estudo.

Às secretárias do mestrado, Arlei Trentini Klock, Daiane Luchetta Ronchi e Miria Grutzmacher, que em tantos momentos de compromisso e competência, também possibilitaram outros de descontração.

À turma 2009 ingressante no Mestrado em Educação, grupo no qual fiz amigos e amigas inesquecíveis, que compartilharam ideias e brincadeiras.

Aos colegas da Linha Linguagem e Educação, tanto da turma 2008 quanto das turmas 2010 e 2011, porque somos parte da mesma história e porque suas contribuições trouxeram enriquecimento para esta pesquisa.

Às amigas Jara Cristina Zeplin Campos e Perla Golle, que passaram a fazer parte das nossas discussões e posicionamentos.

Às amigas Albanella Thair Leon Teran, Jeice Campregher e Jociane Stolf, que além de estarem sempre presentes nos momentos em que solicitei e precisei de apoio acadêmico, estiveram juntas também nos momentos de descontração.

Aos amigos Abdul Joari Lima, Alinor dos Santos e Tiago Contesini Vinotti, que além da harmonia que tivemos nos momentos de seriedade e reflexão sobre a pesquisa, compartilhamos outros momentos de descontração, felicidade e brincadeiras.

Um agradecimento todo especial aos professores e professoras deste programa de mestrado, porque fomos lapidados por mãos sábias que deixaram um pouco de si. Especialmente aos professores da Linha Linguagem e Educação. Ao professor Dr. Osmar de Souza, que com

propriedade e seriedade soube nos alertar e questionar nessa caminhada. À querida professora Dr^a. Otilia Lizete O. Martins Heinig, que de maneira descontraída nos aproximou de conceitos e novos saberes e, de modo todo especial, à professora Dr^a. Maristela Pereira Fritzen, minha orientadora, que teve calma e sabedoria para tirar tantas vezes as dúvidas que surgiram na construção desta dissertação.

Aos professores Dr. Edson Schroeder, Dr. Osmar de Souza e a professora Dr^a. Otilia Lizete O. Martins Heinig, que trouxeram contribuições significativas para a complementação deste trabalho no momento da qualificação.

Ao professor Dr. Edson Schroeder que, com suas sugestões no momento da defesa, enriqueceu esta dissertação.

À professora Dr^a. Adriane Teresinha Sartori, que aceitou participar da banca de defesa como avaliadora externa. Suas contribuições fizeram-me crescer e perceber o que ainda não tinha visto.

A minha eterna gratidão também a todos os que, com amizade, carinho e respeito, apoiaram-me e incentivaram nessa jornada.

"Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, pois o triunfo pertence a quem mais se atreve. E a vida é muito para ser insignificante" (Charles Chaplin).

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada à Linha Linguagem e Educação, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau, tem como tema os letramentos digitais. O objetivo geral desta investigação é compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio. Este estudo tem ainda os seguintes objetivos específicos: descrever eventos de letramentos digitais dos quais os alunos participam; analisar a inserção de alunos em práticas de letramentos digitais no espaço escolar e refletir sobre os ecos dos letramentos digitais. A questão norteadora é: que sentidos os alunos constroem sobre as práticas de letramentos digitais das quais participam? O campo para coleta de dados está localizado em uma escola do interior do município de Massaranduba, Santa Catarina. São sujeitos desta pesquisa cinco alunos da 1ª série do ensino médio, caracterizando esta investigação como um estudo de caso. O *corpus* é constituído pela descrição das visitas domiciliares e pela transcrição das entrevistas individuais que configuram esta pesquisa de natureza qualitativa-interpretativa. A análise dos registros é feita a partir dos enunciados e da materialidade linguística. O referencial teórico da análise está fundamentado em duas frentes: no viés enunciativo do Círculo de Bakhtin e na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento. Os resultados desta investigação sinalizam que os sujeitos participam ativamente das práticas de letramentos digitais, construindo sentidos relacionados à sua vida cotidiana, ligados principalmente à esfera familiar, escolar, do lazer e do trabalho.

Palavras-chave: Letramentos digitais. Educação. Escola. Alunos do ensino médio. Enunciados.

ABSTRACT

This research, linked to the Line Education and Language, from the Post-Graduation Program in Education/Master in Education of the Regional University of Blumenau, has as theme digital literacy. The main objective is comprehend which senses of digital literacies practices for high school students. This study still has with de following specific objectives: describe events of literacy in which students participate; analyze the insertion of students in digital literacies practices at school spaces and reflect on echoes of digital literacies. The question guiding is: which sense the students construct on digital literacies practices in which they participate? The site to collect data is located in a school in a rural area of Massaranduba city, Santa Catarina State. Five students at grade one are subject of this research, characterizing this investigation as a case study. The *corpus* is constituted with home visits description and with a transcription of individual interview that configure this research as qualitative-interpretative nature. The analyze of data is made from the enunciation and materiality language. The theoretical study is based on two points of view: in the enunciation bias of the Bakhtin Circle and at the perspective of New Literacy Studies. The results of this investigation shows that the subjects participate effectively in digital literacies practices, constructing senses related on their everyday life, linked principally in family spheres, school, of leisure and of work.

Keywords: Digital literacies. Education. School. High school students. Enunciated.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Imagem do blog criado com alunos da 5ª série
- Figura 2:** Imagem de satélite da localização da Escola de Educação Básica Felipe Manke e outros pontos de referência
- Figura 3:** Representação do mapa do município de Massaranduba e do estado de Santa Catarina
- Figura 4:** Alguns espaços escolares
- Figura 5:** Salas ambiente
- Figura 6:** Facção de malhas onde trabalha S2
- Figura 7:** Plantação de banana na casa dos responsáveis de S2
- Figura 8:** Horta doméstica na casa de S2
- Figura 9:** Local onde fica o *notebook* de S2
- Figura 10:** Local onde fica o computador e o *notebook* de S4
- Figura 11:** Local onde fica o computador de S3
- Figura 12:** Local onde normalmente fica o *notebook* de S5
- Figura 13:** Vista parcial do arrozal da família de S1
- Figura 14:** Local onde fica o computador de S1
- Figura 15:** Escolas públicas equipadas com laboratório de informática
- Figura 16:** Escolas públicas equipadas com computador e acesso à internet banda larga
- Figura 17:** Computadores sem e com acesso à internet nos lares brasileiros
- Figura 18:** Comparativo entre televisão e telefonia celular nos lares brasileiros
- Figura 19:** Práticas de letramentos digitais de S1
- Figura 20:** Práticas de letramentos digitais de S2
- Figura 21:** Práticas de letramentos digitais de S3
- Figura 22:** Práticas de letramentos digitais de S4

Figura 23: Práticas de letramentos digitais de S5

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- ANPOLL** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
- APP** - Associação de Pais e Professores
- APROBAM** - Associação sem fins lucrativos dos Produtores de Banana de Massaranduba
- BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CESMAR** - Centro Social Marista
- SocInfo** - Sociedade da Informação
- EEBFM** - Escola de Educação Básica Felipe Manke
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- FURB** - Universidade Regional de Blumenau
- GERED** - Gerência Regional de Educação
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- Kbps** - Kilobit por segundo
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LE** - Linguagem e Educação
- LEI** - Língua Estrangeira - Inglesa
- LP** - Língua Portuguesa
- LPL** - Língua Portuguesa e Literatura
- MEC** - Ministério da Educação
- NAES** - Núcleo Avançado de Ensino Supletivo
- PCSC** - Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina
- PPGE/ME** - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PROERD** - Programa Educacional de Resistência às Drogas
- ProInfo** - Programa Nacional de Tecnologia Educacional
- TIC** - Tecnologias de Informação e Comunicação
- ZDP** - Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Cópia de e-mail trocado entre professor e aluno

Apêndice B – Tópico guia para entrevista individual do projeto-piloto

Apêndice C – Tópico guia para a entrevista individual com os sujeitos da pesquisa

Apêndice D – Transcrição da entrevistas individuais

Apêndice E – Tópico guia para a visita domiciliar

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

1. sílaba ou palavra fortemente pronunciada – LETRA MAIÚSCULA
2. alongamento da vogal - ::
3. sobreposição de vozes - [
4. pausas - (+)
5. comentários ou descrições do analista - (())
6. indicação de transcrição parcial ou de eliminação - /.../
7. para uma subida rápida de entoação (corresponde ao ponto de interrogação) - ”
8. para uma subida leve (algo como uma vírgula ou ponto-e-vírgula) - ’

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 START	18
1.2 O DESPERTAR ACADÊMICO	26
1.3 O ESTADO DA ARTE	28
1.4 JUSTIFICATIVA	31
1.5 A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	33
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
2.1 A PESQUISA	35
2.2 O CAMPO	39
2.2.1 Localização.....	40
2.2.2 Dimensão predial e territorial.....	42
2.2.3 Dimensão administrativa e pedagógica.....	43
2.2.4 Dimensão Financeira.....	46
2.3 O CONTEXTO DOS SUJEITOS NO CAMPO DE PESQUISA	46
2.3.1 Conhecendo os sujeitos: a visita domiciliar	47
3 AS TEORIAS: UMA INCURSÃO NORTEADORA	60
3.1 BAKHTIN E O CÍRCULO	60
3.2. A TEORIA ENUNCIATIVA DO CÍRCULO.....	62
3.3 LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL	68
3.3.1 Considerações a respeito dos letramentos	69
3.3.2 Perspectiva digital dos letramentos	77
4 A PRÁTICA SOCIAL DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NA VOZ DOS SUJEITOS	84
4.1 “CADA DIA A TECNOLOGIA AVANÇA MAIS”	85
4.2 “INTERNET É O MUNDO DIGITAL”	92
4.3 “A GENTE TEM QUE IR ACOMPANHANDO OS TEMPOS”.....	101
4.4 “EM TODOS OS LUGARES SÓ HÁ TECNOLOGIA”	111
4.5 “EU ASSOCIO JÁ:: COM GLOBALIZAÇÃO”	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICES	146

1 INTRODUÇÃO

A revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura (CHARTIER, 2002, p. 113).

Sentar em frente ao computador ou utilizar um outro meio digital para ler ou escrever é uma atividade considerada, neste início de século, cotidiana, para quase todas as pessoas. Muitas vezes quem desenvolve atividades ligadas aos equipamentos ou meios digitais são estudantes, profissionais de áreas que exigem meios informatizados de comunicação ou quem está em um momento de lazer, etc. As pessoas hoje (2011), no seu dia a dia, estão em contato permanente com os meios tecnológicos nos diversos setores da sociedade e nos mais variados pontos do planeta, se não totalmente inseridos, mas de alguma forma presenciando, ou sentindo a presença dos avanços do mundo digital¹ (PRENSKY, 2001).

A epígrafe inicial destina-se à reflexão sobre a mudança que vem ocorrendo silenciosamente em nosso meio e que talvez seja tão significativa quanto foi a mudança pela qual passou o mundo após a invenção da escrita. A revolução na transmissão de informações e no registro dos dados estendeu-se da oralidade para a escrita em um dado momento da história. Agora essas informações e registros migram do papel para a tela e passam a ser digitais, trazendo novamente uma revolução, mas no ato de ler e escrever (CHARTIER, 2002).

Por isso, as tecnologias de informação e comunicação (doravante TIC) levaram muitos setores da sociedade a buscar e passar por mudanças com relação ao uso dos meios e equipamentos digitais. Da mesma forma, os profissionais que atuam nessas áreas foram gradativamente passando por transformações e aprendizagens para o uso das TIC. Aos professores coube também uma aproximação para o uso didático desses meios (MERCADO, 2002).

Dentro desse viés, a seção seguinte traz um breve relato da prática pedagógica deste pesquisador, a qual levou ao tema desta pesquisa de mestrado: os letramentos digitais.

Nesta dissertação há também o seguinte acordo estilístico: as seções denominadas

¹ De acordo com Chartier (2002) o mundo digital abrange as formas de leitura e escrita que não mais utilizam a maneira impressa e sim a tela.

“Start”, “O despertar acadêmico”, “Justificativa” e “Análise e discussão dos resultados” têm sua escritura na primeira pessoa do singular. As demais seções desta dissertação estão escritas na terceira pessoa do singular. De acordo com Bakhtin (1997, p. 298):

Esse cunho de individualidade apostado à obra é justamente o que cria as fronteiras internas específicas que, no processo da comunicação verbal, a distinguem das outras obras com as quais se relaciona dentro de uma dada esfera cultural — as obras dos antecessores, nas quais o autor se apóia, as obras de igual tendência, as obras de tendência oposta, com as quais o autor luta, etc.

Dessa forma, esse procedimento confere particularidade ao texto nos momentos que este pesquisador descreve experiências pessoais e quando analisa os dados coletados, assinalando uma questão de estilo.

1.1 START

O objetivo desta seção é fazer uma descrição do percurso pedagógico profissional que acabou levando a esta pesquisa de mestrado. A seção se intitula dessa forma porque aponta para esta descrição e por remeter a minha atividade profissional, que será descrita nos parágrafos seguintes.

Minha atuação como professor teve início em outubro de 1990 na Escola Reunida Padre Aldolino Gesser, como professor da 1ª série do primário² em substituição à professora efetiva. Até aquele momento a profissão de professor não despertava meu interesse, apesar de minha mãe, minha irmã e minha cunhada serem professoras.

Minha formação no 2º Grau³ foi Técnico em Contabilidade, portanto minhas pretensões não estavam voltadas para a educação. Porém a experiência que tive em sala de aula foi suficiente para despertar o gosto pela profissão até então desconhecido em mim.

Dessa forma, nos anos subsequentes, fui professor nas séries iniciais do ensino fundamental, atuando como professor em diversas disciplinas como, por exemplo, Ensino

² Esse termo entrou em desuso a partir de 7 de outubro de 2005 com a homologação e publicação do parecer nº18/2005 no Diário Oficial da União. “[...] adotando a nova nomenclatura com respectivas faixas etárias, conforme estabelece a Resolução CNE/CEB nº 3/2005: Ensino Fundamental, com pelo menos 9 (nove) anos de duração e até 14 (quatorze) anos de idade, sendo os Anos Iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, para crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade, [...]”. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb018_05.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2010.

³ A Lei nº 7.044 de 18 de outubro de 1982 alterou dispositivos da Lei nº 5.692 e o 2º grau passou a ser ensino médio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7044.htm>. Acesso em: 23 nov. 2010.

Religioso, Preparação para o Trabalho, História, Geografia e Educação Física.

A partir de 1992 dediquei-me somente às disciplinas de Língua Portuguesa (doravante LP) e Língua Estrangeira – Inglês (de agora em diante LEI) e, em 2002, passei a atuar também no ensino médio como professor de Língua Portuguesa e Literatura (doravante LPL) até esta data.

Durante essa pequena trajetória muitas vezes me constituíram como professor/sujeito, como persevera Bakhtin (1997) em relação à constituição do sujeito. Dessa forma, alguns relatos que vou descrever aqui são atravessados por vozes de muitos sujeitos, como diz Bakhtin (1997, p. 354) “Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas”.

Sob esse aspecto, essas vozes revelavam certo desabafo, certo descontentamento, certa angústia com a educação. As vozes desses sujeitos, muitos deles profissionais da educação, manifestavam-se nos corredores da escola, na sala dos professores, nas reuniões pedagógicas e em cursos que participei durante minha carreira. Muitas dessas vozes postulavam que a educação, apesar de vivermos no século XXI e na era tecnológica, ainda estava pautada em uma educação bancária⁴.

Frente às mudanças que as TIC vêm trazendo à sociedade, o professor não pode ficar neutro ou parado, pois isso é o mesmo que ficar na comodidade ou no conformismo. Geraldi (1995, p. 93) aponta que “[...] no mundo tecnologicado muda-se qualitativamente a identidade e o trabalho do professor. Sua competência já não se define por saber um saber produzido por outros”.

Para Geraldi (1995, p. 92) “o trabalho social do professor é o do articulador dos eixos epistemológicos e das necessidades didático-pedagógicas”, sendo que o “professor é alguém que desempenha uma função social” (GERALDI, 1995, p. 201). Sob esse viés, compreende-se que a função do professor é de alguém que, na medida do possível, promove novas experiências educacionais aos seus alunos, principalmente aquelas voltadas para o uso das TIC, que serão significativas no seu cotidiano e em suas vidas futuras. Para isso, o professor pode trabalhar na tentativa de interligar os conhecimentos, ou seja, a leitura, a produção e a inserção aos meios tecnológicos não são vistos de maneira separada, mas na perspectiva do sujeito para suas aprendizagens.

O dia a dia das pessoas de hoje não é o mesmo de três décadas atrás. Nesse curto

⁴ Esse termo Freire (2003) utiliza para criticar a concepção de educação do sistema capitalista, postulando que na educação bancária o professor é detentor do saber e os alunos apenas receptores de informações, que não têm oportunidades para expor suas ideias, sendo meros coadjuvantes do processo ensino-aprendizagem.

período de tempo, o acesso às informações era privilégio de um número bem menor de pessoas e na área rural isto se dava basicamente por meio da televisão.

Desde a década dos anos oitenta deste final de século novas tecnologias imprimem dinamismo mais veloz e flexível ao mundo dos meios de comunicação: as publicações periódicas se editam e imprimem à distância e se dirigem a públicos específicos; multiplicam-se os aparelhos portáteis de audição seletiva; a telefonia celular digital se interliga em toda a parte; a transmissão radiofônica se especializa em emissoras temáticas e subtemáticas, regionais e locais; o videocassete e o CD invadem os ambientes mais dispersos e neles instalam câmeras de sons e imagens; as câmeras de filmagem multiplicam a captação e guarda de audiovisuais autônomos. Já agora, filmes de longa duração podem ser presenciados na tela do computador, graças ao disco versátil digital (DVD). A proliferação das mensagens e fontes faz mais seletiva a audiência, individualiza e aproxima as relações entre emissores e receptores sob o signo da descentralização, da diversificação e da personalização. Não mais vivemos na aldeia global, mas em cubículos individuados, produzidos em escala global e localmente distribuídos [...] (MARQUES, 2006, p. 100).

Os alunos, cada vez mais, estão em contato com os mais variados meios de informação e comunicação, seja por meio da televisão, dos jornais, das revistas, dos *outdoors* e, principalmente, da informática. Com a proliferação do uso dos meios informatizados, que se tornam cada vez mais interativos, o professor pode possibilitar condições para seus alunos construírem conhecimento tendo como aliado nesse processo a tecnologia. Freire (2002, p. 52) afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No entanto, essa é uma postura que os professores nem sempre conseguem assumir. Uma das razões é apontada por Lúcio Kreutz, prefaciando Marques (2006, p. 15): “A forte e incisiva oposição à concepção utilitária e tecnicista de educação, fomentada pela lei n. 5692/71, levou muitos educadores a conceberem a humanização de modo pouco interativo com os avanços tecnológicos”. A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, (doravante PCSC), propõe que:

A ação educativa que permite aos alunos dar saltos na aprendizagem e no desenvolvimento, é a ação sobre o que o aluno consegue fazer com a ajuda do outro, para que consiga fazê-lo sozinho. Utilizar o tempo que o aluno está na escola para exercitar com ele aquilo que ele já sabe, sem desafiá-lo a algo novo, equivale a fazê-lo perder tempo, uma vez que a repetição do mesmo nada acrescenta ao conhecimento já apropriado ou elaborado até aquele momento. Tentar forçar o aluno a trabalhar questões com as quais não tenha nenhuma familiaridade, além de causar a rejeição por sua parte, traz a dificuldade inerente a trabalhar com algo totalmente estranho (SANTA CATARINA, 1998, p. 11).

Frente a esse contexto, confesso que muitas vezes deixei de atuar

profissionalmente no sentido de mediador⁵, pelo fato de estar impregnado de certas metodologias e jargões educacionais, mas que também me senti impelido, na maior parte do tempo, a buscar soluções e novas alternativas para os alunos, principalmente no que diz respeito ao uso de novas tecnologias. No mesmo sentido, Marques (2006, p 19) comenta:

Imersa em sua cultura-ambiente, a escola é, por ela, penetrada, não podendo, por isso, colocar-se à margem dos dinamismos socioculturais, sob pena de se condenar à inércia e à defasagem histórica. Destarte, as novas tecnologias da informação, mais do que recursos a que importa apelar, significam, para a educação escolar, especialmente para o trabalho em sala de aula, desafios outros que se imprimem às distintas articulações de linguagens, ao mundo, à sociedade, à cultura e às identidades sociais e singularizadas.

Dessa forma, percebo que o professor se vê na necessidade de preparar suas aulas numa perspectiva que atenda também aos anseios tecnológicos que os alunos vivenciam, haja vista que o mundo lá fora se apresenta para os alunos de forma dinâmica e a sala de aula, de certa forma, um ambiente monótono.

Assim, os próximos parágrafos apresentam um pequeno contexto histórico em forma de memorial anterior a minha carreira de professor, com o objetivo de estabelecer um *link* às atividades que passei a desenvolver em sala. Todos esses fatores, de certa forma, contribuíram e me impulsionaram a realizar esta pesquisa.

As tecnologias, de um modo geral, sempre despertaram meu interesse e instigaram minha curiosidade. A lembrança inicial que tenho dos primeiros contatos com meios tecnológicos me remete ao rádio e dos momentos que a família se reunia à noite para ouvir rádio-novela e notícias, isso por volta dos quatro anos de idade. Logo em seguida meu pai teve o impulso de adquirir uma televisão, que para minha idade, em torno dos cinco anos, trazia uma sensação de encantamento, sonho e magia ao observar as imagens em movimento naquele aparelho. Mais adiante outros meios tecnologizados foram surgindo no meu cotidiano. O rádio cedeu lugar ao aparelho de som e o despertador foi substituído pelo rádio-relógio.

Aos 16 anos de idade eu já percebia o avanço desses meios e equipamentos de forma constante e progressiva e, aos poucos, começaram a aparecer as máquinas de *pinball*⁶

⁵ Na perspectiva da mediação, “a criança (sujeito) e o conhecimento (objeto), se relacionam através da interação do social. Não há, portanto, uma relação direta do conhecimento (como algo abstrato) com a criança. Isto equivale a afirmar que o conhecimento não existe sozinho. Existe sempre impregnado em algo humano (ou um ser humano ou uma criatura humana, como o livro, um aparelho, o meio social). Na educação escolar, o professor passa a ter a função de mediador entre o conhecimento historicamente acumulado e o aluno” (SANTA CATARINA, 1998, p. 11).

⁶ Pinball é um jogo eletromecânico onde o jogador manipula duas ou mais 'palhetas' de modo a evitar que uma

na cidade de Massaranduba e logo em seguida os fliperamas⁷. Por volta dos 18 anos tive a oportunidade de realizar um sonho dos adolescentes da época, adquirir um vídeo game *Atari*⁸.

O fato de ter vivenciado o momento histórico que descrevi talvez me credenciou para ser requisitado em casa a arrumar os equipamentos eletrônicos que se apresentavam “desregulados” como dizia meu pai. É claro que isso nem sempre acontecia e, algumas vezes, eles acabavam estragados definitivamente. Dessa forma fui me familiarizando com a tecnologia da época e com as novidades que surgiam.

Quanto à escola, ao iniciar a carreira de professor, a era da informática ainda não fazia parte do cotidiano escolar e muito menos das salas de aula e as aulas eram longamente expositivas.

Em 1993, a direção da Escola Básica Felipe Manke, com apoio dos professores, decidiu adquirir o primeiro computador. Inicialmente a direção e professores colaboraram espontaneamente para angariar fundos e realizar uma rifa e concretizar a compra do computador.

Esse computador foi adquirido para trabalhos de secretaria, para os professores digitarem suas provas e para os primeiros contatos dos alunos com a máquina, quando houvesse alguma oportunidade. Sua instalação foi realizada na sala dos professores, atual biblioteca. A escola, pertencente à antiga 19ª Coordenadoria Regional de Educação, atual 24ª Gerência Regional de Educação (doravante GERED) foi uma das primeiras a adquirir um computador, sendo elogiada pela iniciativa.

Naquela época, o sistema operacional *windows* ainda não tinha o *status* que possui hoje. O computador se limitava a digitações por meio de um programa chamado Facil, que era executado no MS-DOS⁹.

ou mais bolas de metal caíam no espaço existente na parte inferior da área de jogo. A bola, quando entra em contato com certos objetos espalhados pela área de jogo, aumenta a pontuação do jogador. As primeiras máquinas eram mecânicas e ao longo das décadas foram se sofisticando. Na segunda metade dos anos 70, incorporaram importantes avanços, passando a apresentar painéis de pontuação digitais (displays de LEDs), efeitos sonoros e visuais mais interessantes e maior complexidade de jogo. No início dos anos 80, passaram a incorporar fala sintética. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pinball>>. Acesso em: 24 nov. 2010.

⁷ Arcade ou fliperama, como é tradicionalmente conhecido no Brasil, é um videogame profissional usado em estabelecimentos de entretenimento. Este vídeo game é composto por um gabinete (caixa de madeira ou material plástico), tubo de imagem (CRT), monitor (componentes para geração da imagem, como fly-back, resistores, capacitores etc), fonte de alimentação, e sistema de jogo. Este último varia de acordo com o fabricante do jogo, sendo alguns compostos por uma única placa (PCB), ou conjuntos como placa-mãe e cartuchos (ex; SNK Neo-Geo e a Capcom CPS-2 e 3). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arcade>>. Acesso em: 24 nov. 2010.

⁸ Foi um vídeo game projetado por Jay Miner e lançado em 1977 nos Estados Unidos e em 1983 no Brasil. Considerado um símbolo cultural dos anos 80, foi um fenômeno de vendas no Brasil entre os anos de 1984 a 1986 e seus jogos permanecem na memória de muitos que viveram a juventude nesta época. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atari_2600>. Acesso em: 11 ago. 2010.

⁹ Sigla para Disk Operating Systems, é o nome dado ao sistema operacional presente na maioria dos computadores entre 1981 e o surgimento do Windows 95. O mais comum era o MS-DOS, criado para a IBM

No período de 1993 a 2000, após reuniões com a direção e professores, algumas mudanças foram instituídas na escola, como por exemplo, a informatização e a criação de salas ambiente. Os alunos passaram a se deslocar para as salas específicas no momento que tocava o sinal quando se encerrava uma aula¹⁰.

Então, no ano de 2000, quando os meios informatizados começavam a ter espaço na educação, a direção da escola sugeriu a colocação de um computador na sala ambiente de Português e Inglês. Em função de, entre os professores da escola, somente eu haver realizado curso de computação, a direção da escola, em reunião realizada com professores e funcionários, apontou como um dos fatores para a escolha dessa sala. Segundo o diretor da escola, isso também seria um incentivo aos alunos, demonstrando que havia a necessidade de qualificação e aperfeiçoamento para quem desejasse transmitir conhecimentos técnicos, seja nas mais diversas áreas das atividades humanas. Assim, talvez a escola estivesse cumprindo o papel social de orientadora no que diz respeito à valorização dos estudos e sua importância em sociedade.

O passo inicial para o uso do computador em sala de aula foi sua localização. Solicitei que ele fosse colocado no fundo da sala a fim de não distrair os alunos enquanto um grupo estivesse trabalhando. O segundo passo foi planejar as aulas. Como esse trabalho visava oferecer informações sobre o computador e seu uso aos alunos, as aulas deveriam ser preferencialmente práticas. Dependendo da necessidade, trabalhava com todos os alunos ou formava pequenos grupos. Nesses grupos, havia sempre um aluno monitor que conhecia um pouco do computador e ajudava os colegas. Quando isso não era possível, solicitavam minha ajuda. Nesses casos era exposto o problema para a classe e abria-se oportunidade para alguém ajudar. Depois de esgotadas as opiniões e possibilidades, discutíamos o problema e chegávamos à solução. As atividades grupais no computador eram desenvolvidas enquanto os demais alunos trabalhavam com leitura, produção textual ou outra atividade. Ficava acordado, previamente, com os alunos que, quem estivesse desenvolvendo este estudo diversificado, deveria resolver as atividades comuns da aula em casa ou continuar assim que terminasse este trabalho. Normalmente o trabalho com o computador durava em torno de vinte a trinta minutos, o que possibilitava, em aulas geminadas, um trabalho com três a quatro grupos.

Dessa forma, passei a desenvolver esse trabalho diferencial com os alunos da Escola de Educação Básica Felipe Manke (doravante EEBFM) nas aulas de LP e LEI. Em um

pela Microsoft de Bill Gates, também responsável pelo desenvolvimento do Windows. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL394654-15524,00-O+QUE+E+DOS.html>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

¹⁰ Informações mais detalhadas desse espaço encontram-se na seção que trata da descrição do campo de pesquisa.

primeiro momento, levei os alunos a conhecerem a máquina, partes dela, o teclado, o *mouse*, o gabinete, o monitor etc. Coscarelli (2007, p. 34) aponta que “precisamos lembrar que as crianças precisam desenvolver o controle do mouse”.

Após essa inserção aos componentes de *hardware* que boa parte dos alunos desconhecia, o próximo passo foi apresentar a máquina no sentido de usá-la para trabalhos escolares e nas atividades cotidianas das aulas. Os primeiros contatos foram para a digitação de textos. Mais adiante, as atividades foram sendo diversificadas e houve formatação de trabalhos com o gênero reportagem, com orientações para mudança de fonte, inserção de figuras, noções básicas de metodologia científica para produção de trabalhos escolares (capa, folha de rosto, sumário etc), produção de livro de piadas. O *powerpoint* foi também um recurso muito utilizado, tanto para a aprendizagem e utilização do *software* em si como também para a socialização de trabalhos desenvolvidos em sala. Uma das atividades que envolvia o uso do *powerpoint* destinava-se à apresentação em *slide* de livros de literatura que foram lidos pelos alunos. Os alunos preparavam sua apresentação, a qual seguia alguns critérios que eu definia, como por exemplo o número de *slides*, o que o *slide* inicial deveria apresentar (nome da escola, matéria, professor, título do trabalho, nome do aluno, local e data) e inserção de imagens relacionadas ao texto escrito. Quando os alunos já estavam mais familiarizados com a máquina, no que diz respeito a formatações e configurações dos editores de texto, por volta do final do primeiro bimestre, as práticas de letramentos digitais aproximavam-se do uso da internet para a criação de *e-mail* (Apêndice A) e *blog* (Figura 01).

Figura 01: Imagem do blog criado com alunos da 5ª série

5ª SÉRIE

Somos alunos da 5ª série, período vespertino, da Escola de Ensino Fundamental "Felipe Manke". Nossa escola é estadual e está localizada no interior do município de Massaranduba, na região de Massarandubinha, no Estado de Santa Catarina. Este projeto foi desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa com a orientação do Professor Lacerio.

SEÇÃO DIVERTIDA

PIADAS

O marinho vendendo laranjas num cruzamento ficou gritando:
- Olha a laranja! Olha a laranja!
Ao que um senhor perguntou:
- É doce?
- Claro que não moço! Se não eu ia estar gritando "Olha o doce!"
<<<<<<>>>>>>

Dois amigos conversando:
- Ontem o Fernando morreu.
- O que ele tinha?
- Quase nada. Um carro velho e pouco dinheiro.
<<<<<<>>>>>>

Dois locas conversando:
- Ontem comprei um relógio digital.
- Que marca é?
- A hora, claro.
<<<<<<>>>>>>

O médico curtiu
Após a consulta, o sujeito perguntou ao médico:
- Quanto é a consulta, doutor?

NOTÍCIAS

1. Entre o dia 05 e 06 de agosto, a nossa escola foi assaltada, deixando-nos em situação difícil.

2. Em 2006, nossa escola mudou-se o Ensino Médio, que é uma extensão da Escola de Educação Básica "Maria Kondor-Bomhusen".

Fonte: <<http://quintaserievespertino.blogspot.com/>>

Nos momentos em que o uso da internet era oferecido, percebia-se uma motivação

maior por parte dos alunos. Era com entusiasmo que cada aluno divulgava seu *e-mail* no quadro-negro após sua criação para os colegas anotarem para futuras interações. Segundo Coscarelli (2007, p. 34) “o que desperta muito o interesse dos alunos é o famoso *e-mail*. Enviar e-mails para os colegas, por exemplo, é uma atividade prazerosa e que contribui para o letramento digital” (grifo da autora).

Quando se tratava de trabalhos que possibilitam a socialização, esta era feita, inicialmente, em sala de aula, com o intuito dos alunos terem um pequeno aprendizado inicial para depois apresentarem, alguns deles, em feira de Ciências ou outros eventos que a escola promovia. Nesses momentos de apresentações, algumas equipes de alunos utilizavam o computador e câmera digital para capturar imagem dos visitantes e apresentá-las no computador, em tempo real. Todas essas atividades seguiam o plano de curso da disciplina e foram inseridas no decorrer do ano, de maneira progressiva.

Os domínios da máquina em si são os primeiros passos para as práticas de letramentos digitais, mas o professor pode propor também visitas a sites para as crianças com intuito de elas

aprenderem a noção de link e os recursos que sinalizam esse mecanismo, como a transformação do cursor em uma mãozinha ou outro ícone, o escrito azul sublinhado ou apenas uma palavra sublinhada. Aprendem também os ícones que marcam que a página está sendo carregada e que, portanto, o usuário dever [sic] esperar um pouco, como, por exemplo, a ampulheta, barras que vão sendo preenchidas com uma color, [sic] entre outros sinais. As crianças se familiarizarão também com ícones básicos, reconhecendo-os e sabendo usá-los, em vários programas (COSCARRELLI, 2007, p. 34).

Com essa prática, verifiquei um interesse maior nos alunos e uma preocupação em fazer as atividades corretamente, revisando e discutindo nos grupos, dando-se sugestões. “Torna-se cada vez mais necessário um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso monológico da resposta certa, da sequência linear de conteúdos, de estruturas rígidas dos saberes prontos [...]” (GUIMARÃES e DIAS, 2003, p. 23).

O trabalho desenvolvido parecia aproximar mais os alunos em relação a mim e aos próprios colegas de sala, pois viabilizava mais o diálogo para troca de ideias sobre quais procedimentos adotar para a realização das atividades propostas. Mercado (2002, p. 13) sinaliza que “com as Novas Tecnologias da Informação abrem-se novas possibilidades à educação, exigindo uma nova postura do educador”.

Refletindo sobre a prática pedagógica descrita anteriormente, compreendi que,

além de construir conhecimento sobre LP e LEI, estava auxiliando os alunos a construírem conhecimento em relação às práticas sobre o uso das TIC na participação de eventos de letramentos digitais. Talvez possibilitando formas de acompanhar os avanços tecnológicos e permitir a inserção em uma sociedade digitalizada. E isso me levou a um outro empreendimento.

1.2 O DESPERTAR ACADÊMICO

A pós-graduação *strictu sensu* é uma fase da vida estudantil de novas descobertas, desconstruções e ressignificações de conceitos. Nesse sentido, sinto-me confiante em dizer que ao findar a graduação em Letras e a pós-graduação *lato sensu*, retornar à universidade e ingressar no mestrado em educação foi uma nova etapa na minha caminhada acadêmica, haja vista o aprofundamento teórico construído em um período tão pequeno de formação, por isso proponho o título desta seção “o despertar acadêmico”.

Meu despertar iniciou-se diante da necessidade de se pesquisar mais a respeito do letramento digital. Por isso decidi realizar a pesquisa inscrevendo-me no Programa de Pós-graduação em Educação (de agora em diante PPGE/ME) da Universidade Regional de Blumenau (doravante FURB). Minha pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Linguagem e Educação, (doravante LE).

Nas aulas iniciais do mestrado fui construindo os ideais da pesquisa. Minha intenção inicial era pesquisar os letramentos digitais relacionando-os ao mundo do trabalho. Naquela oportunidade cheguei a utilizar a entrevista individual como instrumento em um projeto-piloto que visava coletar dados sobre os letramentos digitais e o mundo do trabalho com alunos egressos da EEBFM e de escolas de cidades vizinhas como Blumenau, Guarapiranga e Jaraguá do Sul (Apêndice B). Porém, com as orientações dos professores, fui percebendo, aos poucos, que a metodologia que eu desenvolvia com os alunos em sala de aula, como descrito anteriormente, não se limitava ao mundo do trabalho, pois letramento é uma prática social (KLEIMAN, 1995). Nesse sentido, compreendi que poderia pesquisar os letramentos digitais em outras “esferas da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Dessa forma, propus-me a dar início à pesquisa tendo como norte o que sugere Eco (1991, p. 51) no que diz respeito aos cuidados em relação à escolha do tema:

[...] as regras para a escolha do tema são quatro:

- 1) Que o tema responda aos interesses do candidato (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa);
- 2) Que as fontes de consulta sejam acessíveis, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
- 3) Que as fontes de consulta sejam manejáveis, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) Que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.

Assim, situei-me nesse contexto que aponta Eco (1991), pois meu interesse sempre esteve ligado aos meios digitais como dito inicialmente e o acesso às informações no que tange aos sujeitos e ao campo de pesquisa também estavam ao meu alcance.

Nesse aspecto, priorizei alunos de ensino médio envolvidos em práticas sociais de letramentos digitais. Na mesma direção, Bogdan e Biklen (1994, p. 91) sugerem ao pesquisador que “tenha as suas preferências, mas deixe que o foco lhe seja sugerido pelo contexto”.

Quivy e Campenhoudt (1998) também orientam para a formulação de uma pergunta para o projeto de investigação, a fim de se chegar o mais próximo possível do que se procura saber, elucidar e compreender. Assim, a questão que norteia esta investigação é: que sentidos os alunos constroem sobre as práticas de letramentos digitais das quais participam?

A pergunta de partida gerou grande expectativa de minha parte, pois como professor e com os conhecimentos empíricos que tinha, eu pensava muito no trabalho que desenvolvia com os alunos, fato este que fui, aos poucos, percebendo ser um equívoco, já que ali eu me encontrava na situação de pesquisador.

Em ciências sociais, a nossa bagagem supostamente “teórica” comporta numerosas armadilhas, dado que uma grande parte das nossas ideias se inspiram nas aparências imediatas ou em posições parciais. Frequentemente, não mais do que ilusões e preconceitos. Construir sobre tais premissas equivale a construir sobre areia. Daí a importância da ruptura, que consiste precisamente em romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreender as coisas. A ruptura é, portanto, o primeiro acto constitutivo do procedimento científico. (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 26).

Com leituras, releituras, discussões e colaborações dos professores e dos colegas do mestrado da linha LE, definiu-se o objetivo geral desta investigação: compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio. Como objetivos específicos este estudo procura descrever eventos de letramentos digitais dos quais os alunos participam; analisar a inserção de alunos em práticas de letramentos digitais no espaço escolar e refletir sobre os ecos dos letramentos digitais.

Elaborada a pergunta de pesquisa, traçados os objetivos, delimitado o campo e os sujeitos da pesquisa, havia a necessidade de se pesquisar os caminhos percorridos por outros pesquisadores em relação aos letramentos digitais demarcando, nesta busca, o espaço escolar e alunos como sujeitos. É o que exponho na próxima seção.

1.3 O ESTADO DA ARTE

O objetivo desta seção é trazer os estudos já realizados sobre os letramentos digitais no que se refere a aproximações e distanciamentos do tema em relação a esta pesquisa, apontando dessa maneira a pertinência deste estudo no que diz respeito ao seu diferencial.

A construção inicial do estado da arte partiu da busca no local de inserção desta pesquisa, o PPGE/ME da FURB. A primeira medida tomada foi limitar a busca no banco de dados da instituição para a palavra-chave letramentos digitais e em seguida aplicar um recorte temporal de cinco anos (2005-2009). Com essa precaução se evitou leituras que não condiziam com esta proposta de pesquisa.

Nesse primeiro local de buscas, duas dissertações se assemelham a esta no que diz respeito ao tema. A primeira dissertação é de Demarchi (2006) intitulada “Tecnologias na escola: o mito de Sísifo ou um salto na aprendizagem”. A pesquisa objetiva analisar como as escolas que possuem condições de infra-estrutura e equipamentos digitais, estão implementando os programas de inclusão digital, e também compreender elementos determinantes para o sucesso das salas informatizadas. Os sujeitos da investigação são professores e gestores. A pesquisa está apoiada em autores que tratam de modernidade, tecnologia, sociedade e escola. Demarchi (2006) conclui que fatores como o conhecimento numa perspectiva de cooperação e construção, a participação e envolvimento, o trabalho coletivo e a autonomia de gestores, professores e alunos, potencializa a aprendizagem dos alunos na sala informatizada.

A segunda pesquisa é de Machado (2008), cujo título é “Interação: um olhar para o ambiente de aprendizagem virtual a distância”. O estudo em questão tem como objetivo analisar como acontece a interação entre professor-aluno e alunos entre si em um ambiente de aprendizagem virtual a distância. A pesquisadora também objetiva conhecer a estrutura e o funcionamento de um curso a distância que utiliza a internet como meio comunicativo;

analisar os discursos que permeiam a interação nesse espaço de aprendizagem; refletir sobre o letramento digital e suas implicações para a educação a distância e identificar as vozes que promovem a participação do sujeito inscrito em um curso dessa natureza. A autora apóia suas ideias no viés enunciativo do Círculo de Bakhtin e na concepção vygotskyana de aprendizagem. Machado (2008) chega à conclusão que o ambiente virtual possui uma estrutura parecida com a de uma sala de aula presencial e que os elementos essenciais para que aconteça a interação são o professor, o aluno, o conteúdo, a estrutura administrativa, o ambiente virtual propriamente dito, o letramento digital e a aprendizagem, sendo as vozes do professor e dos alunos constituintes da interação. A autora também percebe falta de incentivo governamental e particular e necessidade de mudança da sociedade em relação às práticas advindas do meio digital por este se apresentar muito dinâmico. Machado (2008) propõe reflexão e aquisição de conhecimento para sujeitos que buscam inclusão digital.

Diante das pesquisas apresentadas até o momento do banco de dados desta instituição é possível observar apenas uma aproximação quanto ao tema. No entanto há um distanciamento entre esta pesquisa em relação ao aporte teórico apontado, ao campo, aos sujeitos e ao enfoque dado ao uso das novas tecnologias, principalmente.

Outro local para onde foram direcionadas as buscas foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (doravante BDTD). Nesse movimento de pesquisa também foi aplicado um recorte temporal de cinco anos (2005-2009) e a palavra-chave letramentos digitais. No entanto os resultados foram muito extensos. A busca foi então refinada para as seguintes palavras-chave: letramentos digitais, escola e alunos. Foram encontradas duas dissertações e duas teses que se aproximam desta pesquisa no que diz respeito ao refinamento das palavras-chave.

Uma pesquisa inicial encontrada foi de Cortez (2007) “Atividades de inglês mediadas pelo computador: um caminho para o letramento digital” que investiga experiências de aprendizagem que foram desenvolvidas com um grupo de oito alunos de sexta série do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de São Paulo, ao fazerem um curso de inglês mediado pelo computador. A pesquisa se fundamenta nos pressupostos sociointeracionais de aprendizagem de Vygotsky. A pesquisadora conclui que um curso de inglês mediado pelo computador é um caminho viável para o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira e do qual pode resultar um aprendizado tanto tecnológico como linguístico.

Outro estudo verificado é de Rodrigues (2008) “O uso de *blogs* como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola”. A pesquisa tem como foco central a produção de *blogs* e busca investigar as possibilidades que os novos gêneros digitais oferecem para o

ensino de produção de texto na escola. O estudo apóia-se nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada e nos estudos dos letramentos digitais. A pesquisa parte do pressuposto de que é desejável trazer para sala de aula as experiências de linguagem que os alunos já vivenciam em seu cotidiano. O estudo investiga os resultados de dois estudos realizados a partir de atividades propostas para alunos do ensino médio em uma escola particular, cujas salas de aula eram todas equipadas para uso de tecnologia. Os resultados apontam que é pertinente utilizar o *blog* como uma ferramenta pedagógica, e que o uso desse recurso é motivador para os alunos e pode gerar produções complexas e criativas.

As duas dissertações expostas encontradas na BDTD aproximam-se desta pois ambas têm como objeto da investigação sujeitos inseridos em um contexto específico com enfoque no letramento digital. No entanto há um distanciamento na pesquisa de Cortez (2007) quando seu estudo é direcionado para a observação de um instrumento tecnológico específico em sala de aula, no caso o computador como ferramenta pedagógica. Em Rodrigues (2008) o distanciamento observado está na expectativa do emprego de um gênero digital, o *blog*, em sala de aula, enquanto que nesta pesquisa busca-se compreender quais os sentidos de práticas de letramento digital para alunos de ensino médio.

As duas teses de doutorado que serão apresentadas a seguir se aproximam desta pesquisa pelo fato de investigarem estudantes envolvidos em contexto digitais de determinadas escolas.

Takaki (2008) intitula sua tese “Letramento na sociedade digital: navegar é e não é preciso.” O objetivo é investigar como estudantes universitários, usuários da internet, de diferentes cursos, em universidades públicas e privadas, constroem sentidos, a partir de seus contextos sócio-culturais, em relação às diferentes formas de prática social e respectivas epistemologias. O estudo tem base teórica no letramento crítico e hermenêutica crítica. A conclusão revela que a internet representa um espaço propício para a construção de conhecimento e sugere que certeza e incerteza coexistem no processo de navegação, conforme a construção de sentidos dos participantes na qual visões convencionais e mais críticas se mesclam. Há um distanciamento para esta dissertação do ponto de vista teórico e ao processo de investigação, pelo qual se verificaram as práticas sociais e epistemológicas da navegação na internet.

Outra tese de doutorado que se aproxima desta dissertação pelos motivos mencionados acima é de Fiorelli (2009), “Práticas de letramento na rede. Ações discursivas, agência e o papel do outro na construção da autoria”. Seu objetivo é verificar de que forma o meio virtual pode contribuir para um trabalho com produção de texto por meio de textos que

circulam nesse espaço com alunos do nono ano do ensino fundamental. O estudo tem base nas vertentes teóricas sócio-interacionista e sócio-retórica. Após intervenção via comentários que alunos fizeram em textos de colegas por meio de uma ferramenta digital chamada *Wiki*, a pesquisadora constatou tomada de consciência e aprimoramento no processo de escrita e percepção em relação ao discurso do outro. O estudo também apontou para uma aproximação e uma abertura quanto a possíveis contribuições à aprendizagem de seus pares. O distanciamento que pode ser visto aqui dessa pesquisa para esta é no que tange ao uso dos meios digitais, pois há um direcionamento de que ferramenta utilizar por parte do pesquisador.

Finalizadas as buscas na BDTD e na IBICT, outros locais de busca também foram pesquisados a fim de verificar estudos semelhantes a este. O primeiro passo foi observar os trabalhos publicados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) no GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita. Em seguida a busca foi direcionada para a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) no GT19 - Linguagem e Tecnologia, no GT20 - Linguagem, Enunciação e Trabalho e no GT21 - Linguística Aplicada, no entanto não foram encontrados trabalhos que pudessem ser discutidos dentro desta perspectiva, finalizando assim o estado da arte.

Frente às pesquisas apresentadas no estado da arte e os contornos profissionais descritos anteriormente que contribuiriam para delimitação desta pesquisa de mestrado, a próxima seção contempla o vínculo deste estudo à linha LE do Mestrado em Educação da FURB.

1.4 JUSTIFICATIVA

[...] a própria biografia pessoal influencia, de forma decisiva, a orientação de um trabalho. [...] Independentemente da forma como surge um tópico, é essencial que ele seja importante e estimulante para si. Em investigação, a autodisciplina só o pode levar até um certo ponto. Sem um toque de paixão pode não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-se a realizar um trabalho banal (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 85-86).

Os avanços tecnológicos sempre me desafiaram e despertaram meu interesse particular desde minha infância até a atuação como professor e posso confessar que ainda

sinto-me ansioso e curioso quando há uma novidade tecnológica.

Dessa forma, quando o computador foi inserido na escola no ano 2000, procurei associar as aulas de LP e LEI à utilização do uso do computador para atividades como a utilização de editor de texto, apresentação de *slides* e internet. No início, pude perceber que os alunos buscavam conhecimento nessa área e ainda eram dependentes do professor. Hoje, essa relação parece ser diferente em função das facilidades para a aquisição dos meios tecnológicos e os alunos chegarem à escola com mais conhecimentos quanto aos seus usos. Esses fatores fizeram com que eu me questionasse sobre a mudança que vem ocorrendo no espaço escolar com o advento da tecnologia e como essas mudanças se refletem em outras práticas sociais das quais os alunos participam, sejam na família ou no ambiente de trabalho.

Assim, iniciei o Mestrado em Educação da FURB, pois este possibilita reflexão da ação pedagógica do professor, tanto com relação às teorias estudadas, quanto em relação à metodologia de trabalho docente. A linha de pesquisa LE, além de buscar compreensão das práticas de letramentos digitais, abre espaço para discussão e debate nesse aspecto tão crescente em nossa sociedade nas últimas décadas: os avanços tecnológicos. Estes avanços não estão mais presentes somente nos grandes centros urbanos, mas em comunidades menores, como é o caso da comunidade onde a escola e os sujeitos da minha pesquisa estão inseridos. Dessa forma, a oportunidade de realizar esta pesquisa abre caminho para contribuições, reflexões e novos questionamentos quanto aos letramentos digitais tanto relacionado ao aspecto macro quanto ao contexto local.

Outro fator a ser apontado diz respeito ao levantamento que realizei no estado da arte e constatar que as pesquisas realizadas até o presente momento contemplam campos bem distintos do que vou pesquisar e sujeitos que vivem em áreas urbanas. Esta pesquisa situa-se em um contexto bem diferente, neste caso uma área rural. Dessa forma, tem-se a oportunidade de averiguar, também, a inserção dos meios digitais no interior de um município pertencente à área rural de uma escola do interior do município de Massaranduba.

Assim, esta pesquisa justifica-se pela carência de trabalhos que focam sujeitos moradores de áreas rurais do interior de municípios inseridos em contextos digitais. A presente pesquisa pode trazer, também, contribuições para a educação e se estender para futuras investigações em outras áreas do conhecimento, já que se busca compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio.

1.5 A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta seção destina-se a apresentar a estrutura adotada para o desenvolvimento desta dissertação. O segundo capítulo desta investigação apresenta os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo. O aporte teórico-metodológico está apoiado em Bauer e Gaskell (2002), Bogdan e Biklen (1994) e Marcuschi (1986). O instrumento para a coleta de dados foi a entrevista individual semiestruturada gravada em áudio. Em seguida há a descrição do campo de pesquisa, a EEBFM, localizada no interior do município de Massaranduba, Santa Catarina e a contextualização dos sujeitos envolvidos neste estudo, cinco alunos da 1ª série do ensino médio. Como complementação à coleta de dados, foram realizadas visitas domiciliares e neste capítulo há uma seção que apresenta esse relato.

No terceiro capítulo abre-se espaço para tratar da linguagem sob o viés enunciativo do Círculo de Bakhtin. As discussões em torno desse capítulo estão pautadas nas concepções de Bakhtin (1997; 2006). Segundo o autor, a linguagem é polêmica e contraditória, efetivando-se num movimento de alteridade entre sujeitos axiologicamente constituídos. Logo em seguida, há uma incursão às concepções de letramento. Primeiramente são apresentadas as reflexões de Soares (2001; 2003), com um breve histórico do surgimento do letramento e as discussões iniciais geradas no Brasil. É traçado um paralelo à alfabetização, que na visão da autora remete o processo de letramento a uma reinvenção da alfabetização. Em um segundo momento, apoio-me em Kleiman (1995; 2007) discutindo o letramento numa perspectiva de prática social, na qual outras agências de letramento também aparecem, não se limitando essa prática somente à escola. Essas discussões e reflexões também aproximam outros autores como Gee (2005), Heath (2004) e Street (2003). Em seguida há uma seção que trata dos letramentos digitais e se procura de início apresentar a pluralidade da concepção de letramento, aproximando desse contexto autores como Barton e Hamilton (1998). Mais adiante, tece-se um pequeno relato sobre a intenção do governo brasileiro em instituir os letramentos digitais nas escolas. Apoiado em Buzato (2006; 2009), Chartier (2002), Coscarelli (2003; 2007), Lévy (1996; 1999; 2004), Marcuschi (2004), Marques (2006), Mercado (2002), Rojo (2008; 2009) e Prensky (2001) entre outros, tenta-se compreender os letramentos digitais também como uma prática social a qual aponta a escola como um espaço para propiciar o uso das TIC.

No quarto capítulo apresenta-se a análise dos dados coletados por meio da visita

domiciliar e da entrevista individual dos sujeitos. Seus enunciados são relacionados e analisados à luz dos pressupostos teóricos discutidos no viés enunciativo do Círculo de Bakhtin e na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento.

Nas considerações finais há uma retomada dos objetivos propostos para a execução deste estudo, são apresentados os propósitos alcançados com esta pesquisa e uma reflexão sobre os resultados obtidos e as possíveis contribuições que esta investigação pode trazer à educação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objectivo. Expôr o procedimento científico consiste, portanto, em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação. Os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenómenos ou domínios (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1998, p. 25).

Este capítulo tem como proposta inicial apresentar os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta investigação. Inicialmente o capítulo situa o carácter da pesquisa, os instrumentos para a coleta de dados, o aporte teórico para as transcrições da entrevista e o referencial teórico para a análise dos dados. Em segundo momento há a descrição do campo de pesquisa com relação à localização, dimensão predial e territorial, a dimensão administrativa e pedagógica e a dimensão financeira. Finalizando este capítulo, há a contextualização dos sujeitos e os procedimentos adotados para a limitação do número de sujeitos.

2.1 A PESQUISA

Esta pesquisa segue os pressupostos da abordagem qualitativa de cunho interpretativo. Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51) descrevem a pesquisa qualitativa com cinco características: contato direto do pesquisador com a fonte; coleta de dados descritiva; verificação de como o problema se manifesta nas atividades; oportunidade de focalizar o ponto de vista dos participantes e a despreocupação em comprovar hipóteses iniciais aos estudos. De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p. 65) a pesquisa qualitativa objetiva “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”.

O contexto em que esta pesquisa se situa, o qual será descrito mais adiante em seção específica, caracteriza este estudo como um estudo de caso. Nessa perspectiva, Merriam (1988, apud Bauer e Gaskell, 2002, p. 89) sustenta que “o estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Bogdan e Biklen (1994, p. 91) fazem o seguinte comentário a

respeito dos estudos de caso:

Quando falamos acerca de um *grupo*, numa organização, como foco de estudo, estamos a utilizar a palavra numa perspectiva sociológica, para nos referirmos a pessoas que interagem, que se identificam umas com as outras e que partilham expectativas em relação ao comportamento umas das outras (grifo dos autores).

Com apoio em Bauer e Gaskell (2002) e Bogdan e Biklen (1994) apresentam-se alguns motivos que levaram a escolha desse campo de pesquisa, a EEBFM: (1) a proximidade deste investigador em relação ao campo de pesquisa evitando assim transtornos em relação ao deslocamento em função das grandes distâncias por se tratar de interior de município; (2) estar inserido nesse contexto da unidade escolar; (3) ter a oportunidade de pesquisar uma comunidade rural gera expectativa quanto às práticas e eventos de letramentos digitais dos quais esses sujeitos participam e (4) as possibilidades de contribuição que a pesquisa pode trazer para a escola e talvez a comunidade no que se refere às práticas de letramentos digitais.

Em relação à coleta de dados, foi adotado como principal instrumento a entrevista individual, gravada com uma câmera digital modelo Sony P41, como dispositivo para captação de áudio somente, já que o foco da câmera foi voltado para um ponto neutro, a fim de preservar a identidade dos sujeitos. Para a realização da entrevista individual, seguiram-se as sugestões de Bauer e Gaskell (2002) que orientam para a elaboração de um tópico guia (Apêndice C). “É fundamental colocar tempo e esforço na construção de um tópico guia, [...] ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 66).

Os sujeitos desta pesquisa são cinco alunos da EEBFM. No ano de 2009 a 1ª série do ensino médio contava com 34 alunos matriculados. Desses, a grande maioria iniciou seus estudos no ano 2000 na EEBFM, mesmo ano em que foi iniciado o trabalho com o computador em sala de aula, como exposto na introdução desta dissertação. Dessa forma, esses alunos encontravam-se na 1ª série do ensino fundamental. Esse fato foi decisivo para a escolha dessa série.

Retomando o que foi tratado no item 2.1 desta dissertação, naquela ocasião, os alunos da 1ª série ficaram bastante curiosos com o computador na sala ambiente de Português e Inglês. Eles passavam em frente à sala e costumavam ficar olhando quando tinham uma oportunidade. Em seu cotidiano escolar, palavras como *e-mail*, *blog*, *mouse*, monitor, etc tornaram-se frequentes, pois os alunos da 5ª série em diante costumavam falar sobre essas questões nos intervalos para o lanche. Quando estavam na 4ª série já havia uma expectativa

muito grande para começar a 5ª série e ter acesso às TIC.

Assim, esta série encontrou-se em um momento histórico singular, o que despertou o desejo de pesquisá-la. No entanto, para pesquisar um grupo de 34 sujeitos em uma pesquisa de cunho interpretativo-qualitativo, alguns cuidados devem ser observados, principalmente por algumas razões que, nesse sentido, corroboram os estudos realizados na disciplina de Teoria e Prática de Pesquisa II: (a) um grupo muito numeroso irá depreender uma grande quantidade de tempo, fator que no mestrado deve ser levando em consideração; (b) uma grande quantidade de entrevistas não traz, necessariamente, uma compreensão mais detalhada do que se pretende verificar; (c) as representações de interesses comuns em grupos sociais específicos são compartilhadas e (d), para cada pesquisador há um limite de entrevistas individuais, visto que um grande número de entrevistas formaria um *corpus* exageradamente grande para uma pesquisa de mestrado. (BAUER e GASKELL, 2002).

Um dos critérios para a escolha desses sujeitos foi o fato de eles terem concluído o ensino fundamental e estarem cursando o ensino médio e isso cria uma expectativa de que, muitos deles, já estejam trabalhando e, possivelmente, participem mais ativamente de eventos de letramentos digitais na escola, em casa, no lazer ou outras esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1997). Outro critério é que eles iniciaram sua jornada escolar no ano de 2000 na 1ª série do ensino fundamental e que, apesar das atividades com o computador não terem sido realizadas diretamente com eles, esse fato repercutiu em toda escola. Nesse sentido, esses sujeitos podem revelar aspectos significativos sobre os letramentos digitais em função da sua história escolar.

Assim, como ponto de partida, levou-se até os alunos da 1ª série do ensino médio uma breve explanação da proposta de pesquisa, com uma exposição oral do que é o mestrado em educação, já que os alunos não tinham essa compreensão. Mais adiante foram apresentados os objetivos deste estudo e os procedimentos metodológicos para a coleta de dados, com explicações sobre a entrevista, como ela seria realizada e sobre a visita domiciliar. Em seguida, fez-se oralmente o convite aos alunos que teriam interesse em participar da pesquisa, ressaltando-lhes que sua identidade seria preservada e dessa forma dispensou-se o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após alguns olhares entre os alunos e alguns cochichos, três alunos se prontificaram erguendo a mão e com algumas ideias que eles trocaram entre si rapidamente, mais dois também aderiram ao projeto. Assim, esta pesquisa conta com cinco sujeitos com idade entre 14 e 16 anos.

O fato de este pesquisador ter atuado como professor da turma é outro ponto que

merece também ser sinalizado. O pesquisador precisa assumir uma postura que não comprometa a coleta de dados e buscar um distanciamento em relação a sua atuação profissional e o processo de pesquisa.

Bakhtin (1997) argumenta que cada sujeito assume sempre uma atitude que for conveniente para cada situação dialógica, construindo, dessa forma, a individualidade com a presença do outro. Para Amorim (2004, p. 29) isto “implica um trabalho de negociação com os graus de alteridade que podem suportar a pesquisa e o pesquisador”.

A fim de acertar os últimos detalhes para a realização da entrevista, foi feito um convite oral aos sujeitos para sua participação na pesquisa. Foi solicitado que eles transmitissem isso aos pais, que explicassem do que se tratava, que estariam participando como entrevistados nesta pesquisa, retornando qualquer impedimento, caso houvesse. Na semana seguinte os sujeitos mencionaram que na conversa com os pais não surgiu nenhum contratempo e houve reciprocidade no interesse em participar.

Assim, as entrevistas foram agendadas com os sujeitos entre os dias 23 e 30/11/2009 no próprio campo de pesquisa, ou seja, na EEBFM, já que isso era oportuno para eles, e com a permissão dos pais, da direção e de professores, a entrevista ocorreu na sala 01, correspondente à sala de História e Geografia, o que será contextualizado adiante.

Do ponto de vista metodológico, a entrevista individual apresenta suas vantagens e uma delas está justamente no agendamento. Bauer e Gaskell (2002, p. 78) sugerem que ela “pode ser agendada para um tempo e lugar conveniente para o entrevistado”. Ainda no que diz respeito ao procedimento metodológico em torno da entrevista individual, ela possibilita ao entrevistador:

conseguir detalhes muito mais ricos a respeito de experiências pessoais, decisões e seqüência de ações, com perguntas indagadoras dirigidas a motivações, em um contexto de informação detalhada sobre circunstâncias particulares da pessoa. O que o entrevistado diz, e a maneira como a entrevista se desenvolve, pode estar relacionado a outras características relevantes do indivíduo [...] (BAUER e GASKELL, 2002, p. 78).

Quanto aos procedimentos adotados para a transcrição das entrevistas recorreu-se às convenções sugeridas por Marcuschi (1986) com algumas adaptações. Na transcrição (Apêndice D), os turnos foram identificados para este pesquisador com a denominação “Entrevistador”. Para os sujeitos, utilizou-se a legenda **S1**, **S2**, **S3**, **S4** e **S5**. Doravante se fará menção a estes sujeitos por meio desta legenda, quando se tratar de uma chamada individual do sujeito. Na escritura dos excertos da entrevista na dissertação, foi utilizado o modo itálico

de formatação textual a fim de destacar os enunciados dos sujeitos.

Outro procedimento adotado como complementação à coleta de dados foi a visita domiciliar, visando contextualizar o ambiente em que os sujeitos passam mais tempo, o seu lar. Nesta dissertação, este recurso foi empregado com o intuito de se observar *in loco* os eventos e as práticas sociais de letramentos digitais. As informações ali obtidas vêm auxiliar o processo de análise dos dados, pois contribuem para a descrição dos eventos de letramentos digitais dos quais os sujeitos participam e compreender as relações que se estabelecem entre os sujeitos e familiares com relação aos usos das TIC. Para a realização das visitas domiciliares, foi estruturado também um tópico guia (Apêndice E).

Inicialmente houve um contato com os pais dos sujeitos, ora por telefone, ora os encontrando em algum evento nas comunidades próximas. Explicou-se aos pais que se tratava de um complemento aos dados coletados por meio da entrevista que já havia sido realizada em 2009 com seus filhos. Ressaltou-se que seria uma conversa informal a respeito de algumas atividades que seus filhos realizam em casa e que envolvem equipamentos ou meios digitais e que para isso seriam feitas algumas perguntas sobre o assunto.

Previamente agendadas as visitas, este pesquisador foi bem recebido nas casas e os pais, como também os responsáveis, demonstraram interesse em poder participar. Solicitou-se permissão para fotografar, caso houvesse, algumas situações que evidenciassem o uso de meios ou equipamentos digitais. Esclareceu-se que tudo estaria em completo sigilo e que o nome de ninguém seria revelado como também nenhuma imagem pessoal, como forma de garantir a confidencialidade dos dados. Nesse aspecto não houve ressalvas. Mais adiante, há uma seção que descreve a visita domiciliar.

Em relação à análise e discussão dos resultados, esta investigação apoia-se no viés enunciativo do Círculo de Bakhtin e na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento, buscando compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio.

2.2 O CAMPO

Esta seção trata da descrição do campo de pesquisa, a EEBFM. Para fundamentar esse relato, recorre-se ao Projeto Político Pedagógico (doravante PPP), da EEBFM. O PPP é reelaborado com a participação da comunidade escolar a cada ano com base na Lei de

Diretrizes e Bases da Educação (doravante LDB) e na PCSC.

2.2.1 Localização

A EEBFM está localizada à beira do rio Massarandubinha, na comunidade de Massarandubinha, interior do município de Massaranduba, estado de Santa Catarina. Foi criada pelo Decreto NS.E/15-4-68/6.592 em 1968, tendo inicialmente a denominação de Escolas Reunidas Felipe Manke. A escola recebeu este nome em homenagem ao Sr. Felipe Manke, próspero comerciante da localidade por volta da década de 1940-50. O Decreto nº 20/75 de 28/02/1975 passou a denominação para Escola Básica Felipe Manke. Mas no decorrer de sua história, a escola já teve outros nomes como Escola Mista Municipal de Massarandubinha (1935), Escola Municipal José do Patrocínio de Massarandubinha (1945) e Escola Desdobrada José do Patrocínio de Massarandubinha (1948). Naquela época, o município de Massaranduba ainda não havia conquistado sua emancipação e por isso a escola pertencia ao distrito de Vila Itoupava, município de Blumenau. Em 1949 passou a se chamar Escola Mista Desdobrada José do Patrocínio de Massarandubinha, pertencendo ao município de Guarimirim, distrito de Massaranduba. Em 1961 recebeu a designação de Escola Desdobrada de Massarandubinha, pertencendo então ao município de Massaranduba, pois neste mesmo ano de 1961 houve a emancipação do município de Massaranduba.

Massarandubinha é uma comunidade pequena, com cerca de 200 famílias, porém a EEBFM atende aos alunos de comunidades próximas como São Miguel, Ribeirão da Lagoa, Linha Telegráfica e Guarani-Açu, este último, o bairro em que reside este pesquisador. A escola também atende aos alunos de municípios vizinhos como Luiz Alves e São João do Itaperiú.

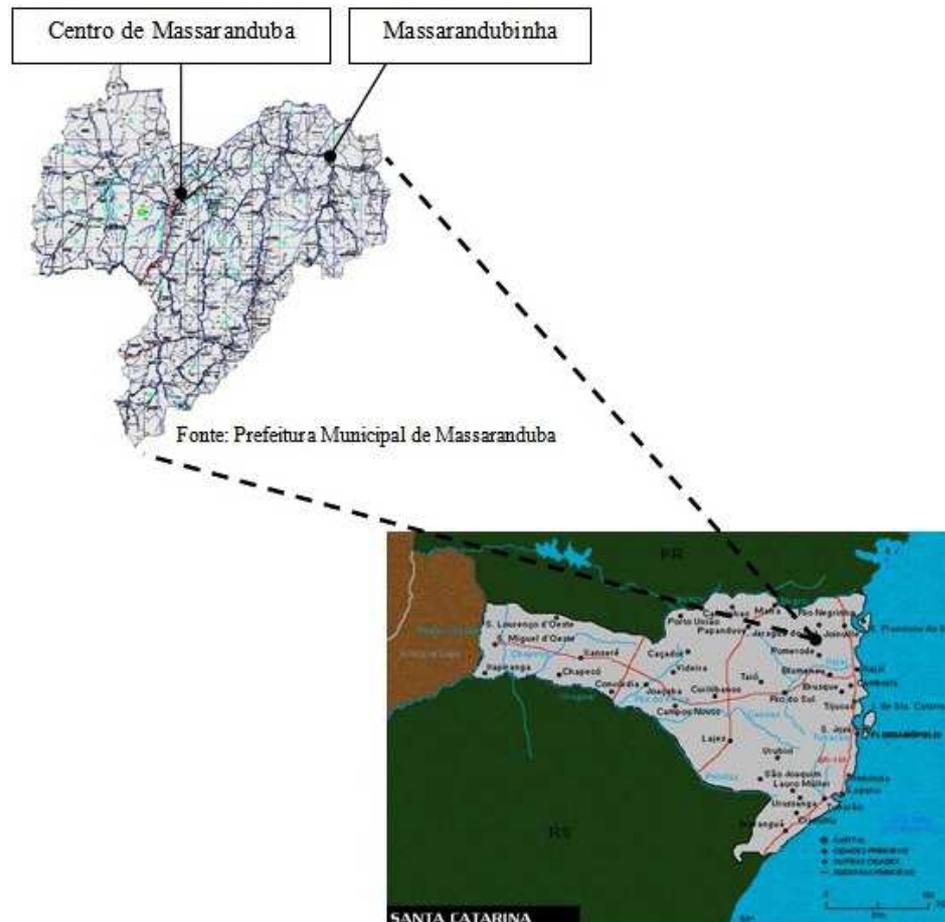
A seguir, nas figuras dois e três, pode-se ter uma noção da localização e do contexto rural no qual o campo de pesquisa está inserido.

Figura 02: Imagem de satélite da localização da EEBFM e outros pontos de referência



Fonte: Google Earth.

Figura 3: Representação do mapa do município de Massaranduba e do estado de Santa Catarina



Fonte: http://www.portalbrasil.net/images/mapa_sc.jpg

A localização interiorana dificulta o deslocamento dos moradores ao centro do município, cerca de 21 quilômetros, por isso a escola atende também necessidades locais. Como por exemplo, é comum ex-alunos da escola, que agora frequentam universidades, realizarem pesquisa na internet e em acervo da biblioteca. Outra função que a escola exerce diz respeito ao atendimento a moradores da comunidade que precisam tirar cópia de documentos, enviar *fax*, ou fazer uso dos meios informatizados ou multimídia, etc. Muitas vezes, esses moradores vêm até o espaço escolar para pedir auxílio. A escola também é local para a realização de encontros de catequese aos domingos, abriga seção de votação em época de eleições, está disponível para jogos de futebol de salão, esporte e lazer em geral para os jovens nos fins de semana.

Por estar inserida nesse contexto rural e das distâncias mencionadas, a EEBFM desempenha uma função social diferenciada em relação a outras escolas de educação básica. Ao possibilitar esses atendimentos aos moradores da comunidade, a escola abre espaço para pessoas que não frequentam mais a escola, mas que, momentaneamente, estão inseridas no contexto escolar. Muitas vezes, essas pessoas observam a movimentação dos alunos, ou de trabalhos em grupo sendo realizados, ou das aulas de Educação Física, etc. É comum, por exemplo, enquanto há atividades em sala, aparecer um pai, uma mãe, ou algum responsável por um aluno para falar sobre questões relacionadas às atividades escolares. Essas pessoas normalmente têm conhecimento das atividades escolares que estão sendo desenvolvidas por estarem presentes no espaço escolar. Seja isto por meio desses encontros informais, ou nas ocasiões em que a escola promove alguma atividade e convida toda a comunidade, como dia das mães, dos pais, dos professores, dos estudantes, etc.

Dessa forma, esse contexto também viabiliza a participação de todos, que nessas situações propicia um trabalho participativo entre família, escola e comunidade, fundamental para iniciativas de sucesso.

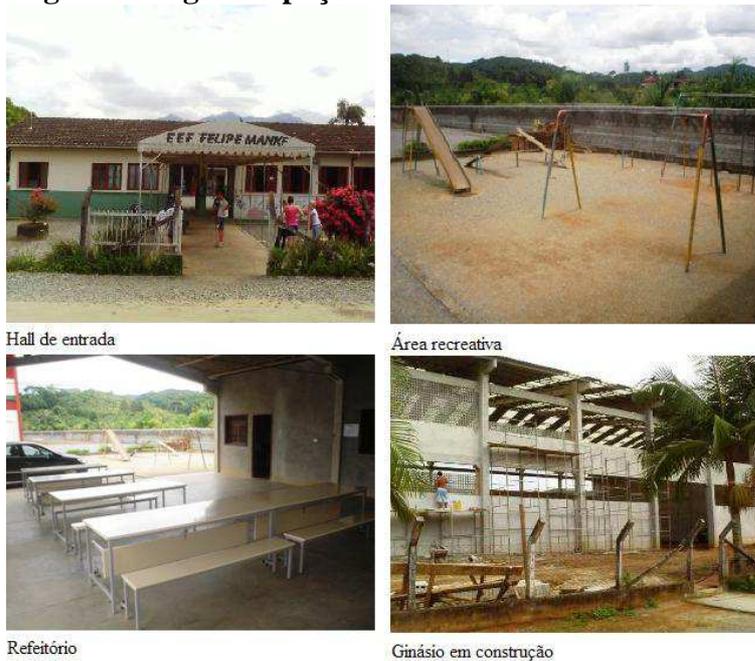
2.2.2 Dimensão predial e territorial

O terreno escolar total é de 6.560 m² com escritura própria, sendo que o mesmo foi doado pela mitra diocesana. Neste espaço há uma área construída de 936 m², que compreende o prédio escolar. Os 5.624 m² restantes abrigam o pátio da escola. Neste espaço há uma área recreativa infantil com espaço de areia para brincar contendo balanços, gangorras

e escorregadores. Atrás da escola há a horta e algumas árvores frutíferas e ornamentais. Ao lado da escola há o ginásio que está em fase de construção no espaço que era ocupado pela antiga quadra esportiva.

Quanto aos espaços internos, o prédio possui as seguintes dependências principais: uma sala de direção e secretaria, uma pequena sala de biblioteca, que abriga alguns livros para pesquisa, mas em função de seu pequeno espaço, os alunos realizam as pesquisas em mesas no galpão ou nas salas de aula, uma sala de professores, que também abriga alguns livros de pesquisa por causa da falta de espaço na biblioteca, uma cozinha com depósito de alimentos, uma sala de arquivo morto, uma sala de educação física, galpão com refeitório aberto contendo cinco mesas e bancos, sala de assistente técnico pedagógico, sala de informática e seis salas de aula. Alguns dos espaços citados podem ser vistos na figura quatro.

Figura 4: Alguns espaços escolares



Hall de entrada

Área recreativa

Refeitório

Ginásio em construção

Fonte: Arquivo do autor.

2.2.3 Dimensão administrativa e pedagógica

A escola conta com um diretor, um assistente técnico pedagógico, três serventes, dois profissionais admitidos em caráter temporário para a sala de informática e dez professores, sendo seis do quadro efetivo e quatro admitidos em caráter temporário.

Estão matriculados 256 alunos, sendo que 50 alunos são de 1ª a 4ª série e 117 são

de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. O ensino médio atende 97 alunos de 1ª a 3ª série. O ano letivo de todas as séries é organizado em quatro bimestres. O calendário escolar é composto de 200 dias de efetivo trabalho, sendo que para os alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e para os alunos de 1ª a 3ª série do ensino médio há 832 horas computado o intervalo de 15 minutos do lanche. Os alunos de 1ª a 4ª série perfazem um total de 800 horas letivas durante o ano¹¹.

A jornada escolar diurna é de quatro horas por turno com cinco aulas de 45 minutos a partir das séries finais do ensino fundamental, com início às 7h30min e término às 11h30min no período matutino. No período vespertino o início é às 12h45min e o término às 16h45min, com exceção das terças-feiras, quando há seis aulas de 40 minutos, sendo o período de aula das 7h15min às 11h30min e das 12h45min às 17h. A jornada escolar noturna é de três horas e 30 minutos, iniciando às 18h e terminando às 21h30min.

As aulas são desenvolvidas em salas ambiente organizadas da seguinte maneira:

- sala 01 – História, Geografia;
- sala 02 - Português e Inglês;
- sala 03 – Matemática e Ensino Religioso;
- sala 04 - 1ª e 2ª série;
- sala 04 - 3ª e 4ª série;
- sala 05 – Ciências e Artes;
- sala da biblioteca ao lado de História e Geografia;
- sala de Educação Física anexa aos fundos da cozinha;
- sala de informática.

As salas ambiente foram constituídas por iniciativa da direção no ano 2000 com o objetivo de diversificar a rotina escolar dos alunos. Essa atitude visava promover um momento de descontração e também de movimentação física dos alunos. Segundo a direção da escola, essa atitude traria bem-estar aos alunos, pois eles não ficariam sentados por períodos longos, 2 horas e 15 minutos até o intervalo para o lanche. Nesse aspecto, estaria se evitando alguns contratempos como, por exemplo: levantar-se na sala para ir até a carteira de um colega com o objetivo apenas de movimentar-se e no mesmo sentido, idas ao banheiro. De

¹¹ A LDB 9394/96 (Brasil, 1996, p. 18) apresenta o seguinte sobre a carga horária escolar: “Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com os seguintes critérios: I – a carga horária mínima será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver; Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola”.

acordo com a PCSC, o movimento é essencial para a criança em vários aspectos, desde a sua realização da motricidade, até no que diz respeito à afetividade e cognição.

Como descrito na introdução desta dissertação, na seção *start*, inicialmente o computador foi colocado na sala ambiente de Português e Inglês. Atualmente todas as salas ambiente possuem pelo menos um computador com acesso à internet. Nas salas ambiente das disciplinas, na sala dos professores, na secretaria da escola e na sala de informática o acesso à internet é via rádio com velocidade de 400 kbps¹² disponibilizado pela própria escola. Na sala de informática há dois servidores: um com o acesso à internet via rádio com gerenciamento para cinco monitores e outro com acesso à internet via satélite com velocidade de 100 kbps disponibilizada pelo Governo de Estado de Santa Catarina. Este servidor gerencia seis carteiras informatizadas contendo dois computadores cada uma. Ao todo há 17 computadores disponíveis na sala de informática. A figura cinco ilustra as salas ambiente da EEBFM.

Figura 5: Salas ambiente



Sala ambiente de História e Geografia



Sala ambiente de Português e Inglês



Sala ambiente de 3ª e 4ª série



Sala ambiente de Ciências e Artes



Sala ambiente de Matemática e Ensino Religioso



Sala ambiente de 1ª e 2ª série



Sala de informática

Fonte: Arquivo do autor.

As atividades físicas desenvolvidas, inclusive as aulas de Educação Física, estão prejudicadas em função da construção do ginásio de esportes. Então, alguns alunos ficam no laboratório de informática e outros realizam atividades que o professor de Educação Física propõe: jogos de xadrez, dama e, às vezes, futebol no campo do Glória Esporte Clube, que fica localizado na proximidades da escola, cerca de 500 metros.

As atividades culturais são apresentadas ou na área aberta da escola ou no galpão de madeira da escola e quando é de abrangência maior são realizadas no salão da Igreja local, Igreja Nossa Senhora da Glória, localizada também acerca de 500 metros da escola.

¹² Um kilobit por segundo (kbps or kbit/s) é uma unidade de transmissão de dados igual a 1.000 bits por segundo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kilobit_por_segundo>. Acesso em: 07 fev. 2011.

2.2.4 Dimensão Financeira

A entidade mantenedora é o Governo Estadual do Estado de Santa Catarina e os recursos oriundos são por meio da 24ª GERED e do Programa Dinheiro Direto na Escola pelo Governo Federal. Porém a Associação de Pais e Professores (doravante APP) da escola também faz promoções e a comunidade participa colaborando espontaneamente no início do ano com bingo, torneio de futsal, festa do Dia das Mães, Festa Junina, Festa do Dia dos Pais, Festa de 7 de Setembro e outros eventos que oportunamente a escola julga achar necessário promover.

Os recursos arrecadados são planejados para as despesas mensais como: contabilidade, manutenção e tarifas bancárias da conta das serventes, consertos em geral, pagamento de fatura de internet, investimentos em materiais permanentes, assinaturas de revistas, compra de material de expediente e manutenção e em projetos realizados no decorrer do ano. Nas viagens de estudos, a escola ajuda nas despesas dos alunos com dificuldades financeiras, como também busca parcerias com empresários, pais, Glória Esporte Clube, igreja local e comunidade em geral.

2.3 O CONTEXTO DOS SUJEITOS NO CAMPO DE PESQUISA

Nesta seção há um breve relato que descreve o cotidiano escolar dos alunos como também o trajeto que eles percorrem até chegar à escola com a finalidade de trazer uma pequena contextualização da realidade local até chegar aos sujeitos escolhidos para a pesquisa.

Os alunos que estudam na EEBFM utilizam, em sua grande maioria, o transporte escolar. Como se trata de interior do município, a moradia de alguns alunos chega a 25 quilômetros de distância da escola. Esse trajeto leva tempo para ser percorrido pelo transporte escolar e as ruas, com muitas curvas, acabam por dificultar. As estradas também ficam precárias em dias chuvosos, pois são apenas macadamizadas e o trajeto com pavimentação asfáltica é pequeno. Esses fatores acabam exigindo que os alunos saiam de casa muito cedo, muitos deles, inclusive, saem de madrugada.

Quando eles chegam, ocupam-se com jogos, conversas, internet e estudos nas

mesas que estão no galpão ou com futebol na quadra, quando esta estava ativa. No período vespertino também não é diferente, saem bem antes do meio-dia e, ao chegar à escola, se ocupam até começar a aula. O mesmo ocorre à noite. Apesar de a aula terminar às 21h30min, muitos chegam a suas casas por volta das 23h.

Os alunos recebem, diariamente, merenda escolar preparada na escola com cardápio elaborado e orientado por nutricionista. Em horário de lanche recebem atenção das serventes e também dos professores, já que o recreio é monitorado. Quando precisam de alguma ajuda são recebidos pela direção ou são chamados para conversar, buscar solução frente aos problemas encontrados, como também programação e apresentação de propostas de melhorias e/ou atividades.

Outro fato a ser citado é que há também atendimento da dentista do Posto de Saúde Municipal, às quintas-feiras, o qual fica em frente à escola, sendo que a agente de saúde vem buscar os alunos na sala, com horário pré-estabelecido. Também há escovação dentária diária e aplicação de flúor, semanalmente, com todos os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Os alunos também participam do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD)¹³ e do Programa Vida Feliz, do Centro Social Marista (CESMAR)¹⁴ do colégio Marista de Jaraguá do Sul.

Por se tratar se uma zona rural, cabe ser mencionado, também, que os sujeitos, em sua grande maioria, são filhos de agricultores de descendência alemã, italiana e polonesa e trabalham, sobretudo, com o cultivo do arroz, banana e palmeira, além de outros cultivos e serviços relacionados à agricultura.

2.3.1 Conhecendo os sujeitos: a visita domiciliar

Esta seção apresenta a descrição da visita domiciliar acrescida de fotos que contribuem para detalhar os locais de trabalho dos sujeitos e possíveis espaços familiares de inserção nas práticas de letramentos digitais. A ordem de descrição das visitas segue a

¹³ É um programa com caráter social preventivo, posto em prática pela Polícia Militar, junto aos alunos da 4ª série que se encontram na faixa etária de 09 a 12 anos, por meio do esforço cooperativo entre Polícia Militar, Escola e família, oferecendo atividades educacionais em sala de aula, que inserem nas crianças a necessidade de desenvolver as suas potencialidades, ajudando a preparar para o futuro uma geração consciente do exercício de sua cidadania.

¹⁴ O grupo realiza diversas atividades de cunho social e educacional integrada à Rede Marista de Solidariedade. Presta serviços como atendimentos nutricionais, odontológicos, psicológicos e de assistentes sociais, além de ministrar cursos em oficinas como alfabetização, arte em madeira, corte e costura, cabeleireiro, serralheria artesanal, bordados, pinturas, culinária, fandangos e noções de secretariado.

sequência de deslocamento deste pesquisador para cada casa dos sujeitos da pesquisa.

A primeira visita domiciliar ocorreu na casa de **S2**, que é do gênero feminino e está com 15 anos de idade. Ele trabalha com a irmã, sua responsável, ajudando em todas as atividades domésticas, na agricultura e facção de malhas.

Quem recebeu este pesquisador foi a irmã de **S2** e, em seguida, indicou que a conversa seria realizada na cozinha. Após alguns minutos, chegou **S2** e passou a fazer parte do diálogo.

Durante esse “bate-papo”, a irmã revelou que, há uns quatro anos, tornou-se responsável por **S2**, porque os pais moram em São João do Itaperiú, município vizinho a Massaranduba e em função da irmã morar mais próximo à escola, **S2** passou a residir com ela. Agora, a distância da casa até a escola é em torno de sete quilômetros e **S2** tem o transporte escolar como meio para se deslocar para os estudos. Quando morava em outro município, o sujeito tinha que andar de bicicleta cerca de seis quilômetros, pois o transporte escolar não passava em frente a casa. A irmã é casada e concluiu o ensino médio, assim como o marido.

Ambos são agricultores, mas a irmã de **S2** tem também como fonte de renda uma facção de malhas, ilustrada na figura seis, que fica ao lado da casa, sendo sua profissão costureira. Neste local trabalham o sujeito, sua mãe e uma funcionária, que apesar de morar em outra cidade, desloca-se até a casa da filha para trabalhar.

Figura 6: Facção de malhas onde trabalha S2



Fonte: Arquivo do autor.

O pai e o cunhado do sujeito trabalham tanto na propriedade de Massaranduba como também em São João do Itaperiú no cultivo da banana, representado na figura sete.

Figura 7: Plantação de banana na casa dos responsáveis de S2



Fonte: Arquivo do autor.

Além de trabalhar na facção **S2** também ajuda na agricultura e na horta doméstica que possuem, visto na figura oito. É uma característica dos moradores do interior de Massaranduba o cultivo de legumes e hortaliças em hortas domésticas, normalmente destinadas ao consumo próprio.

Figura 8: Horta doméstica na casa de S2



Fonte: Arquivo do autor.

A renda familiar gira em torno de dois a quatro salários mínimos e até o momento os responsáveis por **S2** não têm filhos, mas sua irmã contou com entusiasmo que está grávida.

A irmã de **S2** e seu cunhado não têm o hábito de leitura. Segundo ela, eles liam somente quando estudavam e era por obrigação. No momento estão ligados à diretoria da igreja católica Bom Jesus da comunidade de Guarani-Açu, como conselheiros. Eles consideram isso difícil em função do tempo que esse tipo de trabalho voluntário exige e, às

vezes, fica impossível ter que sair nos momentos em que precisam embalar banana, por exemplo.

Quanto ao computador, a família possui um *notebook* que foi adquirido para os estudos, no ano de 2008. Tanto o sujeito quanto sua irmã fizeram curso de informática, mas quem mais usa é **S2**, já que a irmã disse não se interessar muito e só utiliza quando é para redigir um texto, ou um comunicado para ser exposto na facção. O cunhado de **S2** não tem paciência para usar, conforme relatado. Por isso, o *notebook* fica, normalmente, no quarto de **S2**, representado na figura nove.

Figura 9: Local onde fica o *notebook* de S2



Fonte: Arquivo do autor.

A irmã não considera muito difícil o uso das TIC de uma forma geral, mas que também depende do equipamento que vai manusear ou do tipo de atividade que vai desenvolver, como, por exemplo, o uso do *notebook*. Em sua visão os equipamentos mudam muito e sofrem atualizações constantes. Para ela, a internet também está cheia de armadilhas e é preciso cuidar o que acessar.

De acordo com a irmã, **S2** adora fazer uso do *notebook* para ouvir música, jogar, ver fotos, fazer desenhos e costuma comentar com a família que realiza trabalhos na escola que envolvem conhecimento em tecnologia digital. Apesar de não terem acesso à internet em casa, o sujeito comenta sobre *e-mail* e outras redes sociais, já que realiza as conexões na escola, em casa de parentes, ou em pontos de acesso livre, quando encontra ao ir para o centro de Massaranduba ou outras cidades. A irmã revelou também que **S2**, quando passou a morar com ela, teve mais oportunidades de acesso ao mundo digital porque onde mora agora, tem sinal de celular, tem linha telefônica, pode utilizar o *notebook*, etc. Na opinião da irmã, a

escola onde o sujeito estuda agora, também contribuiu para o acesso às tecnologias, pois **S2** comenta isso em casa.

As notícias que ocorrem na comunidade, no município, no estado ou no país, a família fica sabendo por meio da televisão, na conversa com amigos e nas conversar com o sujeito, que houve na escola ou vê na internet e comenta em casa.

Em relação ao lazer, a família costuma passear na casa de parentes, ir a festas de igreja, aniversários de amigos, etc.

Como comentário final sobre **S2**, acrescenta-se que, na oportunidade, este pesquisador também foi entrevistado pelo sujeito para um trabalho escolar sobre a profissão de professor.

A segunda visita domiciliar ocorreu na casa de **S4**, que é do gênero masculino e está com 14 anos de idade. O sujeito trabalha em uma malharia, distante cerca de 30 quilômetros de sua casa, como revisor. Ele faz esse trajeto de ônibus. Para tanto, sai de casa às 4 horas e retorna às 15 horas e 30 minutos. Às 17 horas e 30 minutos vai para a escola.

Quem recepcionou foi o pai de **S4**. A conversa realizou-se na varanda da casa com o pai argumentando que no momento não está trabalhando, pois sofreu uma cirurgia e está recebendo pensão da previdência social. Sua profissão é mecânico de manutenção e a mãe, no momento, não está trabalhando, mas já atuou como secretária da Associação sem fins lucrativos dos Produtores de Banana de Massaranduba (APROBAM). O irmão mais velho trabalha no cultivo da banana. **S4** tem também um irmão menor com um ano e seis meses. Segundo relato do pai, o caçula ficava com uma babá, quando ele estava exercendo a profissão. Em relação à renda familiar, o pai estipulou mais de cinco salários mínimos.

A casa fica distante seis quilômetros da escola e o sujeito usa o transporte escolar. Muito raramente, vai de moto, só quando perde o ônibus, segundo o pai. Talvez o leitor estranhe o fato de **S4** ser menor de idade, não possuir habilitação nacional de trânsito, e pilotar uma moto. Isto é algo comum no interior do município. Um fator é que muitos agricultores possuem duas propriedades que, às vezes, são distantes uma da outra, e por isso eles se deslocam sem dar muita importância para a segurança ou para a regulamentação. Outro fator, talvez, seja a localização interiorana, onde a polícia não exerce uma vigilância tão contínua. As viaturas são vistas somente quando há uma chamada por parte de um morador. Dessa forma, os moradores sentem-se livres quanto à circulação com veículos.

Quanto aos estudos, o pai tem o ensino fundamental completo e a mãe o ensino médio completo, ambos realizados na Educação de Jovens e Adultos, EJA, no Núcleo Avançado de Ensino Supletivo de Massaranduba, NAES, mas a mãe ainda está fazendo um

curso de Técnico Agrícola em um convênio com a Escola Técnica Federal, na cidade de Jaraguá do Sul. **S4** também faz curso técnico de informática de manutenção de microcomputadores aos sábados, deslocando-se até a escola por meio de transporte coletivo ou, às vezes, a mãe ou o pai o levam. O pai lamentou o filho mais velho não ter iniciado uma faculdade até o momento. Segundo seu relato, quem mais lê é a mãe e faz leituras variadas. O pai não tem interesse, nem o filho mais velho e o sujeito lê somente o que for necessário à escola, segundo informações do pai.

O pai relatou que o primeiro computador foi comprado para o filho mais velho, enquanto ele ainda estudava, com o objetivo de melhorar os estudos e aprender mais. Naquela época o sujeito estava com seis anos de idade. Em 2003, **S4** solicitou que o pai ajudasse na compra de um *notebook*. O pai financiou o equipamento e **S4** se comprometeu a pagá-lo parceladamente. Ambos os computadores ficam no quarto do filho mais velho, ilustrado na figura dez, onde está localizado o equipamento de recepção da internet banda larga, com velocidade de 256 kbps via rádio.

Figura 10: Local onde fica o computador e o *notebook* de S4



Fonte: Arquivo do autor.

Quanto a outros meios digitais, o pai revelou que todos têm um celular e inclusive o filho, que é agricultor, leva-o até a lavoura também para se comunicar em caso de emergência, já que no local em que moram há uma boa recepção de sinal e isso é “uma maravilha” na opinião dele. De acordo com o relato do pai, utilizar os meios digitais não é difícil, pois ele acha que esses equipamentos exigem somente boa memória. Segundo o pai, basta observar uma vez o procedimento adotado para a utilização e decorar o que se deve fazer para, a próxima vez, repetir exatamente o procedimento que o equipamento irá funcionar. No entanto, o pai revelou que não gosta de utilizar muito o computador, mesmo

tendo aprendido com sua esposa, que faz uso frequente. O filho mais velho e o sujeito usam bastante e o sujeito costuma chamar a família para mostrar como fazer *downloads* de filmes, músicas, jogos e alerta, também, dos perigos com *softwares* mal-intencionados, que podem danificar o equipamento ou comprometer a segurança do usuário com roubo de senhas, por exemplo. O sujeito também entende de formatação e outros aspectos técnicos.

Quanto ao uso na escola, **S4** normalmente leva o *notebook* e costuma comentar em casa sobre trabalhos escolares, sobre o acesso à internet, comparando velocidades de acesso, já que na escola ela é fornecida por outro provedor. O pai considera que **S4** tem grande facilidade para manusear o computador e realizar manutenções. Segundo seu relato, muitas madrugadas de sábado para domingo foram dedicadas à pesquisa sobre equipamentos, *downloads* de filmes, jogos, música, etc., mas o pai apenas alerta para os perigos da internet e o quanto ficar acordado por muitas horas seguidas é prejudicial à saúde, numa tentativa de fazer com que o sujeito perceba por si mesmo esses riscos.

Em relação às notícias, a família se mantém inteirada por meio da televisão e os filhos comentam sobre os fatos ocorridos. Nos finais de semana os filhos costumam ir à quadra de futebol de salão e, ocasionalmente, o pai vai ao campo de futebol para assistir aos jogos locais. Em seu relato ele afirmou preferir ficar em casa com a mãe, observando o filho pequeno em suas brincadeiras.

Outra visita realizada foi a casa de **S3**, que é do gênero feminino e está com 14 anos de idade. Este sujeito trabalha em casa, com a mãe, ajudando nos afazeres domésticos.

Nesta visita a recepção foi da mãe e **S3** não se encontrava em casa. Nosso diálogo desenvolveu-se na varanda da casa. A mãe relatou que a família é constituída por cinco pessoas, sendo que um filho é falecido.

A família mora cerca de três quilômetros longe da escola e **S3** se desloca até lá por meio do transporte escolar. A mãe completou as séries iniciais do ensino fundamental, mas o pai parou enquanto cursava a 4ª série.

O pai tem como função principal a agricultura e a mãe cuida dos afazeres domésticos e cuidados com o jardim e a horta. De acordo com a mãe, todos têm alguma atividade, sejam estas de pequeno porte, como os cuidados com o lar, quanto de maior responsabilidade, como a do irmão mais velho, que mora em São Paulo e de lá cuida de interesses econômicos da família, ou da irmã de **S3**, que trabalha fora como secretária em uma empresa local.

O pai, além de trabalhar no cultivo de arroz e de banana, também dirige caminhão, que utiliza para transportar seus produtos, já que possui sociedade com seus irmãos na

distribuição de produtos agrícolas, destacando-se, principalmente, a banana. Segundo a mãe, a renda familiar fica em torno de quatro salários mínimos.

Conversando um pouco mais com a mãe, percebe-se uma dedicação muito grande ao lar e uma preocupação em manter sempre a casa em ordem. De acordo com seu relato, ela gostava muito de ler, mas sua visão enfraqueceu e agora não se dedica tanto, mas revelou que **S3** adora, assim como sua filha mais velha.

Quanto ao computador, a família ganhou um de presente de uma tia, irmã da mãe do sujeito, há oito anos. Há um ano a família adquiriu outro porque o primeiro estragou. O computador, segundo a mãe, auxilia bastante nos trabalhos escolares e o sujeito não precisa se deslocar para a casa de amigos ou parentes, para fazê-los. Quem mais utiliza é o sujeito e seus pais não têm muito interesse, mas sabem utilizar. De acordo com a mãe, a utilização desses meios não é difícil, como por exemplo, o celular e a câmera digital. O computador fica localizado em local reservado a ele, ilustrado na figura 11 e, normalmente, amigos vêm a casa para fazer trabalhos escolares. A igreja católica São José, da comunidade de Linha Telegráfica, também pede para fazer impressões de panfletos e comunicados, de acordo com a mãe.

Figura 11: Local onde fica o computador de S3



Fonte: Arquivo do autor.

Quanto à internet, o acesso é por meio de banda larga, com velocidade de 256 kbps via rádio, mas se usa muito pouco, somente nos finais de semana, quando o namorado da irmã do sujeito vem a casa. Normalmente os três realizam pesquisas sobre preços de produtos

e coisas do gênero, enquanto a mãe observa, às vezes, essa atividade, mas dificilmente falam sobre a internet em si.

S3 costuma falar em casa sobre o uso desses equipamentos que teve na escola, tanto em relação a pesquisas que os professores solicitaram como também para fazer trabalhos escolares. Na opinião da mãe, o sujeito gosta de utilizar esses recursos e os considera fáceis, mesmo não tendo realizado um curso.

Quanto às notícias, a família mantém-se informada, principalmente, por meio da TV, mas os filhos comentam também sobre documentários, sobre notícias importantes, como a mudança da identidade, sobre eleições, etc, segundo a mãe.

Em relação à dedicação ao lazer, a família costuma realizar passeios para Nova Trento, ao Santuário de Madre Paulina, zoológicos, como de Pomerode, viajar para São Paulo, visitar o filho, ir a pizzarias, locar filmes, principalmente. A mãe considera cuidar dos cães e brincar com seus dois *yorkshires* um lazer também.

Prosseguindo as visitas domiciliares, seguiu-se à casa de **S5**, que é do gênero feminino e está com 15 anos de idade. O sujeito trabalha em uma facção de malhas próxima a sua casa, cerca de três quilômetros. Ele se desloca até o trabalho de bicicleta, sendo acompanhado pela mãe que também trabalha no local.

Quem recepcionou foi o próprio sujeito, que convidou para entrar e aguardar na sala enquanto chamava sua mãe. Ao chegar à sala, a mãe demonstrou-se cansada, pois ela e o sujeito acabavam de chegar do trabalho. O horário de trabalho é das seis horas às quinze horas. **S5** tem um intervalo de duas horas até a vinda do ônibus escolar que passa em frente a sua casa em direção à escola. A aula tem início às dezoito horas.

Durante a entrevista, **S5** permaneceu em outro cômodo da sala e, às vezes, percebia-se que havia um diálogo em voz baixa com sua irmã menor. Iniciada a conversa, a mãe revelou que a família é constituída por três pessoas: ela, o sujeito da pesquisa e uma filha menor que está na 4ª série, a qual fica com a avó, que mora ao lado quando saem para trabalhar. De acordo com a mãe, a renda familiar fica em torno de três salários mínimos. Sua residência está localizada três quilômetros longe da escola e o transporte escolar é o meio utilizado para ir à escola.

A mãe contou que gostava de ler quando estava em idade escolar, mas agora não tem mais tempo em função dos afazeres domésticos e o trabalho.

De acordo com a mãe, com intuito de facilitar a realização de trabalhos escolares, **S5** comprou um *notebook*, que ainda está pagando, sendo que este não tem um local próprio, às vezes fica no quarto, às vezes na sala, representado na figura 12.

Figura 12: Local onde normalmente fica o *notebook* de S5



Fonte: Arquivo do autor.

A mãe revelou que tanto **S5**, quanto a filha menor, adoram utilizar meios ou equipamentos digitais: TV, celular, computador, dvd, etc. Em sua opinião, não é tão difícil utilizar esses meios, já que ela aprendeu tudo sozinha, como o celular, por exemplo, mas no *notebook* ela não despertou muito interesse, apesar das tentativas do sujeito de ensiná-la. Outra revelação da mãe foi o interesse em comprar mais um computador para a filha menor e ter acesso à internet, pois segundo sua visão, atualmente é difícil ficar sem esses meios tecnológicos, principalmente para estudar.

Quanto à escola, a mãe comentou que **S5** relata em casa que acessa a internet para trabalhos escolares, mas que, quando pode, nas aulas de Educação Física, ou outra matéria em que surja oportunidade, acessa informações de artistas, músicas, jogos e traz essas novidades, na opinião dela, para casa a fim de trocar ideias com a mãe e a irmã. Em relação às notícias, estas são recebidas por meio da televisão somente ou nas conversas em casa.

Nas férias, a família costuma viajar e sempre que pode, a mãe gosta de brincar e conversar em casa e assistir TV. Encerrando nossa conversa, a mãe complementou ainda que é muito bom ter essa tecnologia, principalmente para os filhos.

Encerrando esta seção de descrição das visitas domiciliares, descreve-se a visita à casa de **S1**, que é do gênero masculino e está com 16 anos de idade. Este sujeito trabalha em casa, ajudando o pai na plantação de arroz, ilustrada na figura 13.

Figura 13: Vista parcial do arrozal da família de S1



Fonte: Arquivo do autor.

Nesta visita, os pais de **S1** receberam e iniciou-se o diálogo na varanda da casa, acompanhados do sujeito, que é filho único. A família mora a menos de um quilômetro da escola e o sujeito vai de carro todos os dias. O pai revelou que o carro foi comprado para **S1** e sua mãe, a qual utiliza também quando precisa se deslocar ao centro da cidade.

Em relação aos estudos, o pai deste sujeito concluiu o ensino médio e é agricultor e a mãe possui curso superior completo e é professora, atuando na área da educação infantil. Todos os membros trabalham, sendo que **S1** costuma, às vezes, ajudar o pai na plantação de arroz. No que diz respeito à renda familiar, a família preferiu não revelar.

Em relação às leituras, a mãe comentou que gosta de fazer leituras voltadas para sua área profissional e por isso costuma ler sobre educação, saúde, alimentação, etc, já o pai lê ocasionalmente e **S1** volta suas leituras mais para a necessidade escolar.

Quanto ao computador, este foi comprado para os trabalhos escolares e jogos e está localizado num ambiente que específico para seu uso, representado na figura 14, sendo utilizado por todos, seja para pesquisas, trabalhos escolares, jogos, etc. A família aprendeu a usar fazendo cursos e utilizando o equipamento. Na visão do pai, os cursos possibilitam conhecimento técnico e, dessa forma, uma pessoa que usa o computador sabe o que faz e não precisa ficar adivinhando ou “chutando” os passos para operar corretamente a máquina. Muito raramente vem algum vizinho, amigo ou parente para fazer uso do computador ou outro meio digital.

Figura 14: Local onde fica o computador de S1



Fonte: Arquivo do autor.

Na opinião da família é fácil fazer uso de meios ou equipamentos digitais. De acordo com o relato dos pais, **S1** costuma falar em casa sobre quais meios utiliza na escola e comenta sobre computadores, internet, dvd, etc. A família possui acesso à internet por meio de conexão banda larga, com velocidade de 300 kbps via cabo. Na opinião da mãe, esses meios, se bem direcionados, contribuem para uma melhor aprendizagem.

Sobre as informações e notícias, a família revelou que fica sabendo por meio da TV, rádio, jornal, internet ou outro meio de comunicação. Como lazer, os pais de **S1** falaram que costumam passear, visitar parentes, assistir TV e que o sujeito diverte-se muito com jogos no computador, mas que seus pais advertem sobre o uso contínuo e, vez ou outra, precisam interferir nos horários, pois acreditam que isso possa ser prejudicial à saúde do sujeito, principalmente por ficar muito tempo sentado e com o olhar fixo na tela do computador. Por isso, com o incentivo dos pais, o sujeito também participa de jogos de futebol de campo atuando como goleiro.

Para finalizar este capítulo, que apresentou os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, segue uma síntese da visita domiciliar realizada com os sujeitos. Ficou recorrente o uso do computador para a realização de trabalhos escolares. O equipamento parece ter sido adquirido para esse fim na maioria dos lares visitados. O computador é o meio que possibilita maior inserção às práticas de letramentos digitais e, normalmente, são os adolescentes que mais utilizam. Os pais não interagem com tanta frequência, somente nos momentos que necessitam de algo e então acabam pedindo aos filhos. Em várias oportunidades também os jovens usufruem da tecnologia para momentos de lazer como jogos ou interação com amigos virtuais. O celular também aparece como outro

equipamento bastante utilizado, mas sua ênfase parece estar na comunicação. A televisão surge como um equipamento que oferece apenas informações, talvez pela falta de interatividade ainda presente nos modelos que não dispõem de tecnologia para TV digital.

No capítulo seguinte serão tratados alguns conceitos que norteiam a teoria da linguagem adotada para orientar este estudo. Em seguida abre-se espaço para uma discussão das práticas de letramento.

3 AS TEORIAS: UMA INCURSÃO NORTEADORA

Uma teoria deve ajudar e orientar estratégias cognitivas que são dirigidas por sujeitos humanos (MORIN, 2000, p. 29).

Este capítulo refere-se ao embasamento teórico deste estudo o qual está ancorado no viés enunciativo do Círculo de Bakhtin e nos Novos Estudos do Letramento. Inicialmente apresenta-se uma pequena contextualização histórica objetivando compreender as razões e condições que levaram Bakhtin e seu Círculo a se tornar referencial nos mais variados campos da linguagem. Em seguida, busca-se dar continuidade a essa compreensão trazendo alguns conceitos linguísticos da teoria enunciativa com apoio em Bakhtin (1997; 2006). Finalmente, discute-se o letramento e os letramentos digitais, tema deste estudo.

3.1 BAKHTIN E O CÍRCULO

De acordo com Fiorin (2006), Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu no dia 16 de novembro de 1895 em uma pequena localidade ao sul de Moscou, Orel. Natural de uma família arruinada financeiramente e filho de um pai bancário, acompanhou seus familiares para Vilna, capital da Lituânia, quando tinha nove anos. Nesta cidade ele teve contato com línguas como o polonês e o lituano, principalmente, e com diferentes grupos étnicos de diversas classes sociais e isso, de certa forma, marcará sua obra.

Outro local onde teve contato com variedades linguísticas de grande influência judaica foi Odessa, onde passou a residir a partir dos 15 anos e aí começou seus estudos universitários até se formar em História e Filologia pela Universidade de São Petersburgo (FIORIN, 2006).

Entre seus 23 a 25 anos de idade foi professor e morou em Nevel e Vitebsk, onde constituiu amizades e passou a fazer parte de um grupo de intelectuais que se reunia frequentemente. O Círculo de Bakhtin, como ficou conhecido, era constituído por pessoas com formações em áreas, interesses intelectuais e atuações profissionais diversas. Entre outros, destacaram-se o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski e principalmente Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. (FARACO, 2006).

Voloshinov, de acordo com Faraco (2006), era professor e especializou-se em estudos linguísticos após formar-se nesta área, apesar de ter no início interesses voltados para história da música. Faleceu de tuberculose em 1936.

Medvedev era formado em direito, mas atuou como gestor e educador na área cultural, onde teve grande influência no jornalismo e ensinou literatura, vindo a falecer por volta de 1940, vítima de cassações políticas ocorridas na década de 30 na antiga União Soviética (FARACO, 2006).

Bakhtin, em 1920, casou-se com Helena Okolovitch, a qual foi grande colaboradora por toda a vida, vindo a falecer em 1971. Em 1923, em sua carreira inicial como professor, padecia de uma doença óssea, uma osteomielite crônica e por causa de sua enfermidade, mudou-se para Petrogrado, atual São Petersburgo, onde ficou sem emprego e enfrentou necessidades financeiras, passando a sobreviver apenas com um auxílio-doença (BAKHTIN, 2006).

Seus discípulos e admiradores, Voloshinov e Medvedev, seguiram-no dizendo-se interessados em auxiliar às condições financeiras do mestre e de divulgar suas ideias oferecendo, para isso, seus nomes para tornar públicas suas primeira obras:

Freidizm (O Freudismo, Leningrado, 1927) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Leningrado, 1929) saíram sob o nome de Volochínov. *Formalni métođ v literaturoviédenie. Kritičeskoie vvdíénie v sotsiologúičeskuiu poétiku* (O Método Formalista Aplicado à Crítica Literária. Introdução Crítica à Poética Sociológica) que constituiu uma crítica aos formalistas, foi publicado em 1928, também em Leningrado sob a assinatura de Medviédiev (BAKHTIN, 2006, p. 12, grifos do autor).

Sobre esse episódio recai uma dúvida de por que Bakhtin não publicou as obras com seu próprio nome. Segundo relato de um amigo e aluno de Bakhtin, V. V. Ivánov, houve dois motivos: primeiro que Bakhtin não aceitou qualquer alteração textual intencionadas pelo editor e Voloshinov e Medvedev não se opuseram a isso e, segundo, porque Bakhtin, diante de sua modéstia, estaria disposto a ficar no anonimato, pois considerava que um pensamento científico inovador perduraria sem necessidade de um autor. Em 1929, Bakhtin publicou seu primeiro livro: “Problemas na Obra de Dostoievski” (BAKHTIN, 2006, p. 13).

No mesmo ano de sua primeira publicação, Bakhtin foi preso e condenado por cinco anos a trabalhos forçados num campo de concentração em Solóvki, mas por causa de seus problemas de saúde, sua internação passou a ser exílio em Kustanai, fronteira do Cazaquistão com a Sibéria. Alguns autores acreditam que sua prisão ocorreu como consequência pelas ligações que ele mantinha com a igreja ortodoxa. Durante seu exílio,

desenvolveu atividades variadas, desde guarda-livros a redator de verbetes de enciclopédia, no entanto não deixou de trabalhar em sua teoria do romance (FIORIN, 2006).

Entre 1936 a 1940 ensinou russo e alemão em Saransk e Savelovo e teve, também, sua perna amputada em decorrência da osteomielite. Em 1940 apresentou a tese de doutorado sob o título de “Rabelais e a cultura popular”, porém a guerra não o permitiu defendê-la. Em 1945 voltou a Saransk para chefiar o Departamento de Estudos Literários no Instituto Pedagógico da cidade, o qual passaria a ser, em 1957, Universidade Estatal de Mordóvia. Somente em 1946 conseguiu defender sua tese, mas seu trabalho gerou muita polêmica e depois de muita contestação, uma comissão foi montada para julgar o estudo mas, mesmo assim, o comitê negou-lhe o título de doutor (FIORIN, 2006).

De acordo com Fiorin (2006), Bakhtin continuou exercendo suas funções na Universidade Estatal de Mordóvia até se aposentar em 1961. Sua tese de doutorado foi publicada em 1965 reconhecendo-lhe fama internacional. Passou a residir em Moscou em 1969 para tratar de sua enfermidade, vindo a falecer em 1975, depois de muito sofrimento causado pela osteomielite.

3.2. A TEORIA ENUNCIATIVA DO CÍRCULO

Direcionando um olhar para as obras do Círculo de Bakhtin, a preocupação inicial do grupo aponta para uma crítica à concepção de linguagem do subjetivismo individualista, que teve formação nos ideais Românticos e no idealismo de Humboldt. A proposta do subjetivismo individualista reside, principalmente, na convicção de que o fenômeno linguístico pode ser explicado por meio da investigação das experiências psíquicas individuais. O sujeito falante é o centro da manifestação linguística e por isso a enunciação é um ato individual. A segunda crítica do Círculo é direcionada para o objetivismo abstrato de Saussure, o qual propõe que a linguagem está voltada para um sistema de regras prontas, as quais os falantes apropriam-se para exteriorizar suas ideias (BAKHTIN, 2006).

O viés enunciativo do Círculo de Bakhtin não se opõe a essas concepções, mas propõe que o linguista preocupe-se também com o enunciado, quer dizer, o que foi dito e em que circunstâncias, porque as condições de produção é que vão determinar como cada enunciado foi proferido (KOCH, 2001). Sob esse aspecto, Bakhtin (2006, p. 90) sinaliza que “se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um

olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis”. Por meio dos falantes de uma língua, que reagem aos atos de fala, são construídos os enunciados que dão origem a uma relação dialógica. Essas relações vão variar de acordo com a comunidade linguística onde o sujeito está inserido e de acordo com o momento histórico que ele vivencia.

As palavras não são pronunciadas simplesmente pelos falantes. Na realidade são “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis [...]. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN, 2006, p. 95, grifos do autor).

O viés enunciativo do Círculo bakhtiniano propõe que um sujeito que compreende sua língua, não se orienta pela identificação de princípios normativos, mas pela aceitação e compreensão contextual a qual é formada a partir de cada interação e pelas palavras que são integradas a esse contexto e, por isso, somente um estudo sistemático e formal não é suficiente para uma concepção histórica da língua que se apresenta viva. Dessa forma, essas proposições sustentam a seguinte proposta:

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social* (BAKHTIN, 2006, p. 109, grifos do autor).

É com esses pressupostos, brevemente sintetizados, que o Círculo de Bakhtin constrói a teoria da enunciação, formando uma contrapalavra às concepções anteriores e postulando que o dialogismo, conceito que permeia a concepção de linguagem bakhtiniana, é a “característica essencial da linguagem e princípio constitutivo [...] de todo discurso. [...] É a condição de sentido do discurso” (BARROS; FIORIN, 1994, p. 2).

Adota-se, para este estudo, o viés teórico enunciativo do Círculo de Bakhtin como apoio para compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para os sujeitos desta investigação, levando-se em conta que as relações dialógicas entre esses sujeitos é que dão sentido ao discurso que circula sobre as TIC neste espaço pesquisado.

O princípio dialógico da linguagem estabelece que os sujeitos são constituídos por meio dos diálogos ocorridos entre eles, pelo confronto de ideias, pela visão de mundo e pelo sistema de valores que cada sujeito preserva. É nessa relação de alteridade entre o eu e o outro que vai se constituindo a consciência do ser humano e se concretizando a linguagem, na alternância do diálogo entre o locutor e seus interlocutores. Assim, toda palavra proferida é

atravessada pelo discurso do outro. Essa constituição do sujeito como um ser social pode ser estabelecida também em qualquer tipo de comunicação verbal, por isso o princípio dialógico não se aplica somente à fala em voz alta entre dois sujeitos, mas a formas escritas e a vozes interiores.

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 2006, p. 112, grifos do autor).

Nessas interlocuções ocorrem atividades mentais entre os ouvintes, as quais podem ser entendidas distintamente, sendo umas ligadas à individualidade e outras à coletividade e essas atividades mentais, por sua vez, produzem exemplos e modos de enunciação que, dependendo da situação social, definirão as metáforas que irão compor a apropriação significativa de um termo ou situação para um sujeito ou grupo de sujeitos. (BAKHTIN, 2006).

Dessa forma, “o *centro* organizacional de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo [...]. A enunciação [...] é um puro produto da interação social” (BAKHTIN, 2006, p. 121, grifos do autor).

O Círculo de Bakhtin entende que é no efeito social da interação verbal, a qual ocorre por meio de um ou vários enunciados, que reside a verdadeira comunicação verbal, tendo no diálogo a mais importante forma de interação. Não somente as relações dialógicas face a face, mas de toda forma de comunicação verbal ou extraverbal: gestos, risos, olhares, cerimônias, etc, que muitas vezes entram em cena para complementar, tornando a comunicação verbal um fenômeno vivo que se constitui na interação entre os sujeitos.

Para compreender um enunciado é preciso situá-lo no contexto em que a enunciação se realiza naquele momento histórico, pois “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão” (BAKHTIN, 2006, p. 132).

Cada enunciado possui características próprias para fins específicos dentro das diversas esferas, seja na vida cotidiana, no meio literário, científico, político, jurídico, escolar etc. “A variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade

comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

A compreensão de um enunciado se concretiza na interação dos membros de uma determinada esfera, como também na interação dos integrantes de esferas distintas, desde que haja conhecimento, por parte desses sujeitos, dos gêneros discursivos que circulam nesses espaços.

A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. E isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico. [...] o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica (BAKHTIN, 1997, p. 320).

As relações dialógicas que se estabelecem entre os sujeitos em um dado momento da comunicação estão carregadas de palavras que possuem valores diferenciados. Nesta pesquisa, as TIC representam conjuntos de valores distintos, pois estão situadas em um contexto específico. Palavras como “jogo” ou “globalização”, por exemplo, possuem uma historicidade, ou seja, estão situadas no tempo e no espaço. Ao serem enunciadas, foram escolhidas com um propósito, em uma ocasião, para constituírem o discurso de um locutor que revela nessa interação com o pesquisador seus princípios axiológicos. “O tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN, 2006, p. 128). Por isso, o autor reitera que somente o instante histórico a que cada enunciação pertence, as enunciações concretas observadas em acontecimentos específicos, é que possuem um tema.

No entanto, não basta ater-se somente ao tema, já que isto levaria a uma visão mediana do diálogo. Indo mais adiante, mais precisamente ao interior do tema, a enunciação possui uma significação. De maneira diferente do tema, na significação residem os elementos enunciativos que podem ser repetidos de forma idêntica, várias vezes, numa interação verbal historicamente concreta. “O tema se incorpora à significação, de modo que o sistema é sempre flexível, mutável, renovável” (CEREJA, 2005, p. 202).

Tema e significação só são possíveis se coexistirem. Haja vista que “o tema é um

*sistema de signos*¹⁵ *dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. [...] A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*” (BAKHTIN, 2006, p. 129, grifos do autor). É possível inferir uma significação a uma palavra somente se ela estiver ligada a um tema para haver uma construção enunciativa. Por isso, o autor sinaliza que se o tema não estiver apoiado na significação, ele perde o sentido.

As práticas sociais de leitura e escrita que envolvem o uso das TIC circulam nas diversas esferas da atividade humana. Os sujeitos inseridos nesses espaços de letramentos digitais se apropriam dos conceitos específicos da linguagem digital por meio da interação. Neste estudo, a interação entre os sujeitos ocorre com colegas de escola, familiares, professores e amigos virtuais, principalmente. Nesse aspecto, ocorre, também, aprendizagem entre os sujeitos para o uso das TIC nesses ambientes que possibilitam essa interação. O viés enunciativo do Círculo de Bakhtin propõe que a utilização da língua é tão variada quanto às esferas da atividade humana.

A constituição linguística dos sujeitos se dá pelo viés social e ideológico pertencente às esferas onde os sujeitos estão inseridos. Os discursos circundantes em uma determinada esfera atravessam seus integrantes e, por meio da interação, os sujeitos formam sua consciência linguística (BAKHTIN, 2006).

Em consonância com o viés enunciativo do Círculo de Bakhtin, há a possibilidade de aproximar, neste estudo, a concepção de aprendizagem vigotskiana das práticas sociais dos letramentos digitais. Por meio da interação com sujeitos presenciais e virtuais, integrantes das esferas escolar, familiar, do trabalho, entre outras, constroem conhecimento sobre as TIC. A mediação simbólica que esses meios tecnologizados oferecem contribui para o processo de assimilação dos signos. Bakhtin e Vygotsky postulam que o signo exerce papel fundamental para a aquisição e concretização da linguagem. Assim, discorre-se nesta seção, de modo sintetizado, algumas contribuições da teoria sócio-histórica.

As ideias centrais da teoria do psicólogo russo, Lev Semenovich Vygotsky, estão formuladas em torno de três teses: i) os processos psicológicos superiores têm uma origem histórica e social; ii) os instrumentos de mediação (ferramentas e signos) cumprem um papel central na constituição desses processos; iii) deve-se abordar esses processos a partir de uma

¹⁵ O signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo. É por isso que, se a atividade mental tem um sentido, se ela pode ser compreendida e explicada, ela deve ser analisada por intermédio do signo real e tangível (BAKHTIN, 2006, p. 51). A nota foi inserida na citação por este pesquisador para tratar do conceito de signo.

perspectiva genética (BAQUERO, 1998, p. 25).

A constituição intelectual do sujeito passa a acontecer no meio social no qual ele está inserido. O convívio com membros desse meio e com seus hábitos sociais possibilitam novas habilidades cognitivas e formas de organizar o pensamento. A linguagem torna-se determinante para a criança aprender a pensar, pois estruturas mais complexas do pensamento são transmitidas por meio da palavra e a linguagem passa a exercer função fundamental para o desenvolvimento da personalidade do sujeito (MOLL; BLANCK, 1996).

Nesse contexto social de aprendizagem, Vygotsky postula que os signos constituem os meios para a formação de conceitos os quais envolvem funções mentais superiores. Por meio da palavra o sujeito absorve traços de uma determinada situação de aprendizagem que é sintetizada e simbolizada na forma de algum signo.

Os sistemas de signos [...] desempenham um papel importante no processo de internalização; são os verdadeiros sustentáculos da cultura humana, o meio pelo qual a atividade individual e a consciência individual são socialmente determinadas. A incorporação de signos na estrutura de uma função mental (mediada por signos) vincula essa função à cultura. [...] um signo é [...] um instrumento social, uma espécie de “instrumento psicológico” para o homem (DANIELS, 1997, p. 163).

O conceito norteador que sustenta a proposta de construção do conhecimento pela interação do sujeito com o meio é de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Na visão de Vygotsky, o sujeito possui um nível de desenvolvimento cognitivo que é caracterizado como real, ou seja, aquilo que ele já adquiriu psicologicamente pela convivência com outros sujeitos do grupo no qual ele está inserido. Ao se deparar com atividades mais complexas o sujeito, com a ajuda de uma pessoa mais experiente, tenta superar os obstáculos e atingir o mesmo, ou semelhante, nível de desenvolvimento de quem o está ajudando. Essa passagem, esse espaço entre esses níveis é chamado de ZDP (BAQUERO, 1998).

Assim, os pressupostos teóricos vygotskianos discutidos anteriormente parecem se aproximar das práticas sociais de leitura e escrita oferecidas pelas TIC pesquisadas neste estudo. O contexto social investigado nesta dissertação comporta alunos de ensino médio interagindo com outros sujeitos. Alguns dos membros desse contexto estão iniciando a inserção nessas práticas digitais, enquanto outros já demonstram mais facilidade quanto ao seu uso.

O viés enunciativo do Círculo de Bakhtin sinaliza que a linguagem é constituída pelas vozes dos sujeitos de uma determinada comunidade linguística. Seus discursos estão carregados de valores que foram se incorporando aos hábitos e costumes dos membros desse

espaço linguístico e que são transmitidos aos outros por meio da palavra. As relações dialógicas entre esses sujeitos contribuem para a consolidação da linguagem. Esse aporte teórico também serve de base para a PCSC:

Analisando e criticando as grandes orientações de estudo da linguagem humana é que Bakhtin chega à tese de que a enunciação é de caráter social. Para ele, tudo o que circula em matéria de linguagem constitui um fluxo ininterrupto em que cada homem aparece **imerso** desde o seu nascimento. A relação de cada ser humano com seu “outro”, em linguagem, é constitutiva: cada ser é complemento necessário do outro, e assim a própria unidade da linguagem é uma consequência dessa complementaridade. Não há, pois, voz solitária e única, homogênea – há intersubjetividade. A esse gesto teórico corresponde aquilo que hoje chamamos PRAGMÁTICA: a linguagem considerada na sua posição constitutiva de ponte entre os homens (SANTA CATARINA, 1998, p. 53, grifo no original).

Na mesma linha, a teoria sócio-histórica de Vygotsky postula que no diálogo está a base para a formação de toda atividade mental. Os sujeitos passam por transformações pela mediação de instrumentos e signos e pela interação social.

Relendo a PCSC é possível perceber a filiação teórica com essa perspectiva vygotskiana:

L. Vygotsky estabeleceu, na psicologia, que as formas mais complexas da vida consciente – sobretudo a capacidade lógica de “categorização” do mundo – se explicam a partir das condições externas da vida humana, acentuando o caráter histórico-social da cultura em que o ser humano se insere. Assim, a linguagem, pela sua gênese e desenvolvimento, transformou-se em instrumento de conhecimento humano (SANTA CATARINA, 1998, p. 53).

Os contextos onde ocorre a interação social mediada por instrumentos e signos, como também os discursos circundantes nesses espaços vêm sofrendo grandes mudanças com o advento da globalização e das TIC. Os sujeitos inseridos nesses contextos passam a conviver com práticas sociais de leitura e escrita que apresentam uma multiplicidade semiótica. Com a finalidade de abordar esse assunto, são tecidas, na próxima seção, algumas reflexões acerca de letramento para, em seguida, abordar o tema deste estudo: os letramentos digitais.

3.3 LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL

Os estudos dos letramentos apresentam-se como um tema desafiador e instigador

para esta pesquisa, haja vista sua importância para as práticas sociais de leitura e escrita vivenciadas na sociedade do século XXI. Estudar a linguagem é uma oportunidade que o pesquisador tem para novas descobertas e discussões quando se busca possibilidades de integrar a realidade cotidiana dos alunos ao contexto escolar. Dessa forma, com a presente dissertação, abre-se uma oportunidade de compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio. Para tanto, este estudo questiona que sentidos os alunos constroem sobre as práticas de letramentos digitais das quais participam.

3.3.1 Considerações a respeito dos letramentos

Inicialmente, cabe apontar que a palavra letramento ainda é recente no vocabulário português. De acordo com Buzato (2006), é Mary Kato que traduz o termo *literacy* para letramento, em 1986, com o advento dos estudos de leitura e escrita publicados em língua inglesa. Os estudiosos ingleses acreditam que as palavras *alphabetize* e *alphabetization* remetem a simples aquisição de uma escrita, enquanto a palavra *literacy* engloba “práticas comunicativas que envolvem diferentes sistemas de representação, meios/tecnologias e seus usos sociais” (BUZATO, 2006, p. 7).

O mesmo autor esclarece também que o termo *literacy* estaria relacionado à escrita tradicional como também a outras práticas de comunicação que envolvem a escrita, como por exemplo *computer literacy*, no caso do uso de computadores, *media literacy*, para as formas de comunicação que envolvem os meios audiovisuais, *visual literacy*, para as práticas comunicativas que envolvem imagem e diversas formas de representação visual e no mesmo sentido para a grande diversidade das práticas comunicativas.

Dessa forma, o termo é pluralizado em consenso à mudança de postura de pesquisadores, que passam a “compreender cada letramento de forma situada em contextos culturais específicos, ou em relação a um conjunto específico de tecnologias e práticas.” (BUZATO, 2006, p. 7).

Segundo este autor, os pesquisadores portugueses utilizam o termo *literacias* quando se referem aos usos sociais das TIC, enquanto que letramento é para se referir à forma de aquisição da escrita tradicional.

Quanto aos estudos do letramento no Brasil, inicialmente abre-se espaço para expor algumas reflexões de Soares (2003) em uma oportunidade que teve a autora em

produzir um texto encomendado para ANPED, que naquela ocasião intitulou seu 26^a evento de “Novo Governo. Novas Políticas?”. O momento histórico que o país atravessava, em 2003, era justamente a expectativa das mudanças nas políticas públicas com as propostas de implantação do governo eleito da época. Antes, porém, ressalta-se aqui que esta pesquisa não compreende processos dicotômicos de alfabetização e letramento, mas traz à tona reflexões e discussões que ajudam a compreender o processo de letramento no Brasil. Dessa forma, considera-se relevante expor algumas considerações sobre os estudos iniciais do letramento numa perspectiva de Soares.

Conforme a autora, a invenção¹⁶ do letramento no Brasil, ocorreu ao mesmo tempo que o *illettrisme*, na França, a *literacia* em Portugal e *literacy*, nos Estados Unidos, em meados de 1980. Apesar de a Inglaterra e os Estados Unidos, desde o século XIX, referirem-se à alfabetização como *reading instruction* ou *beginning literacy*, a palavra letramento designa um fenômeno distinto de alfabetização. Porém, apesar do surgimento do letramento ter ocorrido simultaneamente nesses países, o contexto e as causas da emergência das práticas sociais de leitura e de escrita são essencialmente diferentes em países em desenvolvimento como o Brasil, se comparados a países desenvolvidos como a França, os Estados Unidos e a Inglaterra.

A autora também expõe que nos países desenvolvidos, constatou-se que, embora alfabetizada, a população não dominava as habilidades de leitura e escrita. No Brasil, o despertar para a importância e necessidade de habilidades para o uso competente da leitura e da escrita tem sua origem vinculada à aprendizagem inicial da escrita. Com isso, há uma combinação dos conceitos de alfabetização e letramento, o que acaba gerando uma confusão. Muitos profissionais da educação acabam entendendo o letramento como uma nova forma de alfabetização.

Para Soares (2003, p. 8-9, grifo da autora) “O neologismo *desinvenção* pretende nomear a progressiva perda de especificidade do processo de alfabetização que parece vir ocorrendo na escola brasileira ao longo das duas últimas décadas”. As causas para essa perda de especificidade podem ser a implantação do sistema de ciclos e o princípio da progressão continuada. Porém, a causa maior da perda da especificidade deve ser buscada na mudança conceitual a respeito da aprendizagem da língua escrita que se difundiu a partir dos anos 1980, com o construtivismo e a proposta de Emília Ferreiro.

Ainda segundo Soares (2003), os estudos realizados nas concepções psicológicas,

¹⁶ As expressões invenção do letramento e desinvenção da alfabetização são neologismos adotados por Soares (2003).

linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita trouxeram grandes contribuições para a educação, no entanto, originaram alguns problemas que podem explicar a “desinvenção” da alfabetização e a perda de especificidade deste processo. Em primeiro lugar, privilegiou-se a faceta psicológica da alfabetização e obscureceu-se a faceta linguística – fonética e fonológica. Em segundo lugar, trouxe uma conotação negativa para o conceito de método de alfabetização, remetendo a métodos como os tipos tradicionais de modelos sintéticos e analíticos. E em terceiro lugar, trouxe o pressuposto de que é apenas por meio do convívio intenso com a cultura escrita que a criança se alfabetiza.

É preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento.[...] Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção, que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele. É o que estou considerando ser uma reinvenção da alfabetização que, numa afirmação apenas aparentemente contraditória, é, ao mesmo tempo, perigosa – se representar um retrocesso a paradigmas anteriores, com perda dos avanços e conquistas feitas nas últimas décadas – e necessária – se representar a recuperação de uma faceta fundamental do processo de ensino e de aprendizagem da língua escrita. (SOARES, 2003, p. 11).

A autora defende a reinvenção da alfabetização sem desconsiderar os avanços que os estudos do letramento trouxeram para a reflexão sobre as práticas de leitura e de escrita. Ou seja, não se pode desconsiderar o modo de alfabetização que utiliza o livro didático ou as atividades específicas de sala de aula trabalhadas até então nas escolas. Mas há a necessidade de se trazer para a sala de aula práticas de leitura e escrita pertencentes ao cotidiano dos alunos. A leitura da embalagem de um fertilizante para um aluno que mora em um contexto urbano talvez não seja tão significativa quanto para um aluno de um contexto rural.

Dessa forma, entende-se que a alfabetização não é um processo que está à frente do letramento e sim que os dois processos ocorrem de maneira síncrona e isso talvez possibilite optar pelo uso de um ou outro termo. Segundo a autora, há certa conformidade em se deixar os dois termos, apesar de eles indicarem processos distintos que requerem habilidades e competências específicas, necessitam de procedimentos diferenciados de ensino (SOARES, 2003).

Soares (2001) afirma que as escolas não estão oferecendo possibilidades, nem para as crianças, nem para os adultos, de produção de conhecimento no que se refere ao uso da leitura e da escrita em seu cotidiano, em situações onde o letramento se faz necessário e salienta que “a necessidade de letramento na nossa vida diária é óbvia; no emprego,

passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou a produção de símbolos escritos”. (SOARES, 2001, p. 73).

Dessa forma, Soares ressalta as práticas de leitura e escrita em diferentes situações e as relaciona com a necessidade de tratá-las também na escola. Convém trazer para discussão as reflexões sobre o letramento sob a ótica de Kleiman (1995).

Segundo a autora, o letramento começou a ser discutido no mundo acadêmico com intuito de distinguir os estudos sobre alfabetização, que implicavam habilidades e competências distintas do uso e prática da escrita sob uma ótica escolar, das práticas que envolviam a escrita num âmbito social.

Os estudos do letramento focavam uma análise do desenvolvimento social ligado ao uso da escrita desde o século XVI, observando principalmente “as mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas relacionadas com o uso extensivo da escrita nas sociedades tecnológicas” (KLEIMAN, 1995, p. 16). No entanto, no decorrer desses estudos, as investigações passaram a apontar, também, para outras condições do uso da escrita:

as fronteiras foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não-industrializadas que começavam a integrar a escrita com uma “tecnologia” de comunicação dos grupos que sustentavam o poder (KLEIMAN, 1995, p. 16, destaque no original).

Os estudos do letramento extrapolaram o mundo da escrita e se passou a investigar também a prática discursiva que tinha relação com a escrita e que não era especificamente atividade de ler ou escrever (KLEIMAN, 1995).

O letramento é, assim, um fenômeno que ultrapassa o ensino da leitura e da escrita realizado nas escolas. Segundo as palavras da autora, a escola é “a mais importante das *agências de letramento*” (KLEIMAN, 1995, p. 20, grifos da autora), porém a escola se preocupa mais com um tipo de letramento, ou seja, com o processo de aquisição de códigos, voltando-se assim para a alfabetização. “Outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes” (KLEIMAN, 1995, p. 20). Assim, a autora ampara-se em Scribner e Cole (1981) para sustentar que o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Kleiman (1995) lembra também que o letramento é um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita que circulam em um determinado grupo. Para a autora, quando as

crianças falam sobre os contos de fada, seja na escola ou em casa, estão relacionando com algo que foi escrito ou ouviram a história ser contada por alguém. Isto pode ser mencionado como exemplo de um evento de letramento. O evento de letramento pode ser caracterizado como “qualquer ocasião em que um fragmento escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos”¹⁷ (HEATH, 1982, p. 93 apud STREET, 2003, p. 78).

Street (2003) também faz referência ao fato de que um evento de letramento é um acontecimento observável, como por exemplo, alguém pegando um táxi para se deslocar pela cidade, a construção de um equipamento por meio de um diagrama por parte de uma pessoa, ou alguém comprando passagens de ônibus, sempre se levando em conta o meio social e o contexto no qual este sujeito ou grupo de sujeitos está inserido.

No entanto, Street (2003) alerta que o evento de letramento também possui suas particularidades no que se refere às diferenças culturais. Se o observador não conhecer regras específicas de um determinado grupo de sujeitos no ato de uma atividade comunicativa, também terá dificuldades para o entendimento do que está ocorrendo.

Por isso, o autor sugere a expressão “práticas de letramento”, pois o termo parece “concentrar as concepções de leitura e escrita observadas por Heath, com as práticas sociais nas quais os participantes dos eventos atribuem-lhes significados, englobando assim os modelos sociais de letramento”¹⁸ (STREET, 2003, p. 78). Dessa forma, o autor argumenta que o letramento

é uma prática de cunho social, e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; que está sempre incorporada a princípios epistemológicos socialmente construídos [...] As práticas de letramento, então, referem-se a concepção cultural mais abrangente de determinadas formas de pensar e fazer a leitura e a escrita em contextos culturais.¹⁹ (STREET, 2003, p. 77-79).

Ao mencionar práticas de letramento, Street (2003) afirma que o termo se refere à maneira cultural de pensar, agir, ler e escrever de uma comunidade ou grupo de sujeitos e suas interações com a linguagem. Nessas interações há troca de experiências, conhecimentos e saberes. As ações que envolvem a leitura e a escrita estão inseridas em um meio, em um

¹⁷ any occasion in which a piece of writing is integral to the nature of the participants' interactions and their interpretative processes. (As traduções nesta dissertação são deste pesquisador).

¹⁸ focusing upon "social practices and conceptions of reading and writing", although I later elaborated the term to take into account both "events" in Heath's sense and of the social models of literacy that participants bring to bear upon those events and that give meaning to them.

¹⁹ is a social practice, not simply a technical and neutral skill; that it is always embedded in socially constructed epistemological principles [...] Literacy practices, then, refer to the broader cultural conception of particular ways of thinking about and doing reading and writing in cultural contexts.

contexto, que varia em seu espaço/tempo, pois a realidade presente em cada grupo é diferente em seus aspectos culturais. Logo, as práticas sociais também vão diferir nos meios onde elas estão inseridas como a escola, grupo de amigos, trabalho, lazer.

Com o intuito de exemplificar diferentes práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, sintetiza-se a pesquisa etnográfica que Heath (1982) realizou em três comunidades dos Estados Unidos, com diferenças em relação à classe social e a etnia, onde a autora observou eventos de letramento.

Na primeira comunidade pesquisada, *Maintown*, a autora estudou as práticas culturais dessa comunidade e as práticas escolares presentes naquele contexto. Inicialmente a autora observou na comunidade um trabalho voltado para práticas sociais de leitura e escrita como: decorar o quarto dos filhos com personagens de histórias infantis, verbalização dos conteúdos de livros e dos personagens, comparação do mundo real com personagens dos livros, etc. As crianças são motivadas a inventar histórias e os adultos pedem para as crianças lerem para eles. Heath (1982) percebeu, em função de sua observação que, com essas práticas de letramento, bastante próximas das que são desenvolvidas na escola e pelos cuidados que as crianças devem ter com os livros, depois de adultas, elas têm um grande fascínio pela literatura. Esse grupo social que Heath (1982) observou entende essa prática como um meio para desenvolver os principais hábitos e valores, em função do grande estímulo que as crianças recebem ao ter contato com os materiais escritos.

Na segunda comunidade pesquisada, *Roadville*, quando as crianças vêm do hospital para casa já têm o berço decorado com objetos e outros brinquedos. Os pais incentivam a leitura de seus filhos por meio de livros infantis e outros tipos de brinquedos educativos. As crianças são inseridas no mundo da oralidade e da escrita por meio de perguntas estimulantes. Quando a criança faz menção a algo que viu em um livro, alguém da família que ouve, inicia um diálogo com a criança, perguntando se ela lembra da história, se gostou. Elas são encorajadas a entender o que há nos livros e quando acertam recebem estímulos do tipo ‘muito bom’, ‘isso mesmo’, etc. Porém não há um encorajamento para relacionar isso ao mundo real, às atividades cotidianas.

Na terceira comunidade pesquisada, *Trackton*, as crianças vêm do hospital e são inseridas em um mundo adulto. Nem há berços, só cadeiras ou sofá. Os filhos costumam dormir até certa idade com os pais. Não recebem muitos brinquedos, só no Natal. Brincam normalmente com utensílios de casa e começam a falar repetindo o que os adultos falam.

Os resultados da pesquisa de Heath (1982) apontam para uma diferença nos padrões de interação das práticas de letramento apontadas nas três comunidades. Enquanto

nas duas primeiras comunidades as práticas sociais de letramento estão voltadas para os materiais escritos, na terceira comunidade o desenvolvimento oral das crianças é estimulado por meio do diálogo com os adultos, que acreditam que as crianças aprendem por meio da exposição oral à língua.

Quanto ao desempenho escolar, a autora sinaliza que, na primeira comunidade pesquisada, as crianças apresentam um bom desempenho. A ênfase nos materiais escritos é direcionada para a vida cotidiana das famílias e o padrão de interação entre pais e crianças é semelhante ao da escola. Nas outras duas comunidades, não há garantias de um sucesso escolar. Enquanto que em *Roadville* há uma preocupação em alfabetizar, especialmente com a utilização de livros para a aprendizagem de letras e números, em *Trackton*, as crianças vão se inserindo nas práticas de leitura e escrita no convívio com os pais, sem haver uma preocupação com o processo de alfabetização. Parece que o diferencial das três comunidades está na contação de histórias na hora de dormir (*bedtime stories*), prática desenvolvida somente em *Maintown*.

Em relação a esta pesquisa, há a possibilidade de aproximá-la a pesquisa citada anteriormente em função da observação que a autora realizou nas três comunidades mencionadas sobre os eventos de letramento. Na pesquisa de Heath (1982), os sujeitos foram observados participando de eventos de letramento na esfera familiar e como as práticas de leitura e escrita repercutiam na esfera escolar. Este estudo também se debruça sobre eventos de letramento em um contexto local. Ressalvando que é uma participação em eventos de letramentos digitais, mas que ocorre nas mesmas esferas, principalmente, embora não tenha sido realizado um estudo longitudinal, efetivamente etnográfico como da autora.

O relato exposto acima, a respeito da pesquisa de Heath (1982) corrobora o que Street (2003, p. 78) menciona sobre práticas de letramento. “O conceito de práticas de letramento [...] não aponta somente para os modelos de atividades em torno dos eventos de letramento, mas o liga a algo mais amplo com uma diversidade cultural e social”.²⁰

A pesquisa de Heath (1982) parece apontar para um modelo de letramento que Street (2003) denomina de modelo ideológico. Para Street (2003), o modelo de letramento ideológico está ligado ao conhecimento adquirido pelas pessoas na vivência em suas comunidades. As experiências de leitura e escrita dos sujeitos estão arraigadas ao modo de ser, à identidade e aos conhecimentos de cada um e como esses sujeitos foram expostos a essas práticas no meio em que vivem. Assim, na concepção do modelo ideológico de

²⁰ The concept of literacy practices in these and other contexts not only attempts to handle the events and the patterns of activity around literacy events, but to link them to something broader of a cultural and social kind.

letramento, as práticas letradas são determinadas pelo contexto social.

Logo, o modelo de letramento ideológico difere do letramento oferecido nas escolas, sendo este denominado por Street (2003) modelo de letramento autônomo. As escolas propõem um modelo de leitura e de escrita que é seguido pelos sujeitos. Não somente no que diz respeito à metodologia empregada, mas também ao tipo de material e conteúdo oferecido, já que este material pouco tem a ver com a realidade cotidiana dos alunos. Segundo o autor, essa prática afeta as possibilidades de escolha dos sujeitos inseridos nesse contexto a ponto de estes seguirem os ideais de uma sociedade dominante.²¹

Na mesma linha de raciocínio, essa concepção “pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social.” (KLEIMAN, 1995, p. 21). Neste estudo, propõe-se a concepção de Kleiman (2007, p. 4), a qual sugere que “os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”.

Para tratar de práticas discursivas, no sentido de haver uma mudança na maneira dos sujeitos interagirem em múltiplos eventos de letramento, esta dissertação traz como contribuição um estudo realizado por Rojo (2008), o qual possibilita uma discussão sobre alguns apontamentos até aqui apresentados. Inicialmente a autora problematiza a discussão sobre letramento citando Hamilton (2002) no que se refere aos múltiplos letramentos, fazendo uma distinção entre os letramentos sistematizados por instituições, como escolas, igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, etc, dos letramentos vernaculares ou autogerados, que não são “regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais” (ROJO, 2008, p. 583).

A autora também salienta que os letramentos vernaculares não são tão valorizados e por isso pouco investigados. Rojo (2008) chama a atenção para as mudanças que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, como o crescimento da globalização, as mudanças nos meios de comunicação, de informação e o crescente aumento do uso de tecnologia. Muitas discussões ocorrem em torno do uso do computador, mas o uso das TIC não se limita somente a ele, mas a todos os dispositivos que fazem parte do mundo digital.

A autora argumenta que essa aceleração e utilização das TIC provoca mudanças que adquirem importância nas discussões em torno das práticas sociais dos letramentos

²¹ A respeito do discurso ideológico, discurso primário e discurso secundário cf. Gee (2005).

digitais:

- a) a intensificação vertiginosa e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação [...] digitais [...]
- b) a diminuição das distâncias espaciais [...]
- c) a multissensuosa que as possibilidades multimidiáticas e hipermediáticas do texto eletrônico trazem para o ato de leitura [...] (ROJO, 2008, p. 583).

Nessa perspectiva, Rojo (2008) percebe que houve mudanças significativas na maneira de ler e de produzir textos porque a diminuição das distâncias, em todos os sentidos, virtuais ou não, colaboram para diferentes práticas de letramento. Essas novas práticas estão impregnadas de novas modalidades de leitura, nas quais o sujeito precisa agregar códigos, símbolos, signos para sua compreensão, o que acabou invadindo também a mídia impressa.

Assim, este estudo abre espaço para tratar do tema desta dissertação: os letramentos digitais. A seção seguinte traz um breve levantamento histórico do surgimento do computador e suas implicações para o mundo digital como também a concepção da prática dos letramentos voltada para o uso das TIC.

3.3.2 Perspectiva digital dos letramentos

As reflexões a respeito do letramento expostas até aqui apontam para a concepção de que o letramento se refere a um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita em contextos específicos. Cada comunidade ou grupo de sujeitos praticam formas diferentes de inserção de seus participantes no mundo da leitura e da escrita, o que pode ser observado nos eventos de letramento.

No mesmo sentido as práticas sociais de leitura e escrita ocorridas na comunidade, na família, na igreja, no clube, etc. diferem também do que a escola propõe aos alunos. Nesses contextos específicos, a leitura e a escrita surgem como uma necessidade de inserção do sujeito na sociedade com fins específicos.

Assim, o letramento não pode ser entendido como um conjunto único de práticas sociais, pois há modos diferentes de lidar com a leitura e a escrita, dependendo do contexto onde elas se inserem. Street (2003, p. 77) menciona o termo “letramentos múltiplos” e Kleiman (2007, p. 4) “múltiplos letramentos da vida social”. No mesmo sentido, Barton e Hamilton (1998, p. 9) pontuam o seguinte:

Olhando os diferentes eventos de letramento fica claro que o letramento não é o mesmo em todos os contextos; antes há letramentos diferentes. A noção de letramentos diferentes tem vários sentidos: por exemplo, as práticas que envolvem diferentes mídias ou sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser consideradas como letramentos diferentes [...].²²

Dentro dessa perspectiva, Rojo (2009, p. 11) aponta para denominações específicas do emprego de letramentos múltiplos: “letramento escolar, jurídico, acadêmico, literário, burocrático”. Seguindo esse raciocínio, abre-se uma discussão sobre o conceito de letramento digital, para em seguida aproximá-lo do contexto escolar.

Antes de aproximar o leitor do contexto brasileiro no letramento digital, parece oportuno trazer uma breve perspectiva histórica da informatização com apoio em Lévy (2004; 1999), apontando algumas razões que levaram a sociedade mundial ser envolvida pelo mundo digital e como houve uma redefinição do ato de ler e escrever em dispositivos digitais.

Inicialmente o autor relata o surgimento dos primeiros computadores na Inglaterra e nos Estados Unidos, em 1945 para fins militares, havendo, posteriormente, sua disseminação civil para fins comerciais somente por volta de 1960, no entanto ainda máquinas enormes e que necessitavam de muitos cuidados.

Mas os computadores, aos poucos, causavam entusiasmo nos cientistas os quais foram desenvolvendo e aperfeiçoando o desempenho das máquinas. A cada ano que passava mais assombro os computadores causavam. Seus dispositivos sofriam inúmeras modificações e recebiam um aprimoramento fenomenal. No entanto, seu tamanho ainda era enorme o que dificultava sua comercialização em caráter residencial (LÉVY, 1999).

Por volta de 1970 com a invenção de microprocessadores e de *chips* é que houve uma disparada em relação a sua produção industrial. A partir daí houve uma busca desenfreada para comercializá-lo e, conseqüentemente, foi inventado o computador pessoal. O computador deixava de ser então apenas uma máquina de processamento e passava a ser um instrumento de criação de textos, planilhas, imagens, músicas, jogos, etc. (LÉVY, 1999).

Os anos 80 trouxeram um novo horizonte à informática e esta passou a fundir-se com as telecomunicações, o cinema e a televisão e o mundo viu a invasão dos videogames e do CD-ROM. “A digitalização penetrou primeiro na produção e gravação de músicas, mas os microprocessadores e as memórias digitais tendiam a tornar-se a infra-estrutura de produção de todo o domínio da comunicação” (LÉVY, 1999, p 32).

²² Looking at different literacy events it is clear that literacy is not the same in all contexts; rather, there are different literacies. The notion of different literacies has several senses: for example, practices which involve different media or symbolic systems, such as a film or computer, can be regarded as different literacies [...].

Por volta de 1990, um movimento sócio-cultural dirigido por jovens empreendedores de grandes cidades inventou uma maneira de juntar esses computadores que vinham sendo aperfeiçoados desde os anos 70. A partir daí as pessoas passaram a interagir umas as outras por meio da grande rede. Essas relações passaram a crescer de forma exponencial da mesma forma que o computador pessoal se alastrou (LÉVY, 1999).

Segundo o autor, as novas tecnologias digitais surgiram como forma de estruturar todo o ciberespaço e, de uma maneira espontânea, acabaram abrindo novos caminhos para as TIC e para um novo mercado da informação e do conhecimento, reformulando a maneira de ler e escrever das pessoas no que diz respeito aos meios digitais.

Lévy (1999) expõe que a primeira grande transformação midiática ocorrida na civilização foi a passagem da cultura oral para a cultura escrita. Essa transição abriu caminho para a comunicação entre pessoas que estavam a milhares de quilômetros uma das outras e trouxe fundamentação principalmente para as religiões que perpetuaram seus ideais em textos escritos. Estava instaurada a primeira grande universalização de um meio de comunicação. Contudo, o dinamismo que a oralidade oferecia aos interlocutores passa para uma representação estática com a instauração da escrita, já que não existia a possibilidade de interação com quem estava distante.

Obedecendo à mesma tendência evolutiva, “As mídias de massa: imprensa, rádio, cinema, televisão, ao menos em sua configuração clássica, dão continuidade à linhagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita” (LÉVY, 1999, p 116). Esses meios de comunicação trouxeram de volta a possibilidade da comunicação oral e de forma mais ágil que a comunicação escrita, juntaram as distâncias. No entanto, esses veículos de comunicação, com exceção do telefone, ainda não possibilitavam a interlocução. A transmissão de informações ocorria por meio de um processo monológico. Ou seja, havia um locutor, mas não havia oportunidade para a interação, por isso os sujeitos eram apenas receptores. O receptor podia interagir com o grupo, caso houvesse um, sobre o que estava sendo transmitido e a partir daí criar novas situações dialógicas, mas não diretamente com o transmissor da informação desses meios de comunicação.

É nesse contexto de comunicação universal que surge o mundo digital e o ciberespaço vem preencher, ou pelo menos tentar preencher, a lacuna deixada pelos antigos meios de comunicação. Nesse universo de novidades tecnológicas, o advento das TIC aproxima as pessoas no sentido da troca imediata de informação, seja por meio da internet, celular, etc e “serve como mediador ou meio para uma comunicação recíproca, interativa [...]” (LÉVY, 1999, p 118).

Traçando um paralelo com os antigos pergaminhos que apresentavam uma paginação vertical, as páginas digitais seguem o mesmo princípio. Elas apresentam uma sequenciação verticalizada, de cima para baixo, ao contrário da paginação tradicional dos materiais impressos, que seguem um princípio linear, horizontal.

No mesmo sentido, Lévy (2004, p. 20) expõe que “o hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita. A noção de interface [...] não deve ser limitada às técnicas de comunicação contemporâneas” já que os mecanismos de conectar um equipamento com funções distintas a outro tem uma bagagem histórica com o surgimento do número de páginas, capítulos, sumários, por exemplo. Essas interfaces já são tão comuns que nem são percebidas. Todas essas transformações trazem, também, situações, iniciativas e comportamentos diferenciados para a leitura, já que não há mais a ação de virar a página e sim rolagem.

É nesse contexto que se situa o jovem leitor de hoje. Envoltos a uma grande possibilidade de interação com os mais variados mecanismos informatizados de mediação. E isso tem chamado a atenção de pais, professores, alunos e governo. Nos próximos parágrafos são discutidas as iniciativas encontradas para a educação poder acompanhar os avanços tecnológicos em relação às práticas de leitura e escrita digitais.

No Brasil a discussão do tema letramento digital ganhou força no ano 2000 quando surgiu o programa Sociedade da Informação (SocInfo), criado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Naquele momento foi elaborado um documento, chamado Livro Verde²³, que reunia diretrizes as quais pudessem tornar o país competitivo e incluíssem a população nas tecnologias de informação e comunicação. Neste documento, o tema letramento digital foi apresentado como sendo uma habilidade que pudesse ser transmitida, apontando, inicialmente, para uma perspectiva individual do letramento. Segundo Buzato (2006), o tema letramento digital foi tratado no documento como “alfabetização digital” e apresentava o seguinte conceito:

a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também que capacite as pessoas para a utilização dessas mídias em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania (TAKAHASHI, 2000, p. 31 apud BUZATO, 2006, p. 6).

Na concepção de Buzato (2006), o termo “alfabetização digital” poderia ser

²³ De acordo com Buzato (2006) o documento foi organizado por Tadao Takahashi e tem como diretrizes “integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia do País tenha condições de competir no mercado global”. (BUZATO, 2006, p. 6).

definido como letramento digital, já que, em primeiro lugar, uma pessoa que não sabe usar as interfaces do computador não pode ser chamada de analfabeta, visto que ela pode estar alfabetizada no sentido tradicional da palavra e, em segundo lugar, espera-se que o cidadão, o aluno, o professor pratiquem o uso da tecnologia socialmente e que dominem os gêneros virtuais.

A respeito dos gêneros virtuais, Marcuschi (2004) lembra que um dos aspectos essenciais e centrais da tecnologia é depender da escrita. O estudo do autor aponta para a interação síncrona, onde a produção escrita é realizada em tempo real entre os participantes do evento, e assíncrona, caracterizada por um lapso temporal entre produção e recepção das mensagens entre os participantes. O autor não faz um levantamento preciso de quantos gêneros virtuais existam, mas lembra que a *home page*, o hipertexto e os jogos interativos não podem ser tratados dessa forma, pois se caracterizam como um local específico, como um modo de produção textual e como um suporte, respectivamente. Segundo o autor, os gêneros virtuais que utilizam a comunicação escrita como meio de interação e que são mais praticados são o *e-mail*, bate-papos virtuais, lista de discussão e aulas virtuais.

Do ponto de vista da linguagem, esses gêneros virtuais estão sendo construídos sócio-historicamente nas diversas esferas da atividade humana, já que o modo de interação entre os participantes se dá no trabalho, em casa, na família, no lazer²⁴ e em todos os setores da sociedade.

Assim, Buzato (2006, p. 7) menciona os letramentos digitais, com o intuito de englobar a palavra letramento em suas diversas esferas, já que ela vem sendo empregada no plural:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

²⁴ Considera-se nesta pesquisa o lazer como uma esfera da atividade humana, mesmo parecendo não haver, em se tratando de práticas de letramentos digitais, um espaço delimitado para ele, como acontece, em geral, com a esfera familiar, a escolar, ou no âmbito do trabalho. Apesar de existirem espaços apropriados para o lazer como os campos de futebol, as pistas de dança etc., quando se trata do uso das TIC, não há necessariamente um ambiente próprio para a interação entre os sujeitos nessa esfera. Dessa forma, participar de práticas de letramento digital relacionadas ao lazer não implica necessariamente inserir-se num espaço físico delimitado para esse fim, mas implica a interação, presencial ou virtual, com interlocutores tendo como objetivo o entretenimento. Assim, as TIC podem possibilitar momentos de lazer se apropriando do espaço de outras esferas quer seja familiar, escolar, de trabalho etc., embora em muitas dessas esferas existam regras específicas para sua utilização. Assim, este estudo entende o lazer como uma esfera que está intimamente ligada a uma outra esfera no que diz respeito ao seu espaço, o qual pode variar de acordo com a necessidade do sujeito em uma determinada situação de comunicação verbal.

Do ponto de vista de Coscarelli (2007, p. 9), “Letramento digital é o nome que damos [...] à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Segundo a autora, as tecnologias da informação e comunicação vêm, aos poucos, trazendo mudanças, às vezes profundas, no trabalho, família, lazer, escola entre outras esferas.

Algumas mudanças são tão sutis que passam despercebidas, como por exemplo, até pouco tempo, o domínio de separar sílabas para alinhar textos era uma habilidade necessária para uma produção textual que seguisse determinados padrões. Hoje as pessoas não precisam mais se preocupar com isso, pois o computador já faz de maneira automatizada. Se antes era preciso escrever legível, com letra bonita, hoje é preciso saber digitar. Para a autora, ainda não houve a troca do lápis e a caneta pelo teclado, mas isto está bem perto. (COSCARELLI, 2007).

O permanente contato das pessoas com os meios digitais foi pesquisado por Prensky (2001) que cunhou os termos “nativo digital” e “imigrante digital”. Para o autor,

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001, p. 1).

Da mesma forma, o cientista Gary Small, ao ceder entrevista para Luz (2009) a respeito das mudanças que vêm ocorrendo com as pessoas em relação ao uso das TIC, também trata como nativos digitais as pessoas que nasceram depois dos anos 80 e passaram a conviver com equipamentos e meios digitais 24 horas por dia nos sete dias da semana. No outro segmento estariam os imigrantes digitais, que conheceram esses meios quando já eram adultos. Segundo o cientista, as pessoas com mais de 30 anos, passaram por um processo de socialização e de aprendizagem de maneira diferenciada. Quando estão em contato com as TIC, os imigrantes digitais lidam com esses meios de maneira mais metódica e vagarosa, enquanto que os nativos digitais tomam decisões mais rápidas e conseguem agrupar melhor os estímulos sensoriais do ambiente em que estão inseridos.

Mercado (2002, p. 12-14) chama atenção para o fato de a sociedade estar passando por grandes mudanças em função do advento das tecnologias da informação e comunicação, as quais exigem um profissional “crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar em grupo e de se conhecer como indivíduo”. O autor também aponta para a escola como uma das agências de letramentos digitais expondo que “às

escolas cabe a introdução das novas tecnologias de comunicação e conduzir o processo de mudança da atuação do professor”.

O modo como os alunos buscam as informações sugerem comportamentos que são influenciados pelo uso ou contato com as TIC, já que esses meios possibilitam a interatividade, na qual o sujeito vai ultrapassando obstáculos e superando seus limites. Isso traz uma nova forma de aprendizagem caracterizada pelo dinamismo, participação e “descentralizada (da figura do professor) e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários freqüentes das tecnologias de comunicação digital” (XAVIER, 2010, p. 3).

Talvez, em determinados contextos, os usuários não tenham tanta possibilidade e acesso às TIC, como pondera o autor, por isso cabe à escola oferecer esses acessos. Coscarelli (2007, p. 27) também entende que “a informática precisa entrar na escola porque ela pode ser um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos já excluídos em muitas outras situações”.

A escola não pode colocar-se à margem das mudanças socioculturais que surgem a cada instante com o advento das tecnologias da informação. “As novas tecnologias da informação [...] significam para a educação escolar [...] desafios outros que se imprimem às distintas articulações de linguagens, ao mundo, à sociedade, à cultura [...]”. (MARQUES, 2006, p. 19).

Assim, a crescente utilização das TIC nas diversas esferas da atividade humana aponta, cada vez mais, para a escola como ponto de convergência entre o letramento escolar e os letramentos digitais. Os meios tecnologizados precisam adentrar na escola para, além de serem ferramentas e suportes de aprendizagem, possam também ser discutidos e entendidos na função interacional que propiciam, seja com o próprio equipamento ou por meio dele para a interação com outra pessoa.

Mercado (2002) salienta que todas as esferas - da escola, da universidade, do trabalho, do lazer, de casa, etc. - esperam por uma educação escolar que propicie aos jovens interpretar uma quantidade cada vez maior de informações, já que o advento dos meios informatizados trouxe ao alcance de grande parte da população as facilidades que o mundo globalizado oferece para aquisição de bens de consumo como também de conhecimento.

4 A PRÁTICA SOCIAL DOS LETRAMENTOS DIGITAIS NA VOZ DOS SUJEITOS

O que nos falta é a audácia científica do pesquisador, sem a qual seria vão acreditar que atingiremos pontos culminantes ou penetraremos nas profundezas (BAKHTIN, 1997, p. 269).

Como proposta de análise, esta pesquisa foca inicialmente a materialidade linguística e, à medida que os dados são expostos, os enunciados são analisados e interpretados para se depreender os sentidos de práticas de letramentos digitais, pois “o fazer científico nas ciências humanas se materializa por gestos interpretativos, por contínua atribuição de sentidos” (FARACO, 2006, p. 40).

Para isso, os sujeitos são inseridos neste capítulo de forma individual, seguindo-se uma sequência crescente do primeiro sujeito até o quinto. Os títulos das seções que compreendem este capítulo de análise são identificados por meio de um enunciado dos sujeitos. Com esse movimento de análise, esta investigação procura regularidades e busca aproximações nas práticas de letramentos digitais. Dessa forma, pretende-se alcançar os objetivos propostos neste estudo: (i) compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio; (ii) descrever eventos de letramentos digitais dos quais os alunos participam; (iii) analisar a inserção de alunos em práticas de letramentos digitais e (iv) refletir sobre os ecos dos letramentos digitais.

Parafraseando Amorim (2004), a construção de um texto científico requer saber a quem ele se dirige. Isto não significa ter um público seletivo, mas numa perspectiva bakhtiniana, possibilitar o dialogismo e, concordando ou discordando, respondendo ou não, permitir que o texto seja atravessado pela voz do outro.

Tanto pela voz como pelo silêncio, estaremos às voltas com produção de sentido. É portanto, a espessura discursiva que se coloca aqui como horizonte e como limite da análise do texto de pesquisa, pois a construção de sentido de todo discurso é, por definição, inacabada (AMORIM, 2004, p. 19).

As categorias de classificação são formas de classificar os dados coletados, o que possibilita procurar aproximações em palavras, frases, comportamentos e formas de pensar. “As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos [...] de forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 221).

No entanto, os autores apontam que não há uma fórmula mágica para a categorização, apesar de apresentarem alternativas sobre o que procurar. Este estudo se ajusta, inicialmente, a uma das sugestões de Bogdan e Biklen (1994, p. 223) que aponta para os “códigos de definição da situação” os quais sinalizam a “visão que os sujeitos têm do mundo e na forma como se vêem a si próprios em relação à situação ou ao tópico em causa”. O uso das TIC para os sujeitos da pesquisa passa a ser analisado numa perspectiva social e no modo como esses sujeitos se veem inseridos no mundo digital.

Outra forma utilizada para categorizar os dados da pesquisa remete às “perspectivas tidas pelos sujeitos”, pois isto “inclui códigos orientados para formas de pensamento partilhadas por todos ou alguns sujeitos [...]. Muitas vezes estas perspectivas são reveladas em certas frases que os sujeitos utilizam” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 223).

Apesar de a categorização auxiliar o processo de análise do investigador, cabe destacar que os mesmos autores apontam isso apenas como alternativas. A análise parte também de uma perspectiva do investigador, “pois são os valores sociais e as maneiras de dar sentido ao mundo que podem influenciar quais os processos, actividades, acontecimentos e perspectivas que os investigadores consideram suficientemente importantes para codificar” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 229).

Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa é constituído das transcrições de entrevistas individuais semiestruturadas realizadas com cinco alunos da 1ª série do ensino médio além da descrição das visitas domiciliares.

4.1 “CADA DIA A TECNOLOGIA AVANÇA MAIS”

Como ponto de partida para a análise dos enunciados de **S1**, retomo alguns aspectos da seção 2.3.1 que trata da visita domiciliar. **S1** é do gênero masculino, está com 16 anos de idade e ajuda o pai na plantação de arroz. Seu contato com as tecnologias iniciou-se desde cedo, seis ou sete anos de idade, quando a família visitava o tio e lá ele teve os primeiros contatos com o computador por meio de jogos. O relato dos pais ainda revelou que o computador foi comprado logo em seguida, para trabalhos escolares e também para os jogos. Há um ano a família dispõe de conexão com a internet por meio de banda larga, com velocidade de 300 kbps via cabo.

Dou início ao diálogo da entrevista perguntado a **S1** o que vem a sua cabeça

quando ouve mundo digital, informática, computador, com que associa. Ele enuncia que *cada dia a tecnologia:: avança mais' né"* sempre saem novos softwares e novos' tipo' novos programas de computador' novos acessórios' saem sempre novos hardwares' placas de vídeo' processador' cada vez a tecnologia avança mais /.../ eu associo bastante com jogo:: *jogo né"* e daí a internet daí mais pra trabalho /.../ a fotografia daí a gente usa bastante pra descarregar foto:: pra editar foto:: e imprimir.

Um primeiro movimento de análise aponta para o emprego pluralizado do adjetivo *novos* anteposto aos substantivos *softwares, programas, acessórios, hardwares placas de vídeo e processador* de maneira recorrente. Uma possibilidade de análise para o emprego dessa palavra, nessa situação, remete ao que comumente se vê também na indústria automobilística em relação ao relançamento de veículos. As montadoras resolveram rebatizar modelos de carros que já foram lançados atribuindo a palavra *novo*, ou *new*, a um modelo já consagrado pelo uso. Como exemplo pode-se citar a Honda, com o *New Civic*, a Volkswagen com o Novo Gol, o Novo Fiesta, da Ford e Novo Siena, da Fiat entre tantos outros que o leitor vai lembrar.

Depreende-se que o uso deste adjetivo remete a ecos de outros discursos. Os ecos surgem no discurso dos sujeitos e pertencem a discursos de outros, que são reorganizados nas relações dialógicas e marcados pelo estilo individual. Os enunciados de **S1** sinalizam os ecos do discurso publicitário, mas são ressignificados em seu discurso para o uso das TIC.

Da mesma forma, **S1** ao enunciar *novos softwares e novos' tipo' novos programas de computador' novos acessórios' vai sempre novos hardwares' placas de vídeo'* sinaliza as atualizações que ocorrem nesses *hardwares e softwares* e não necessariamente para criação de um novo produto. Para ele, mundo digital implica necessariamente um movimento contínuo de renovação, em que o novo logo se torna velho.

O conceito de heteroglossia contribui para a análise desse enunciado que traz os ecos do discurso publicitário. O viés enunciativo do Círculo de Bakhtin compreende a linguagem como um fenômeno que é preenchido com a voz de outros discursos que circulam nos contextos sociais dos quais o sujeito participa. Faraco (2006, p. 57) argumenta que essas vozes “vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante”. O enunciado inicial de **S1** sinaliza que o sentido que ele constrói, ou o sentido que ele apresenta para o mundo digital, para as tecnologias, é um sentido construído socialmente pela propaganda.

O discurso publicitário remete ao mundo globalizado que Buzato (2009, p. 13)

descreve “como uma onda [...] do mundo via consumo”. A globalização impõe a “emergência de ‘identidades partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão muito distantes umas das outras no espaço e no tempo” (HALL, 2005, p. 74 apud BUZATO, 2009, p. 13). Por isso, lidar com a tecnologia implica lidar com o novo constantemente, atualizar-se, acompanhar as inovações que podem fazer parte dos discursos que circulam na publicidade.

O sujeito também parece demonstrar em seu enunciado que seu conhecimento não está limitado ao uso da máquina em si, como digitar, manipular o *mouse*, jogar. **S1** emprega palavras específicas para nomear os componentes eletrônicos e atividades que desenvolve no computador como *softwares /.../ hardwares’ placas de vídeo’ processador’ editar foto*.

Diante das expressões técnicas sobre o uso do computador, pergunto a **S1** onde ele aprendeu tudo isso e o sujeito enuncia que *o computador’ quando eu comecei:: eu fui fucinhando eu sozinho:: mexendo:: e fui aprendendo:: depois fiz curso:: daí a tv’ isso tudo eu aprendi sozinho:: o pai sempre tava ensinando também*.

Na visita domiciliar, os pais revelaram que todos fizeram curso de informática, uma exigência do pai, pois na sua concepção, os cursos possibilitam um conhecimento mais profundo da máquina. Na opinião do pai de **S1**, a pessoa que fez um curso e faz uso do computador, sabe com antecedência o que fazer e não precisa ficar adivinhando ou “chutando” para ver se consegue acertar nas operações que está desenvolvendo com a máquina. Dessa forma, o fato de o sujeito conhecer termos específicos parece demonstrar que esse conhecimento provém da escola de informática.

Relacionando essa condição de aquisição de conhecimento a respeito das TIC ao cotidiano das pessoas, seu uso, na grande maioria, limita-se ao simples manuseio dos equipamentos. Depreende-se que há pouco ou nenhuma situação escolar formal que preencha essa lacuna, a não ser a interação entre os próprios alunos, ou na esfera familiar na relação com o pai. No que se refere ao conhecimento adquirido para o uso das TIC, Coscarelli (2007, p. 17) lembra que:

precisamos dominar a tecnologia da informação, estou me referindo a computadores, *softwares*, Internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar o mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento (grifo do autor).

O enunciado do sujeito sinaliza também uma preocupação em extrair informação

sobre o uso das TIC quando menciona de imediato a escola de informática e na retomada da expressão *a tecnologia avança mais*.

Outra associação que **S1** fez com os meios ou equipamentos digitais remete à internet: *eu associo bastante com jogo:: jogo né” e daí a internet daí mais pra trabalho*. O enunciado do sujeito *a internet daí mais pra trabalho*, refere-se aos trabalhos escolares, pois a visita domiciliar revelou que o computador foi comprado também para esse fim. Outro fator é que o sujeito trabalha com o pai na plantação de arroz, o que leva a entender que são trabalhos escolares.

A esfera escolar aparece também quando pergunto a **S1** com que frequência ele faz uso de meios ou equipamentos digitais e ele enuncia que *quando tem’ trabalho de escola:: é:: assim’ durante a semana:: todo dia:: mas quando é pra jogar’ é duas três vezes por semana*. Complemento a questão perguntando para que mais são utilizados esses meios e **S1** enuncia que *a tv a gente usa pra assistir filme né” a mãe gosta de ver novela’ o computador usa pra pesquisas’ trabalhos de escola’ pra jogar’ e o telefone é um meio de comunicação*.

Ao perguntar se alguém ensinou a usar esses meios ou equipamentos digitais, **S1** traz em seu enunciado que *o computador’ quando eu comecei:: eu fui fucinhando eu sozinho:: mexendo:: e fui aprendendo:: depois fiz curso:: daí a tv’ isso tudo eu aprendi sozinho:: o pai sempre tava ensinando também*. Esse enunciado sinaliza a esfera familiar como meio de interação e aprendizagem e novamente para a escola de informática como uma agência específica de prática de letramento digital.

Há a possibilidade também de aproximar a concepção de aprendizagem vigotskiana no modo como **S1** se insere nas práticas de letramentos digitais. Na esfera familiar, ele teve ajuda do pai e aprendeu sozinho também. Conforme Daniels, (1997, p. 175) “as interações de crianças tomam forma em práticas culturais que têm determinadas *estruturas*, e essas estruturas estão entrelaçadas com as formas que as interações de crianças tomam e com os objetivos que emergem” (grifo do autor). Recuperando a visita domiciliar, o computador foi adquirido pela família para jogos e trabalhos escolares, com isso **S1** toma como objetivo a necessidade de aprender a utilizar o equipamento na interação com o pai e sozinho consegue alcançar seu propósito.

Em seguida pergunto se esses meios mudam algo em sua vida e ele enuncia que *ah’ muda bastante porque:: eu comprei um computador e agiliza pra gente digitar’ e é tudo mais rápido né” fosse tudo escrito a mão ia ser bem mais difícil’*. **S1** refere-se às atividades escolares que desenvolve, mas seu enunciado remete também a agilidade que as TIC possibilitam no mundo contemporâneo, como por exemplo a telecomunicação. A partir do

anos 80 houve uma fusão dos meios informatizados e televisivos e as notícias passaram a percorrer o mundo de maneira meteórica. Eventos informativos ocorridos no ocidente alcançavam o oriente e vice-versa. Se há tempos atrás precisava-se de um mensageiro para levar uma informação manuscrita e para isso depreendia-se, às vezes, semanas ou meses, agora o *e-mail* faz o mesmo num piscar de olhos.

Quando perguntado se **S1** já havia ajudado alguém com o uso dos meios ou equipamentos digitais o enunciado de **S1** foi que *já:: o computador que nem quem não entende muito bem' assim meus amigos' quando querem botar algum programa:: ou jogo:: aí a gente ajuda né" tenta explicar' daí a tv' as funções' quando alguém compra alguma e não entende::*. Seu enunciado remete ao conceito de ZDP cunhado por Vygotsky. Na situação interativa descrita por **S1**, ele age como alguém mais experiente quanto ao uso do computador e da televisão que outros sujeitos do seu círculo social. Ele auxilia em determinadas operações, exercendo a função de mediador nesse processo de aprendizagem para o uso das TIC.

Ao perguntar se ele poderia descrever mais, **S1** enuncia que *tem muita coisa que é em inglês né" e eu entendo pouco:: mas assim alguma coisa que tem eu já:: algumas palavras eu entendo:: aí já dá de ir decifrando um pouco*. Continuando o diálogo, pergunto se ele fez curso de inglês e **S1** enuncia que *não' foi na escola*.

Isso assinala que **S1** faz uso da tecnologia em casa, principalmente, para dar conta de atividades escolares. Assim, parece que os eventos de letramentos digitais aproximam essas duas esferas, a escolar e a familiar. Em outros momentos da entrevista o sujeito sinaliza outras funções das tecnologias que parecem se distanciar dos usos feitos com as TIC em eventos de letramento na escola.

Os enunciados de **S1** apontam para a escola em três oportunidades. Na primeira ele enuncia que utiliza a internet para realizar trabalhos escolares, em seguida **S1** sinaliza o computador como ferramenta para digitação dos trabalhos e em um terceiro momento o sujeito enuncia o inglês da escola. **S1** parece se esforçar para compreender quando fala que entende algumas palavras e vai decifrando os textos que estão em inglês quando faz uso das tecnologias em situações específicas do uso das TIC. Como **S1** não fez curso de inglês em escola de idiomas, há a possibilidade de remeter esse conhecimento para a escola e à importância das aulas da disciplina de Inglês, apesar de o sujeito não enunciar isso declaradamente. De acordo com Takahashi (2000, p 60) “a presença da língua portuguesa no mundo eletrônico é bastante reduzida, como de resto ocorre com outros idiomas, à exceção do inglês”.

Chegando ao término da entrevista, pergunto ao sujeito se ele gostaria de falar sobre seus primeiros contatos com os meios ou equipamentos digitais ou se havia algo mais que ele gostaria de acrescentar. **S1** enuncia que *é:: no início era mais' a miguelão:: a gente era:: não entendia nada quando era pequeno:: aí era aqueles joguinhos' nem era 3D' apareciam aqueles quadradinhos grande na tela:: era joguinho antigo assim' hoje em dia não:: hoje em dia é tudo coisa bem mais complexa:: é perto com a realidade /.../ tem plataforma:: assim' que nem tem jogo que é idêntico à realidade:: que é difícil' assim' imaginar a criação do jogo como é que é leva anos pro cara conseguir criar né" uma e tem jogo que é esses joguinhos assim' antigamente:: era coisa mais fácil' só que pra época:: já era a tecnologia que tinha:: máxima:: cada vez evolui mais' (+) que nem 1990 e 1995 era o atari:: né" que tinha' o pai falou pra mim' que eles tinham atari:: e era loucura aquela vez' hoje em dia não existe mais' é computador' playstation 3' coisa assim.*

Inicialmente esse enunciado revela certo saudosismo, causando a impressão de que o autor desse enunciado é alguém mais velho. O modo como **S1** descreve os fatos sinaliza a passagem de um grande período temporal, quando na verdade não é, criando um efeito de sentido de distanciamento. Tem-se a impressão de que o tempo cronológico seja grande, mas na verdade ele é curto, pois está se tratando de tecnologias que se alteram com muita velocidade e as TIC vêm passando por profundas transformações em pequenos espaços de tempo.

O enunciado revela, também, seu fascínio por jogo. **S1** usa uma expressão popular “a miguelão”, que segundo o *site* cifraclub.com.br é uma referência à moda miguelão e “qualifica certo procedimento, estabanado, impreciso, apressado, de que resulta um serviço mal feito”. Outra expressão semelhante seria “a facão”, que também designa “algo que foi mal feito, ou feito às pressas, que foi feito a facão, isto é, sem o instrumento adequado, sem o refinamento exigido”²⁵. **S1** refere-se aos jogos que no passado não tinham a qualidade que têm hoje com relação aos gráficos, jogabilidade, grau de dificuldade, etc. O sujeito sinaliza o pouco conhecimento que tinha sobre os jogos ao mencionar também que *não entendia nada quando era pequeno*. A utilização do termo *plataforma*, para se referir ao componente do computador onde os jogos são executados²⁶, assinala que seu conhecimento agora é mais técnico do que na infância, o que pode ter sido aprendido com o próprio uso das TIC no que

²⁵ Fonte: <<http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/165000/>>. Acesso em 22 nov. 2010.

²⁶ No contexto da informática, plataforma é o padrão de um processo operacional ou de um computador. É uma expressão utilizada para denominar a tecnologia empregada em determinada infraestrutura de Tecnologia da Informação (TI) ou telecomunicações, garantindo facilidade de integração dos diversos elementos dessa infraestrutura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plataforma_%28inform%C3%A1tica%29>. Acesso em 22 nov. 2010.

se refere aos jogos, como também à escola de informática.

Retomando o enunciado *que nem 1990 e 1995 era o atari:: né” que tinha’ o pai falou pra mim’ que eles tinham atari:: e era loucura aquela vez’ hoje em dia não existe mais’ é computador’ playstation 3’ coisa assim*, **S1** sinaliza que consegue estabelecer um paralelo entre os jogos que havia no passado com os jogos de hoje, os quais, em sua opinião, eram mais fáceis e hoje são mais complexos. No entanto, o sujeito reconhece que para a época era o que havia disponível. O discurso familiar constitui o sujeito e faz com que ele também construa sentidos a partir das experiências do pai.

O enunciado de **S1** remete ao conceito de exotopia estabelecido por Bakhtin (1997) que aponta para o espaço, o tempo e os valores como meios para completar a individualidade. “O encontro dialógico de duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN, 1997, p. 368).

O discurso de **S1** sinaliza a construção de sentido que ele tem em relação ao discurso de seu pai e em relação ao espaço/tempo. O sujeito sinaliza que a tecnologia disponível nos anos 90 era o que havia de melhor naquela época e que seu pai se encantava, assim como ele se encanta agora com os jogos, principalmente. **S1** retoma a expressão *cada vez evolui mais*, referindo-se à tecnologia e aos jogos e cita *playstation 3* numa associação ao *atari* e à evolução que houve em relação a essa tecnologia.

Ao enunciar que *o meu tio:: ele tinha computador’ aí eu fui lá e comecei a jogar no computador’ aí eu achei legal e o pai comprou um pra mim’ aí comprei e fiquei viciado em jogo ((risos))*, percebe-se seu posicionamento exotópico. Contrapondo com o outro enunciado: *o pai falou pra mim’ que eles tinham atari:: e era loucura aquela vez’*, depreende-se outro tipo de valor nas palavras. O discurso do pai manifesta-se em **S1** no emprego da palavra *loucura*, a gíria da época vivida pelo pai. No momento histórico que o sujeito se encontra essa palavra é substituída por *viciado* e representa o mesmo sentimento de euforia que o pai sentiu tempos atrás com os jogos. A palavra *viciado* semanticamente é carregada de sentido metafórico.

Complementando esse enunciado, **S1** esboça o riso. Essa manifestação extraverbal sinaliza a forma irônica com que o sujeito se posiciona em relação ao emprego da palavra *viciado*. O sentido que essa palavra carrega remete a pessoas que possuem hábitos repetitivos que tendem a prejudicar a saúde ou o comportamento. As esferas jurídicas e policial consideram as pessoas viciadas transgressoras da lei. O discurso oficial e de autoridade exerce força centrípeta. Talvez pela posição do sujeito no contexto desta pesquisa, tendo este

pesquisador como seu professor, isso tenha desencadeado o riso, sinalizando o discurso de autoridade presente na profissão de professor.

Ao esforço centrípeto dos discursos de autoridade opõe-se o riso, que leva a uma aguda percepção da existência discursiva centrífuga. Ele dessacraliza e relativiza o discurso do poder, mostrando-o como um entre muitos e, assim, demole o unilingüísmo fechado e impermeável dos discursos que erigem como valores a seriedade e a imutabilidade, os discursos oficiais, da ordem e da hierarquia (FIORIN, 2006, p. 89).

As palavras não são pronunciadas simplesmente pelos falantes. Na realidade são “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis [...]. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*” (BAKHTIN, 2006, p. 95, grifos do autor). É dessa forma que os falantes compreendem e reagem àquilo que desperta interesse numa relação dialógica.

Os enunciados de **S1** apontam as práticas de letramentos digitais ligadas a duas esferas, principalmente. Inicialmente aparece a esfera familiar com os primeiros contatos com as TIC e a influência e ajuda dos pais e parentes. **S1** parece dar ênfase à prática de jogos. Seus enunciados remetem também para a esfera escolar. Entendida, num primeiro momento, como a escola, onde a solicitação de trabalhos escolares e pesquisas na internet acabam por levar o sujeito às práticas de letramentos digitais novamente para esfera familiar com o uso do computador. Num segundo momento, seus enunciados remetem à escola de informática, que possibilitou conhecimento técnico a respeito das TIC e que, por sua vez, levam o sujeito também às práticas de letramentos digitais na esfera familiar no que diz respeito à instalação de *softwares* a ao próprio uso que ele faz das tecnologias.

4.2 “INTERNET É O MUNDO DIGITAL”

Esta seção destina-se à análise dos enunciados de **S2**, que, retomando a visita domiciliar, é do gênero feminino e está com 15 anos de idade. Ele reside com a irmã e seu cunhado, seus responsáveis. **S2** trabalha com a irmã ajudando nas atividades domésticas, na agricultura e na facção de malhas que a irmã possui. O primeiro contato com as TIC ocorreu há quatro anos, principalmente na escola, com acesso ao computador e internet. Há dois anos que a família adquiriu um *notebook* para os estudos de **S2**. A família não possui acesso à internet e o sujeito utiliza o *notebook* na escola ou em outros pontos para fins de acesso à

internet, como casa de parentes e locais livres.

Ao perguntar a **S2** “o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital, informática, computador? Com que você associa?”, o sujeito enuncia que *eu associo com tudo que eu preciso:: tudo que eu preciso no caso assim’ matéria:: de mmh esporte educação:: tudo que tu precisa hoje em dia tu encontra no mundo digital que é a internet né” tudo’ qualquer coisinha que tu digita’ qualquer coisinha tu acha:: tu não tem’ não pode dizer que nada tu não encontra ali porque tu encontra de tudo né” internet é o mundo digital bem’ utilizado hoje por todo mundo né”*.

Analisando, inicialmente, o enunciado de **S2**, depreende-se que o pronome indefinido *tudo* é utilizado pelo sujeito como um recurso linguístico que parece dar conta da ideia do que é o mundo digital. A forma como **S2** emprega a palavra em seu discurso sinaliza a internet como algo que preenche várias necessidades, seja para sua educação ou esporte. Essa concepção de mundo digital parece ser completa, totalizante, essencial, indispensável.

A maneira como **S2** emprega esse recurso linguístico pode ser visto também na publicidade. A seguir há alguns *slogans* de empresas que já utilizaram, no decorrer das décadas, a palavra tudo com o sentido de trazer benefícios ou completudes e que instigaram as pessoas a consumirem seus produtos:

“Globo e você, tudo a ver.” TV Globo.

“Em 20 minutos, tudo pode mudar.” - BandNews FM.

“Amo Muito Tudo Isso” - McDonald's.

“Justifica Tudo.” - Biscoito Negresco.

“Imagem não é nada. Sede é tudo. Obedeça sua sede.” - Sprite.

“Tudo anda bem com Bardahl.” - Bardahl.

“Tudo para a sua casa.” - Casas Pernambucanas.²⁷

Mais recentemente, a palavra tudo foi empregada na publicidade da Fiat para o relançamento do Uno com o *slogan* “Novo Uno. Novo tudo”.

Há ainda no enunciado de **S2** *tudo’ qualquer coisinha que tu digita’ qualquer coisinha que tu acha:: tu não tem’ não pode dizer que nada tu não encontra ali porque tu encontra de tudo né”*, o emprego de uma antítese, figura de pensamento que contrasta com as palavras nada e tudo. Depreende-se que seu uso remete ao que as pessoas podem conseguir, têm ou são com o uso das TIC. **S2** enuncia que não há nada que não se possa encontrar na rede, com o uso do computador. Ao enunciar *qualquer coisinha*, isso pode remeter a uma

²⁷ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_slogans_publicit%C3%A1rios>. Acesso em: 08 nov. 2010.

busca simples, para uma pequena informação, talvez uma palavra, por exemplo, ou algo mais complexo, como uma atitude, um ponto de vista, uma sugestão etc. A internet para **S2** surge como um local onde ele pode tirar dúvidas e buscar soluções talvez para as dificuldades ou problemas que encontra no seu cotidiano.

O discurso de **S2** remete ao discurso publicitário. Os produtos dos anúncios publicitários sempre prometem soluções para os problemas das pessoas, para o conforto, segurança, agilidade. Mesmo sem saber, os sujeitos são impulsionados para novas aquisições.

os consumidores não devem nunca ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos a novas tentações, num estado de excitação incessante — e também, com efeito, em estado de perpétua suspeita e pronta insatisfação. As iscas que os levam a desviar a atenção precisam confirmar a suspeita prometendo uma saída para a insatisfação: “Você acha que já viu tudo? Você ainda não viu nada!” (BAUMAN, 1999, p. 81).

Retomando a análise de **S1**, seus enunciados sinalizavam também a aquisição de novos *hardwares, softwares, placas, processadores, programas*. Aproximando esses discursos, eles sinalizam uma regularidade no campo social da propaganda.

Para Bakhtin (1997) cada palavra é carregada de um valor que vai sendo constituído na vivência entre os sujeitos. As condições históricas que envolvem cada sujeito em contextos específicos é que determinam o valor das palavras, assim como as condições de produção dessas palavras também vão sofrer influência nos enunciados.

S2 parece estar maravilhado com a tecnologia, especialmente no que diz respeito ao uso da internet. Para ele, a internet passa a ter muitos sentidos, pois pode estar associada à vida pessoal, escolar, familiar, esportiva ou outras esferas nas quais o sujeito está inserido.

Os enunciados de **S2** revelam que ele teve os primeiros contatos com as TIC há quatro anos e ao lhe perguntar como foram esses primeiros contatos o sujeito enuncia que *foi' é:: uma surpresa' uma surpresa assim né" quando assim eu não sabia vamos supor assim' que digitar no google e qualquer palavra que vem várias coisas ali né" parecem coisas diversas assim né" isso não sabia:: a câmera digital' fotos que aparecem ali tu tira já vê na hora:: celular liga pra qualquer ah' lugar do mundo' e:: esses planos e coisa hoje em dia:: tudo facilita muito a minha vida né" (+) e:: quando eu descobri isso pela primeira vez eu fiquei assim é:: deu umas espantada né" daí:: tanta coisa numa coisa é:: num mundo digital só é:: acho muito interessante* (grifo do pesquisador).

Este enunciado mostra novamente como **S2** é atingido pelas TIC a partir do momento que elas passaram a fazer parte de sua vida e o fascínio que causam. O sujeito enumera outros meios e equipamentos digitais além do computador e a internet mencionados

anteriormente. Ele sinaliza a ferramenta de busca *google*, que complementa o enunciado anterior *qualquer coisinha que tu digita' qualquer coisinha tu acha::*. **S2** enuncia a câmera digital, celular, plano de telefonia como meio de facilitar a vida e se sente “espantado” com a quantidade de recursos que o mundo digital oferece.

O emprego da palavra *coisinha* sinaliza uma oposição de sentidos. Apesar do diminutivo, isso demonstra a grandiosidade da rede. O que é uma *coisinha* num local de busca como o *Google*? Quais os recursos que uma empresa especializada nesse tipo de serviço precisa dispor para oferecer ao usuário oportunidade de achar *qualquer coisinha*? **S2** parece compreender que tem a sua disposição uma ferramenta capaz de suprir qualquer dúvida sua, mesmo que na sua concepção isso seja considerado simples. Para outros sujeitos que convivem também com a tecnologia isso pode ter depreendido muito esforço. Essas distâncias na maneira como sujeitos de diversas partes do mundo concebem a tecnologia, também os aproximam em função do modo de interação que as TIC oferecem. Robnik (1997, p.19 apud MARQUES, 2006, p. 117) expõe que:

os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos.

Diante desse movimento global de expectativas, mudanças e inovações constantes, os meios digitais assumem um papel de conquistas, de conhecimentos, de aquisições por parte das pessoas. As novidades tecnológicas são tantas e em mudança tão grande que as pessoas acabam tendo a impressão de que é preciso inovar constantemente, que é preciso estar conectado, elas sentem que precisa haver um cuidado de não ficar para trás. Do ponto de vista de Lévy (2004, p. 34):

Há toda uma dimensão estética ou artística na concepção das máquinas ou dos programas, aquela que suscita o envolvimento emocional, estimula o desejo de explorar novos territórios existenciais e cognitivos, conecta o computador a movimentos culturais, revoltas, sonhos.

O sujeito em questão revela seu encantamento ao descobrir o mundo digital, ele ficou espantado com as facilidades e com a quantidade de recursos presentes como câmera digital, celular e internet, caracterizando o envolvimento emocional que Lévy (2004) aponta na citação anterior.

Bauman (2008, p. 19) alerta que “os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas”. Na visão do sujeito: *celular liga pra qualquer ah’ lugar do mundo’ e:: esses planos e coisa hoje em dia:: tudo facilita muito a minha vida né*”. **S2** passa a fazer parte de um mundo que ele descobriu há quatro anos. O celular permite-lhe realizar ligações e conectá-lo ao mundo, trazendo facilidade de comunicação. A preocupação de Bauman (2008) parece residir nessa forma de interação que distancia as pessoas do contato real e as aproxima dos mecanismos virtuais. A identidade das pessoas passa pela virtualização e sua matéria é substituída por um mecanismo que permite a comunicação áudio-visual a longas distâncias.

Em outro momento da entrevista, a visão do sujeito sobre os meios ou equipamentos digitais é a seguinte: *todo ano muda que nem a câmera digital’ todo ano tem uma mais bonita’ computador todo ano tem mais um’ (+)*. De acordo com Bauman (2008, p. 31):

nos mercados de consumidores-mercadorias, a necessidade de substituir objetos de consumo “defasados”, [...] plenamente satisfatórios e/ou não mais desejados está inscrita no design dos produtos e nas campanhas publicitárias calculadas para o crescimento constante das vendas.

Retomando a análise de **S1**, em seus enunciados há uma tendência em substituir equipamentos considerados ultrapassados por mais novos e sua preocupação está no fato da tecnologia cada vez avançar mais. **S2** sinaliza também a constante renovação que os meios tecnológicos sofrem. Uma das razões está na constante pesquisa científica acerca dos meios e equipamentos digitais que tentam sempre melhorar o desempenho e oferecer mais serviços e recursos aos usuários. Os próprios usuários se encarregam de exigir do mercado digital essas mudanças no desempenho dos equipamentos e solicitam mudanças como, por exemplo, a integração de câmeras digitais e Sistemas de Posicionamento Global, ou GPS em celulares. Outra forma de chamar a atenção dos consumidores está na estética dos aparelhos e, como analisado anteriormente, nas campanhas publicitárias muito bem produzidas, as quais acabam convencendo as pessoas a adquirirem equipamentos que muitas vezes não se fazem necessários. Nesse contexto, essa concepção de mundo tecnologizado leva muitas pessoas a uma corrida em busca das TIC. Se encantar por um novo modelo de celular, por uma câmera com mais *megapixel*²⁸ ou por um *notebook* mais moderno faz parte do cotidiano.

²⁸ Aglutinação de Picture e Element, ou seja, elemento de imagem, sendo Pix a abreviatura em inglês para Picture) é o menor elemento num dispositivo de exibição (como por exemplo um monitor), ao qual é possível atribuir-se uma cor. De uma forma mais simples, um pixel é o menor ponto que forma uma imagem digital,

Em um movimento de compreensão do que é o mundo digital para o sujeito seu enunciado é este: *em casa eu utilizo o:: computador ou o mundo digital pra varias coisas né” tipo se eu tô:: trabalhando numa coisa naquela:: vamos supor uma máquina:: aquela máquina utilizou’ um modo digital né” no caso a energia uma coisa assim’ o computador também’ qualquer coisa que eu digito ((incompreensível)) ta incluída no mundo digital também’ em casa no celular nas coisas’ tudo inclui o mundo digital né”*.

Depreende-se que **S2** mescla ideias sobre tecnologia e mundo digital. O sujeito compreende que a energia elétrica é também o mundo digital, assim como outros equipamentos digitais que ele menciona como o computador e o celular.

Na concepção de Chartier (2002) o mundo digital abrange as formas de leitura e escrita que não mais utilizam a maneira impressa e sim a tela. Contrapondo com o enunciado do sujeito, Lévy (2004) refere-se à tecnologia como as técnicas que o homem utiliza.

A serviço das estratégias variáveis que os opõem e os agrupam, os seres humanos utilizam de todas as formas possíveis entidades e forças não humanas, tais como animais, plantas, leveduras, pigmentos, montanhas, rios, correntes marinhas, vento, carvão, elétrons, máquinas, etc. E tudo isto em circunstâncias infinitamente diversas (LÉVY, 2004, p. 8).

A tecnologia está à disposição do ser humano para ele melhor utilizar e conceber o mundo digital. Lévy (2004, p. 5) emprega o termo “novas tecnologias intelectuais” ao se referir ao uso de programas utilizados nas TIC. Em sua concepção, esses programas “reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais” (LÉVY, 2004, p. 33). O enunciado de **S2** parece sinalizar que ele não distingue equipamentos ou meios digitais de mecanismo ou fontes que fazem essas ferramentas funcionarem, como a energia elétrica e esquece que a energia solar pode executar a mesma função.

Num outro momento, quando perguntado a **S2** se os meios ou equipamentos digitais mudam algo em sua vida, ele enuncia que *hoje:: em dia tu não vive sem um computador’ sem um celular’ sem uma câmera digital’ mas antigamente as pessoas viviam né” daí:: mas hoje só atualizou mais a vida ainda né” /.../ se acabar isso:: vai ser complicado voltar ((risos)) como era antes*.

S2 caracteriza-se como um “nativo digital” (PRENSKY, 2001). A resposta do

sujeito sinaliza uma naturalização²⁹ do uso das tecnologias mencionadas, não conseguindo imaginar o mundo sem os meios digitais.

Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas (PRENSKY, 2001, p. 1).

Sobre a integração da vida das pessoas ao mundo digital, deve-se levar em conta também o contexto em cada sujeito está inserido. Parece que **S2** já assimilou o uso das TIC em sua vida.

Ao perguntar para o sujeito como foi inicialmente usar esses meios e equipamentos digitais **S2** enuncia que: *primeiro não tinha computador em casa:: dai agora que:: comecei:: quatro anos atrás comecei mexer na escola e coisa que fiz curso tudo:: aquilo facilitou bastante a vida assim' (+) porque:: primeiro achava que não tinha tanta:: utilidade:: que era só:: um modo de gastar dinheiro gastar tempo mas às vezes facilita bastante a minha vida:: qualquer coisa que eu preciso encontro ali né*".

Mercado (2002, p. 137) recomenda que "a escola deve apresentar o computador para desmistificá-lo, mostrar seu potencial e as suas limitações, ensinar os alunos a utilizá-lo e dominá-lo, isso são funções primordiais que nenhuma escola pode se desviar hoje". No mesmo sentido, Belmiro (2003, p. 19) sugere que:

a linguagem oral, a escrita e o ciberespaço convivem na sociedade e na cultura, ao lado de outras linguagens não-verbais constituidoras do sujeito, e precisam conviver também na escola, que se propõe formadora de sujeitos capazes de conhecer o mundo em suas múltiplas dimensões.

O enunciado *primeiro achava que não tinha tanta:: utilidade:: que era só:: um modo de gastar dinheiro:: gastar tempo*, remete ao discurso dos pais do sujeito. **S2** iniciou-se no uso das TIC após passar a residir com a irmã. Há a possibilidade de se depreender aqui que o sujeito talvez não possuísse acesso às TIC por seus pais não perceberem uma função para as tecnologias em suas vidas, inclusive por não conhecê-las, ou talvez por falta de recursos financeiros.

Ao dialogar com **S2** sobre com que frequência faz uso dos meios tecnológicos ele

²⁹ O emprego do termo naturalização neste estudo não está vinculado a uma teoria específica. Seu uso remete à ideia da tecnologia como algo já incorporado à vida cotidiana do sujeito em questão, sem que seja questionada essa inserção.

enuncia que *bastante assim o celular uso todo dia:: quase todo dia que eu to em casa:: câmera digital assim' direto os finais de semana assim' computador mais pra trabalho de escola e coisa assim né"* mais com frequência também

Dando continuidade ao diálogo, ao perguntar a **S2** para que são utilizados esses meios, ele enuncia que *ah' é utilizado:: ((incompreensível)) o celular fazer ligações' mandar mensagens' ((incompreensível)) o computador fazer trabalho:: entrar no orkut' no msn' e outros e-mails interessantes pra:: atualizar' o meu estudo.*

Quando lhe é perguntado onde ele troca informações a respeito do mundo digital seu enunciado é: *mais foi na escola né"* porque:: *todo mundo tá junto ai um diz ah aumentou esse programa' ((incompreensível)) saiu isso' saiu aquilo' assim' ai eu aprendi mais foi na escola' todo mundo falando assim todo mundo (+).*

Ao perguntar com quem ele troca essas informações o sujeito enuncia que: *quando nós estamos fazendo um trabalho' ah eu fiz desse jeito tal' daí ela ((referindo-se a colega de escola)) chega e diz' ah eu fiz desse' tenta mudar pro teu também mudar' daí eu mudo do jeito dela e ela muda do meu jeito' assim a gente compartilha ideias.*

Nos enunciados analisados, depreende-se que o sujeito troca, compartilha ideias com seus colegas a fim de aprimorar seus conhecimentos acerca do mundo digital principalmente na escola, ao fazer trabalhos escolares, no contato com os colegas que trocam informações para melhorar suas atividades. É nessa interação com os colegas de aula que parece haver um espaço solidário, onde cada aluno ajuda seu colega sem pretender uma hierarquia e se colocar mais conhecedor que o outro, apenas se posicionar como outro sujeito no sentido de parceria. **S2** interage virtualmente com outros sujeitos de forma síncrona e assíncrona e faz com que ele se sinta atualizado em relação aos seus estudos, talvez pela possibilidade que o sujeito tem em trocar informações escolares. Assim, entende-se que esse sujeito, na interação, está construindo sentidos para as práticas de letramentos digitais das quais participa voltados para a aquisição de conhecimentos ligados à esfera escolar. Sob esse aspecto da interação, o viés enunciativo do Círculo de Bakhtin sinaliza que:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN, 2006, p. 124).

No que diz respeito à interação do sujeito nas práticas de letramento digital, esta pode ser observada nas relações físicas com seus colegas de escola como também nos espaços

virtuais das redes sociais. Enquanto nas interações face a face, os diálogos estabelecidos são para melhorar, aprimorar e aprender a formatar trabalhos escolares, a interação virtual parece se processar em um momento de lazer com seus colegas das redes sociais, o que não deixa de ser caracterizado como uma aprendizagem na visão do sujeito: *entrar no orkut' no msn' e outros e-mails interessantes pra:: atualizar' o meu estudo.*

Em relação aos três últimos enunciados de **S2**, há a possibilidade de uma aproximação aos enunciados de **S1** no que diz respeito às agências de letramento. **S2** enuncia ter feito curso de informática assim como **S1**. Ao dialogar com **S2** sobre o curso, ele enuncia que *é' eles ensinaram assim desde o começo como que se liga o computador' até o:: último detalhe que:: precisa né" como se entra em e-mail' como se sai:: como se é:: atualiza um trabalho:: como se molda uma moldura:: como se bota um desenho:: o tamanho tudo assim' eles ensinaram completo assim' (+)*. Este enunciado remete à escola de informática como uma agência específica de prática de letramento digital.

Outra aproximação diz respeito à escola de educação formal, esfera que proporcionou seu primeiro contato com o computador, a qual aparece também como um local de interação entre os sujeitos sobre as práticas de letramento digital. Rojo (2008, p. 586) argumenta que o letramento escolar, entendido como “práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares e [...] alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outras esferas” não dá conta das exigências que o mundo contemporâneo impõe às escolas. O crescimento vertiginoso das TIC e a globalização adentram o espaço escolar e ampliam a noção de letramentos, dentre eles o numeramento, o letramento científico e os letramentos digitais. A escola deveria ser também um lugar onde o sujeito vai ter oportunidade para inserção nessas práticas de letramentos.

Como **S2**, em seu enunciado, sinaliza o curso realizado na escola de informática, pergunto se ele já havia ajudado alguém com os meios e equipamentos digitais. O sujeito enuncia o seguinte: *é:: um pouco difícil' pra mim aprender foi fácil' mas pra ensinar os outros é mais complicado assim né" que nem' peguei meu priminho não tem muita:: especialidade assim né" não sabia nada:: aí eu fui ensinando:: o mais básico assim pra ele né" como se liga um computador é um pouco difícil porque:: ele não sabe e eu que sei né" então ele não tem facilidade:: é um pouco complicado (+)*

Quanto à escola de informática, **S1** e **S2** se distanciam, apesar de terem realizado curso, esse espaço de aprendizagem talvez tenha oferecido subsídios para uma aprendizagem mais consistente no cotidiano. O espaço social que determina formas de aprendizagem diferenciadas sobre as TIC e a concepção de aprendizagem vigotskiana permitem uma

compreensão das práticas de letramento digitais desses dois sujeitos. **S1** está inserido em um espaço social e círculo de amizades onde a noção sobre jogos parece ser importante. Depreende-se que ele constrói conhecimento nesse espaço ao enunciar palavras que fazem parte do vocabulário técnico da área do uso das TIC como *plataforma, hardware, software, placas de vídeo, processador*, entre outras. **S2** parece ter aprendido funções básicas para o uso do computador e seu contexto social parece não exigir mais que isso. Seus enunciados sinalizam termos como *e-mail, orkut, msn* e o uso do computador para trabalhos escolares, principalmente. Os postulados de Vygotsky apontam que “o desenvolvimento mental humano, com suas origens sociais, é mediado pela relação do homem com essas origens (ou, mais precisamente, por sua própria atividade na realidade social)” (DANIELS, 1997, p. 100).

Os enunciados de **S2** parecem sinalizar, principalmente, a escola como a esfera que lhe possibilitou a inserção às TIC. Em seguida aparece, num âmbito escolar também, a escola de informática, que veio trazer conhecimento específico sobre as TIC. A esfera escolar surge então como um espaço de interação entre esse sujeito com outros sujeitos que também estão inseridos no mundo digital para a troca de informações. Os conhecimentos que **S2** adquiriu sobre o uso das TIC sinalizam para a necessidade que ele vê em melhorar seu desempenho nos estudos, fazer pesquisas com o uso da internet e para os momentos de lazer, nos quais interage virtualmente com outros sujeitos por meio das redes sociais.

4.3 “A GENTE TEM QUE IR ACOMPANHANDO OS TEMPOS”

Esta seção é destinada à análise dos enunciados de **S3**, que é do gênero feminino e está com 14 anos de idade. O trabalho de **S3**, conforme a visita domiciliar, é dedicar-se aos afazeres domésticos ajudando a mãe, como também às atividades ligadas à horta doméstica e ao jardim. Os contatos iniciais com as TIC ocorreram quando o sujeito estava com seis anos, quando a família ganhou um computador de presente de uma tia de **S3**, o qual estragou e foi substituído por um novo há um ano. O acesso à internet é por meio de banda larga, com velocidade de 256 kbps via rádio.

Ao iniciar a entrevista, pergunto a **S3**: O que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital, informática, computador? com que você associa? O sujeito enuncia que *bom' ah': cada vez mais evoluído:: esse meio:: e a gente vê que os nossos métodos de:: estudo:: pesquisa:: tá ficando meio ultrapassado:: nisso:: e a gente tem que ir acompanhando os*

tempos' ah' com as descobertas científicas' porque o mundo tá tão:: tá tão:: interado:: nisso já:: que:: que:: já tá descobrindo cada vez mais coisa:: não é só o que a gente conhece' mhh' mais computadores' assim'.

S3 compara as TIC e os estudos e sinaliza para a defasagem tecnológica que existe na esfera escolar com relação às metodologias educacionais. **S3** preocupa-se em ter que acompanhar essa evolução e as descobertas científicas porque todo mundo está inteirado nesse contexto. Sua visão sobre a evolução das TIC e o conhecimento científico sinaliza que o sujeito sente necessidade de mais informação, pois que ainda falta se aperfeiçoar para estar imerso no mundo digital e científico. Ao final de seu enunciado: *mais computadores' assim'*, mesmo não o completando, essa evolução parece estar relacionada ao uso dos computadores.

Quando **S3** enuncia que os métodos de estudos estão ficando ultrapassados, talvez esteja se referindo ao modo como as práticas de letramentos digitais estão sendo inseridas nas escolas ou à falta delas, ou se refira à pesquisa em livros e outras fontes. Soares (2003) discute a necessidade de se trazer para a sala de aula práticas de leitura e escrita pertencentes ao cotidiano dos alunos. A autora argumenta sobre o processo de reinvenção dos métodos de alfabetização com relação ao letramento.

Quando se pensa na aprendizagem na esfera escolar, apesar de o letramento ser uma prática social, ele ainda é sistematizado e segue uma metodologia. Os professores se preocupam com o planejamento: o que ensinar e quando. Diferentemente, os letramentos digitais, quando figuram em outras esferas, como familiar ou do lazer, não são metodológicos e não possuem uma organização sistemática.

A escola, em geral, não dá oportunidades para uma aprendizagem não sistematizada, como a aquisição da linguagem que acontece na esfera familiar. Os letramentos digitais, quando inseridos na esfera escolar, passam a ser mais disciplinares, a ter um programa, um conteúdo, regras, e a aprendizagem das TIC não acontece como em outras esferas. Talvez a função da aprendizagem dos letramentos digitais na esfera escolar precise ser menos sistemática, menos formal, para que a construção do conhecimento ocorra de maneira espontânea, por meio das descobertas, do uso das TIC e da interação presencial e virtual. Lévy (1998a, p. 10 apud MARQUES 2006, p. 122) sinaliza que “o essencial reside agora em um novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem cooperativa, em rede”.

As aprendizagens personalizadas estariam ligadas à forma como cada um aprende. A escola, por muito tempo, tentou padronizar seus alunos, fazendo com que todos aprendessem de forma igualitária, sem tratar das diferenças, essas muitas vezes étnicas e

sociais. Para mudar esse quadro, Soares (2000, p. 75) sugere que “a proposta pedagógica de uma escola transformadora, incorpora, como quadro referencial, a análise sociológica das relações entre escola e sociedade e do papel da linguagem no contexto dessas relações”.

O mundo digital propõe mais interação com os dispositivos digitais e por isso cada sujeito vai descobrindo seus próprios domínios, ao mesmo tempo em que interage com outros sujeitos, sejam estes presenciais ou virtuais. No entanto, não se pode pensar na inserção das TIC nas escolas como a solução para todos os problemas. Há a necessidade de se pensar também como as tecnologias estão entrando na escola ou fazendo parte do contexto escolar. As figuras 15 e 16 apresentam gráficos que situam o leitor nesse contexto do uso do computador com e sem acesso à internet nas escolas públicas brasileiras.

Figura 15: Escolas públicas equipadas com laboratório de informática



Fonte: Ministério da Educação - MEC³⁰

Figura 16: Escolas públicas equipadas com computador e acesso à internet banda larga



Fonte: Ministério da Educação - MEC³¹

³⁰ Disponível em: <http://gestao2010.mec.gov.br/indicadores/chart_38.php>. Acesso em: 25 fev. 2011.

Considerando que para o ano de 2010 os gráficos apresentam apenas uma estimativa e que o número de escolas públicas é de 161.783 escolas³², segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, ainda há um grande caminho a percorrer para que as escolas públicas brasileiras atinjam as condições desejadas de acesso às TIC. Porém, as iniciativas de implantação de novas políticas públicas não podem ser desconsideradas. Programas de inclusão digital do MEC como Programa Banda Larga nas Escolas, Programa Computador Portátil para Professores, Programa Nacional de Informática na Educação – ProInfo, para citar alguns³³, são iniciativas de execução e apoio que ajudam a promover o acesso às TIC na esfera escolar.

Em outro momento da entrevista, ao perguntar a **S3**: Você lembra quando teve contato pela primeira vez com os meios ou equipamentos digitais? Como foi?, ele enuncia: *sim' quando:: quando o computador' eu tinha seis anos' dai minha tia deu o computador pra gente:: nos primeiros dias' meus irmãos nunca deixavam eu mexer' porque:: era perigoso:: podia estragar os programas' depois' sabe:: com o tempo eles começaram a ensinar algumas coisas' e o resto eu fui aprender sozinha:: hoje eu já mexo:: assim' e coisa:: daí eu vou aprendendo sozinha já:: (+)*

O enunciado de **S3** sinaliza a esfera familiar como o local onde se deu essa primeira inserção nas práticas de letramentos digitais. Por meio deste enunciado, depreende-se a falta de domínio das TIC, talvez não só do sujeito, mas de seus irmãos também, ao alertarem quanto ao uso do equipamento, o que, em função de sua pouca idade, poderia causar estragos ao computador.

O emprego da palavra *perigoso* parece vir de um outro discurso, de outra voz. Bakhtin (2006) argumenta que a presença desses discursos interiores são fruto de uma maneira de pensar ideológica. Assim, a voz nesse discurso pode ser creditada aos pais do sujeito. Há a possibilidade de aproximação desse discurso ao conceito de alteridade de Bakhtin (1997). Os irmãos e **S3** observam a experiência vivida por seus pais no contato com novos equipamentos ou ferramentas. É o olhar do outro em um momento histórico distinto em relação ao momento presente vivido pelo sujeito. Imagine-se consertar algum equipamento ou ferramenta há 30 ou 40 anos? Além de ser dispendioso era demorado e por isso, muitas vezes, só os adultos podiam manipular determinados objetos. Essa visão parece estar incutida ainda nas pessoas, que Prensky (2001) chama de “imigrantes digitais”.

³¹ Disponível em: <http://gestao2010.mec.gov.br/indicadores/chart_38.php>. Acesso em: 25 fev. 2011.

³² Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

³³ Esses e outros programas de inclusão digital do MEC estão disponíveis detalhadamente em: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/outros-programas>>. Acesso em: 06 jun. 2011.

Contrapondo isso, o mundo de hoje oferece facilidades e oportunidades e tudo parece substituível (BAUMAN, 2001).

Esse medo parece ter sido superado por **S3** algum tempo depois, quando ele enuncia: *com o tempo eles começaram a ensinar algumas coisas' e o resto eu fui aprender sozinha:: hoje eu já mexo:: assim' e coisa:: daí eu vou aprendendo sozinha já:: (+)*. Seu enunciado sinaliza uma atitude que Prensky (2001) destaca nos “nativos digitais”. Não há mais o medo de errar e danificar os equipamentos, mas o desejo de aprender interagindo com eles. O discurso de **S3** sinaliza a ideia de movimento do tempo (cronos) no interior de seu discurso. O espaço social, o lugar de onde o sujeito fala é o mesmo, a esfera familiar, mas o momento histórico no qual ele está inserido é outro. Apesar de ele e seus pais discursarem sobre tecnologia, as atitudes frente a essas tecnologias são outras. Isto quer dizer que o sujeito passa a construir outros sentidos para o uso das tecnologias. Nesse movimento do tempo, **S3** não tem os receios em manusear os equipamentos que seus pais ou irmãos tinham, quando as TIC passaram a fazer parte de seu contexto. Como **S3** faz parte de outro momento histórico, os sentidos são reconstruídos, novos sentidos são dados às TIC.

Ao continuar o diálogo na entrevista, pergunto se **S3** lembrava por que a família ganhou o computador da tia e seu enunciado é: *porque agora é uma coisa necessária:: né” é difícil encontrar uma família que não tenha computador' agora por aqui:: e foi é:: necessário:: então eles me ensinaram*.

Seu enunciado aponta novamente para o uso das TIC como uma necessidade e remete também à família e à preocupação em lhe ensinar como utilizar o computador. O sujeito sinaliza que quase todas as famílias de seu contexto possuem computador. No entanto, no Brasil, esse quadro não é bem assim. A figura 17 traz um comparativo entre os lares brasileiros que possuem computador sem acesso e com acesso à internet.

Figura 17: Computadores sem e com acesso à internet nos lares brasileiros

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE³⁴

De acordo com o IBGE, em 2009, somente 35,1% das famílias possuíam computador em casa. Quando se trata do computador com acesso à internet, o percentual cai para 27,7%. As condições para aquisição de um computador ainda estão distantes para a maioria da população brasileira e **S3** encontra-se em um contexto privilegiado.

Pergunto à **S3** quem mais utiliza esses meios em casa, diante do que ele enuncia: *meus irmãos' ah' meus pais' eles não usam muito:: porque eles não não mexem' só que quando eles querem' a gente mexe pra eles assim' nas coisas que querem ver' assim' só que:: eu e meus irmãos mais' porque só a gente que entende mais disso.*

Ao perguntar com que frequência **S3** faz uso dos meios ou equipamentos digitais e para que seu enunciado é: *nos fins de semana:: daí:: durante semana pros trabalhos precisa' de escola:: assim' e nos fins de semana pra jogar' me divertir' pra jogos' vídeos' músicas' trabalhos de escola:: meus irmãos não é:: trabalho de escola mais' é porque eles já saíram da escola.*

O enunciado de **S3** revela que agora ele faz parte dos integrantes da esfera familiar que utilizam o computador, enquanto que seus pais ainda não. Os papéis parecem se inverter e agora quem também pode e sabe utilizar o computador é **S3**. O sujeito enuncia, ainda, que ele e seus irmãos auxiliam seus pais quando estes precisam fazer uso do computador. A palavra *coisas* remete a assuntos que não dizem respeito à escola. Ao enunciar que seus pais e irmãos não usam muito, isso sinaliza os finais de semana, no qual o computador e a internet estão mais voltados para o lazer. **S3** dá mais ênfase ao uso que ele faz

³⁴ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/graficos/dinamicos/index.html>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

do computador, durante a semana, relacionando-o a trabalhos escolares. Ao empregar a palavra *mexer*, **S3** sinaliza que sabe lidar com a tecnologia e manusear o computador.

S3 enuncia em outro momento que *nós usamos bastante pra pesquisa' internet' trabalhos assim' digitados' e:: powerpoint e:: movie maker' os professores deram' uma noção de como se fazia isso:: só que o resto a gente:: ia é:: aprendendo sozinho mais'.*

S3 faz menção à escola novamente, citando o trabalho dos professores no que se refere ao uso do computador para a realização de atividades escolares. A escola aparece, então, como outra esfera mencionada por **S3** que compreende práticas de letramentos digitais, além da esfera familiar. O computador está interligado à escola para a realização de pesquisas e trabalhos escolares.

Com relação a isso, Neto (2003) sugere alguns recursos que podem ser utilizados no processo de ensino/aprendizagem como os editores de texto, softwares específicos e a internet entre outros. Na mesma direção, Buzato (2006) aponta para a formação do professor no que diz respeito às práticas de letramentos digitais. Em sua concepção, o professor não pode permitir que o computador, a internet ou outros meios digitais apenas façam parte de sua atividade profissional. Segundo o autor, há necessidade de que o professor transforme sua prática e possa inserir esses meios da melhor maneira possível no contexto sócio-histórico presente.

Em outro momento pergunto para **S3** se ele já ajudou alguém a utilizar os meios ou equipamentos digitais e o sujeito enuncia que *sim' a /.../ ((referindo-se à colega de sala da escola)) até já ajudei a utilizar o powerpoint' ensinar os programas' e coisa:: eu ia mostrando:: e depois ela:: ia:: fazendo as coisas que eu mostrava pra ela:: e eu ia dizendo o que tava certo:: ou era errado::*

O enunciado sinaliza que **S3** construiu conhecimento sobre o uso do computador e consegue socializar isso na escola com colegas. Retomando alguns aspectos anteriores da análise, **S3** aprendeu com a ajuda dos irmãos e sozinho, reforçando uma característica dos “nativos digitais”. A troca de informações sobre as TIC na esfera escolar aproximam os alunos e isso auxilia no processo de ensino-aprendizagem. Melo (2002, p. 131) sugere que:

O uso da informática pode contribuir para auxiliar os professores na sua tarefa de transmitir o conhecimento e adquirir uma nova maneira de ensinar cada vez mais criativa, dinâmica, auxiliando novas descobertas, investigações e levando sempre em conta o diálogo. E, para o aluno, pode contribuir para motivar a sua aprendizagem e aprender, passando assim, a ser mais um instrumento de apoio no processo de ensino-aprendizagem, abrindo possibilidade de novas relações entre os alunos, que estão inseridos numa sociedade diferente da dos seus pais.

Sob a perspectiva desse autor, parece que o contexto escolar no qual **S3** está inserido favorece o uso das TIC já que seus enunciados remetem para a troca de informações que o sujeito realiza com outros colegas de aula e, pelo visto, com os professores também. Dessa forma, ele contribui também com o trabalho do professor, transmitindo aos colegas, de maneira informal, os conhecimentos que ele constrói utilizando as TIC. Nesse universo, há oportunidade de se refletir, também, sobre as práticas de letramentos digitais oferecidas na escola que viabilizam esse contato com o mundo digital e que, para muitos sujeitos, talvez seja um dos poucos acessos oferecidos.

Quando pergunto a **S3** se ele troca ideias com alguém sobre os meios ou equipamentos digitais ele enuncia que *nunca fui de trocar ideia muito com alguém sobre isso:: porque também eu não entendo muito sobre bytes e:: gigas' e coisa:: só que eu entendo o básico:: então:: dá pra conversar' mas' eu não prefiro não:: tocar muito no assunto*. O enunciado parece apontar que **S3** reconhece que, com os conhecimentos que tem, pode manusear o computador para os fins a que se propõe. Essa construção de conhecimento se deu com a ajuda dos irmãos e sozinho, no que diz respeito à esfera familiar e posteriormente, com a ajuda dos professores, na esfera escolar. Isso parece lhe dar confiança e atende suas necessidades quando ele diz: *só que eu entendo o básico::*, mas também o diferencia de outros sujeitos: aqueles que entendem menos que **S3** e os que entendem mais que **S3** no que se refere à utilização do computador, talvez por isso o sujeito completa com: *prefiro não:: tocar muito no assunto*. Em outros momentos da entrevista e na visita domiciliar não foi mencionado que **S3** tenha feito curso de informática.

Dando continuidade a esse tópico, pergunto então: Mas quando você conversa com alguém, tirando a parte técnica que você falou, você troca ideia sobre os meios digitais? *sim' porque:: assim quando alguém vai comprar uma coisa:: assim' sempre procura um modelo mais novo:: mais legal' mais na moda:: e mais rápido:: assim' um modelo mais ágil' então a gente acaba dando umas dicas de qual comprar' como comprar' onde::*

Com o enunciado acima há a possibilidade de se estabelecer uma relação com a visita domiciliar. Naquela oportunidade a mãe revelou que nos finais de semana vem o namorado da irmã de **S3** e então os três costumam fazer pesquisa em lojas, sobre preço de produtos, lançamentos de produtos, etc. A internet é uma fonte de informação e ela propicia momentos de interação entre o sujeito, sua irmã e seu cunhado na esfera familiar. Essa interação também pode ser vista no enunciado de **S3** com colegas da esfera escolar, onde ele diz que orienta sobre determinadas compras.

O enunciado *mais novo:: mais legal' mais na moda:: e mais rápido*, aproxima **S3**

de **S1** e **S2** no que se refere aos ecos do discurso publicitário. Essas expressões parecem ser comuns para usuários das TIC nas esferas onde esses sujeitos interagem. Sobre a interação, Bakhtin (1997, p. 314) sustenta que:

nossos enunciados [...] estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (grifos do autor).

Ao perguntar para o sujeito onde ele ouve falar sobre tecnologia, **S3** enuncia: *televisão:: por vários lugares a gente ouve:: todo dia sobre computador' celular' internet' todo dia a gente ouve isso da boca de todo mundo:: e:: no rádio:: televisão:: /.../ falam sobre modelos de computadores' velocidade:: e:: modelos de celular' e:: a tecnologia tá vindo:: e:: (+) tudo mais' assim' o que tá vindo agora de novidade pro:: pro:: próxima:: pro:: próximo ano::.*

Nos dois últimos enunciados a voz do sujeito parece apontar para o mundo publicitário atingindo o sujeito no que diz respeito às novidades tecnológicas. Há a possibilidade de aproximação dos enunciados de **S2**, que também percebe as inovações que ocorrem em curtos períodos de tempo. **S3** enuncia que ouve falar sobre tecnologia em diversos meios de comunicação e parece conhecer um pouco sobre os modelos ou se deixa influenciar pela publicidade ao enunciar: *a gente acaba dando umas dicas de qual comprar' como comprar' onde::.*

Sobre esse aspecto, Bauman (2008) alerta que as campanhas publicitárias são calculadas para alavancar vendas e que, muitas vezes, os consumidores acabam comprando mercadorias que ainda comportam sua necessidade. Essa talvez seja também uma questão a ser discutida na escola. Até quando ou quanto deve durar um equipamento tecnológico para depois ser substituído? Outra possibilidade de análise pode remeter a uma preocupação do sujeito em se manter informado sobre a comercialização de novos modelos e dos avanços das TIC, talvez até para melhor interação com seus colegas na esfera escolar.

Quando questiono **S3** se os meios digitais mudam algo em sua vida, seu enunciado foi *sim' facilita:: e:: tem alguns pontos positivos e negativos né" porque:: a gente usa:: a gente usa:: internet' computador e coisa:: sempre surge aquela dúvida dos professores' na hora de entregar o trabalho:: se a gente copiou:: da internet simplesmente' ou digitou:: fez com as próprias mãos' /.../ ponto positivo é que economiza tempo:: porque agora as pesquisas ficaram mais rápidas' daí a gente não leva tanto tempo pra fazer' ah' pra*

executar o trabalho:: finalizar' daí os professores podem começar dar menos tempo de fazer o trabalho:: só que às vezes a gente não encontra o assunto que a gente precisa necessariamente' daí a gente tem que pesquisar mais e o tempo vai se encurtando::.

Inicialmente o enunciado do sujeito aponta para o discurso dos professores que duvidam de trabalhos feitos pelos alunos, se são plágios ou não e isso representa um ponto negativo para o sujeito. O ponto positivo, para **S3**, parece estar no tempo que a internet propicia para consulta a acervos virtuais se comparada a consultas a enciclopédias e livros físicos.

O sujeito vê o uso das TIC na escola apenas como um meio de economizar tempo e não vê a possibilidade de encurtar distâncias. Talvez pelo fato de não haver solicitação de trabalhos via *e-mail*, participação em fóruns, postagem em *blogs* por parte dos professores. Poderia haver uma aproximação com o ensino a distância oferecido pelas universidades, o qual possibilita há muitos alunos acesso antes impensáveis a formações diversas.

Se aceitarmos que os letramentos digitais, as práticas, tecnologias e significados que os constituem não estão separados por uma “brecha” das práticas, tecnologias e significados que nos trouxeram até aqui, mas, ao contrário, são o fruto de uma ação social coletiva que gerou apropriações, amalgamamentos e sínteses entre gêneros, linguagens e tecnologias até então vistas como coisas separadas, estaremos em posição de começar a pensar uma lógica de formação do professor que não é do tipo “agora isso e não mais aquilo”, mas do tipo “transformar isso praticando aquilo” (BUZATO, 2006, p. 9).

Talvez os professores ainda não tenham tomado a iniciativa no que se refere ao uso das TIC como forma de facilitar a entrega de trabalhos via *e-mail*, a comunicação virtual para discussão de atividades relacionadas à disciplina. O tempo utilizado em sala ficaria voltado mais para o debate, a sugestão e a solução de problemas, enquanto muitas atividades seriam realizadas por meio do uso das TIC.

A análise dos enunciados de **S3** aponta para o uso do computador na esfera familiar, seja para trabalhos escolares, pesquisas escolares e lazer. A esfera escolar surge, também, como espaço para a utilização das TIC. Seja para realização de trabalhos escolares, como forma de interação entre colegas de escola, tanto para aprendizagem e troca de informação para aquisição de conhecimento sobre o uso das TIC, ou como forma de socialização dos avanços e novidades que as TIC vêm sofrendo. Dessa forma, o sujeito constrói sentidos para as práticas de letramentos digitais por meio da interação com membros da esfera familiar e escolar com o objetivo de estar informado e atualizado sobre os meios tecnologizados. O sujeito percebe a importância das TIC para a realização de atividades

cotidianas em ambas as esferas e a necessidade de acompanhar os seus avanços.

4.4 “EM TODOS OS LUGARES SÓ HÁ TECNOLOGIA”

Esta seção traz para análise os enunciados de **S4**, que é do gênero masculino e está com 14 anos de idade. Retomando a visita domiciliar realizada, o pai revelou que o sujeito trabalha como revisor em uma malharia distante 30 quilômetros de sua residência. O sujeito também faz curso técnico de informática de manutenção de microcomputador. Seus primeiros contatos com os meios digitais, especialmente o computador, aconteceram quando **S4** estava com seis anos de idade. Há dois anos o sujeito comprou um *notebook*. A casa onde reside com os pais, possui acesso à internet de banda larga com velocidade de 256 kbps via rádio. Segundo o pai, **S4** gosta muito dos meios digitais e passa horas na frente do computador, especialmente nos finais de semana, chegando quase a virar a noite. O pai relatou, também, que o sujeito, frequentemente, mostra para a família como fazer *downloads* de filmes, músicas, jogos e alerta sobre os perigos com vírus. Por realizar um curso específico, **S4** também entende de formatação e outros aspectos técnicos, segundo o pai.

Início o diálogo da entrevista perguntando a **S4** o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital, informática, computador? Com que ele associa. O sujeito enuncia que *vem à cabeça:: um pensamento:: tecnológico:: avançado:: do futuro:: que:: tá revolucionando as vidas pra todo mundo e melhorando' computadores' e máquinas novas movida a inteligência artif artificiais' (+) isso.*

Seu enunciado remete ao que normalmente as pessoas pensam sobre as TIC, como sendo algo que acompanha a modernidade, cheio de inovações, que facilita a vida das pessoas. Esse pensamento talvez sirva para uma parte da população, principalmente os “nativos digitais”. Para muitos dos “imigrantes digitais” isso pode parecer mais dificuldade em operar os equipamentos, mais dependência de quem já sabe usar e conhece mais as TIC, já que alguns se adaptam com mais lentidão ao seu uso. Segundo Lévy (1999, p. 209) o futuro é incerto para todos:

Mesmo que o ciberespaço estenda-se agora de forma irreversível, o futuro permanece em aberto quanto a seu significado final para nossa espécie. Acrescentemos que esse novo espaço de comunicação é suficientemente vasto e tolerante para que projetos que pareçam ser mutuamente exclusivos sejam executados simultaneamente ou mostrem-se também complementares.

O enunciado de **S4** aponta para a expectativa de inovação dos meios tecnológicos tanto em relação a computadores quanto a outras máquinas, imaginando as próprias máquinas se autocontrolando por meio da inteligência artificial. Pode-se creditar essa visão a filmes de ficção científica a que talvez o sujeito assista. A expressão inteligência artificial já foi explorada no cinema como no filme *AI*³⁵ e outros como em *Matrix*³⁶.

Em relação à inteligência artificial, Pavão Júnior (2010) relata a tentativa da empresa *Google* em criar um tradutor universal de idiomas que opera traduzindo simultaneamente 52 idiomas com estimativa para daqui a 10 anos traduzir 250 línguas. Iniciativa parecida já havia ocorrido com o polonês L.L. Zamenhof ao tentar introduzir uma língua artificial no século XIX, o esperanto. Outros exemplos podem ser vistos nos filmes de ficção científica, como em “O Guia do Mochileira das Galáxias” dos anos 70, no qual um peixinho introduzido no ouvido traduzia sentenças alienígenas para o inglês e no filme “Jornada nas Estrelas”, que por meio de um equipamento os alienígenas se comunicavam com terráqueos e habitantes de outros planetas. Segundo o autor:

Por trás do Google Tradutor está o conhecimento acumulado em inteligência artificial (I.A.), ramo da computação que se dedica ao desenvolvimento de modelos e programas que produzem nas máquinas um comportamento “inteligente”. Nascida nos anos 40, a área produziu experimentos famosos como o robô Eliza, software que simulava diálogos reais na década de 60, e o supercomputador Deep Blue, da IBM, que em 1997 derrotou o campeão russo Garry Kasparov em uma partida de xadrez. O “cérebro” da máquina podia analisar cerca de 200 milhões de jogadas por segundo na busca do xeque-mate. O primeiro estágio da tradução universal – a de textos – já atingiu na internet um nível que linguistas e especialistas em inteligência artificial classificam como avançado. Isso quer dizer que, embora os erros de tradução da ferramenta sejam perceptíveis, os textos que ela apresenta permitem a compreensão do assunto de que eles tratam (PAVÃO JÚNIOR, 2010, p. 124).

Em outro momento da entrevista, quando perguntado a **S4** se ele lembrava quando teve os primeiros contatos com os meios e equipamentos digitais e como foram esses contatos

³⁵ É um filme de ficção científica de Steven Spielberg lançado em 2001, a partir de um projeto de Stanley Kubrick, sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A.I._-Intelig%C3%A2ncia_Artificial>. Acesso em: 07 fev. 2011.

³⁶ Em um futuro próximo, Thomas Anderson (Keanu Reeves), um jovem programador de computador que mora em um cubículo escuro, é atormentado por estranhos pesadelos nos quais encontra-se conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. Em todas essas ocasiões, acorda gritando no exato momento em que os eletrodos estão para penetrar em seu cérebro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Morpheus, entretanto, está convencido de que Thomas é Neo, o aguardado messias capaz de enfrentar o Matrix e conduzir as pessoas de volta à realidade e à liberdade. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/matrix/>>. Acesso em: 07 fev. 2011.

S4 enuncia que *sim ah' com os seis anos de idade:: nós compramos o primeiro computador' e foi:: era novidade:: era coisa mais' a máquina mais moderna da época:: que agora já tá ficando ultrapassado' ahh' as câmeras digitais' mp3' ali por volta dos nove anos de idade::/.../ fui o mais curioso da família sempre:: ah' fui:: aconselhado:: e tive muito interesse por esses tipos de máquinas e tecnologias e:: pretendo fazer ah' estudos sobre eles.*

Um movimento interpretativo desse enunciado aponta que **S4** teve particular interesse nas TIC por uma questão de curiosidade, como habitualmente acontece com os “nativos digitais”, conforme discutido nas seções anteriores. Em seu enunciado aparece também a palavra *aconselhado*, o que pode remeter aos pais ou algum parente, que talvez tenham instigado o sujeito a tentar uma profissão nessa área. **S4** demonstra interesse em estudar o processo de produção e funcionamento das TIC, diferentemente de quem busca conhecimento apenas para trabalhar com um computador, ou de quem interage com outras pessoas e passa a operar um celular ou uma câmera digital. **S4** vem fazendo curso técnico de informática de manutenção de microcomputador e isso aponta para uma qualificação profissional ligada às TIC.

Em outro momento enunciativo, pergunto a **S4** por que ele gostaria de estudar nessa área e ele enuncia que *ah' por ser uma área que:: pelo futuro vai ser' a revolução e sempre tende a avançar' não a regredir.*

S4 sinaliza um mercado de trabalho repleto de oportunidades, já que, em sua visão, as TIC estão sempre evoluindo e vão revolucionar a vida das pessoas. Citando as informações da sala de imprensa do IBGE, uma pesquisa realizada em 2006 apontou o setor das TIC como um mercado bem promissor:

O setor TIC é altamente concentrado, com 76,1% do valor gerado nas empresas com 250 ou mais pessoas ocupadas. Em contrapartida, as micro e pequenas empresas têm papel importante na geração de postos de trabalho. A região Sudeste concentrava, em 2006, 65,0% do valor gerado pelo setor TIC, que tinha 95,6% de suas empresas e 71,1% das pessoas ocupadas nas atividades de serviços. Outra característica do setor TIC é a elevada remuneração, com média salarial de R\$ 2.025,18, em 2006, contra R\$ 937,48 do total de atividades industriais, comerciais e de serviços. Mais uma vez, nesse caso, as telecomunicações se destacam, com média salarial de R\$ 3.315,26.³⁷

As expectativas que **S4** tem sobre as TIC, no que diz respeito aos avanços, *futuro* e *revolução*, podem estar ligadas também à perspectiva de emprego nesse setor, no entanto, isso também é incerto, conforme discutido por Lévy (1999) anteriormente.

³⁷ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1344&id_pagina=1>. Acesso em: 25 fev. 2011.

Ao perguntar a **S4** onde ele ouviu falar sobre tecnologia, se troca ideias com alguém sobre isso e o que costumam falar, o sujeito enuncia que *em toda redondeza:: cidade:: no município assim' em todos os lugares' só há tecnologia:: e sempre tá avançado:: e não vai parar' tão cedo /.../ que é a maravilha do mundo:: nunca teve algo:: ninguém inventou algo tão preciso e tão beneficente ao mundo (+) /.../ os meus colegas' vários colegas são ah' apaixonados igual eu:: pelo computador' principalmente' são a melhor forma de nós trabalharmos /.../ novos programas' ah' comunidades' as redes da internet' as páginas de relacionamentos sociais são:: tão:: sendo uma maravilha:: pois eles tão revolucionando o mundo:: fazendo contato entre o mundo todo:: visualizando uma pessoa de um lado do mundo pro outro:: e fazendo a comunicação do mundo.*

Os enunciados de **S4** continuam sinalizando o uso da tecnologia como uma espécie de salvação para muitos dos problemas da humanidade. Parece que as TIC vão suprir todas as necessidades das pessoas, sendo uma garantia no futuro de um emprego melhor e de uma melhor forma de trabalhar e se comunicar. Parece haver aqui, também, o encantamento pelo computador e as novas linguagens e possibilidades de interação nas redes sociais.

Bauman (2008) discute a falta de uma perspectiva crítica do homem deste século de se apropriar das tecnologias. Não há uma preocupação quanto a possíveis problemas que as TIC podem trazer ao ser humano. Não há uma preocupação com o lixo tecnológico, por exemplo. Há somente uma necessidade de consumir e possuir sempre o que é mais atual, moderno e melhor, da mesma maneira que os sujeitos analisados anteriormente. O enunciado de **S4** sinaliza isso e seu discurso remete à ideia de que daqui a alguns minutos haverá um equipamento diferente e melhor e, portanto, ele será mais feliz.

Nesse mundo tecnologizado, deve-se pensar, também, a respeito do lixo eletrônico, ou e-lixo, como é conhecido e o impacto que ele causa na natureza. Não são somente os *spams* que infestam a caixa de entrada dos correios eletrônicos que fazem parte do e-lixo, mas também TVs, *notebooks*, computadores, celulares, pilhas, *iphones*, *ipads*, câmeras digitais e tantos outros equipamentos eletrônicos que são descartados a cada minuto³⁸.

No enunciado de **S4** parece não haver uma preocupação com o meio ambiente e os possíveis problemas que os equipamentos tecnológicos podem trazer em função dos componentes nocivos que são usados para sua fabricação. Sua perspectiva é bem otimista e ele vê somente um mundo melhor. Cabe à escola articular esses conhecimentos sobre as TIC e a natureza com uma proposta didático-pedagógica para além do conteúdo. O contexto descrito

³⁸ Mais informações a respeito do e-lixo estão disponíveis em: <<http://www.lixoeletronico.org/>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

por **S4** como *uma maravilha /.../ revolucionando o mundo* talvez seja possível se a escola começar a partir de agora a problematizar o uso das tecnologias, construindo em seus alunos consciência para agir com mais prudência em relação a esses equipamentos e buscar assim soluções para o futuro.

A respeito de atividades profissionais futuras relacionadas ao uso das TIC, há um alerta sobre uma perspectiva de soluções, melhorias e facilidades que precisam ser observadas com cautela. Há nos discursos políticos uma visão ambiciosa da abertura de novos mercados de trabalho que trariam novo impulso e crescimento econômico, criando novos empregos. Com a iniciativa de tornar o país competitivo para o mercado global, muitas vantagens e propostas promissoras são veiculadas pelos meios de comunicação. Porém, o crescimento tecnológico não está à disposição de todas as classes sociais e alguns setores da economia não correspondem ao crescimento desejado. Às vezes, a expansão tecnológica pretendida acaba excluindo muitas pessoas quanto ao uso das TIC. Elas não conseguem acompanhar esses avanços, seja por questões financeiras, seja pela crescente necessidade de aprendizagem do próprio uso que as TIC exigem. Assim, os discursos políticos sobre as TIC ecoam na mídia e são revozeados no enunciado de **S4**, sinalizando esse interesse desenfreado para sua aquisição e utilização.

Dirigir o foco para os novos produtos, os novos serviços, os novos empregos, ou seja, para uma abordagem quantitativa (produtos *a mais* e empregos *suplementares*), sem perceber que as noções clássicas de mercado e de trabalho estão prestes a mudar. O ciberespaço abre de fato um mercado novo, só que se trata menos de uma onda de consumo por vir que da emergência de um espaço de transação qualitativamente diferente, no qual os papéis respectivos dos consumidores, dos produtores e dos intermediários se transformam profundamente (LÉVY, 1996, p. 62, grifos do autor).

Há a necessidade de se observar que os novos mercados de trabalho poderão comportar menos número de pessoas e menos espaços físicos, já que muitos serviços poderão ser oferecidos por meio da interação virtual.

S4 parece visualizar uma demanda quando sinaliza que a melhor forma de trabalhar é por meio do computador. Talvez se referindo a novos campos de trabalho que poderão surgir nesse universo digital. Como referência, **S4** cita as redes sociais de relacionamento, nas quais pessoas do mundo inteiro têm a possibilidade de se comunicar e visualizar diferentes sujeitos do outro lado do planeta. Por outro lado, Ribeiro (2007, p. 85) adverte:

Pode-se perceber, na atualidade, uma dependência total do homem em relação à máquina e à tecnologia para sobreviver. O mundo é marcado pela inteligência artificial, sendo a dependência uma de suas características. O homem cede espaço

para a construção de um sujeito coletivo que, aos poucos, toma o lugar das subjetividades e individualidades. O sujeito é o elo de uma teia de relações, formando um ecossistema, no qual, sozinho, não é ninguém. O indivíduo carrega em si um sistema aberto que deve propiciar um trabalho incessante e interativo.

Dessa forma, há uma incerteza do que espera esses jovens em seu futuro. Muitos deles encantam-se com o mundo digital, mas se esquecem de se preocupar com os relacionamentos concretos, físicos, face a face. As interações virtuais das redes sociais talvez agreguem comportamentos que levam os sujeitos para uma coletividade existente somente no mundo digital. Fora desse mundo, o sujeito pode tornar-se inibido para outros relacionamentos o que acaba deixando-o sozinho. **S4** se sente atraído por esse contexto digital quando enuncia: *as páginas de relacionamentos sociais são:: tão:: sendo uma maravilha::*, sinalizando para a continuidade de seu relacionamento nesses espaços virtuais.

Ao perguntar a **S4** com que frequência ele utiliza os equipamentos e meios digitais e para quê, o sujeito enuncia que *todos os dias' o computador' e:: celular' e mp3 /.../ escutar músicas' ah' ah' designs gráficos e:: outras edições de foto:: e a utilização dos programas dele ((referindo-se ao computador)).*

O enunciado de **S4** sinaliza o uso diário das TIC e um conhecimento técnico no que se refere a *designs* gráficos, principalmente. Uma possibilidade de análise remete para o curso técnico de informática que ele realiza. A escola de informática é vista como uma agência específica de letramentos digitais.

Em outro momento do diálogo, pergunto a **S4** quem mais utiliza o computador na sua casa e ele enuncia que *minha mãe:: meu irmão::*. Ao perguntar para que ele enuncia *para trabalhos' escolares' ah' de:: cursos' e para trabalhar né*". Questiono se **S4** utiliza na escola também e ele enuncia: *sim' eu algumas' várias vezes eu trago o meu próprio o notebook e:: também utilizo os da escola.*

Na visita domiciliar realizada, o pai revelou também que as TIC são mais utilizadas por **S4**, pelo irmão mais velho e pela mãe. O pai disse que não tem interesse, só mesmo quando **S4** chama para mostrar vídeos ou a execução de algum programa. O enunciado do sujeito aponta para outra esfera, além da familiar, onde o sujeito tem contato com as TIC. Seu enunciado revela o uso do *notebook* e também o uso de computadores na escola, apontando que essa agência de letramento possibilita espaço para as práticas de letramentos digitais. A escola deveria oferecer oportunidade para a prática das TIC, nas mais variadas formas, visando integrar o cotidiano dos alunos a esses meios e equipamentos. É uma forma de os sujeitos construírem conhecimento sobre o universo digital e se prepararem para

atuar de forma crítica nesse contexto.

Seguindo o diálogo, pergunto se **S4** já ajudou alguém a utilizar os meios ou equipamentos digitais e como foi. O sujeito enuncia: *sim' a minha tia:: a minha prima:: que nunca tinham contato com esses equipamentos eu tive que ajudar elas /.../ foi mais ah' foi ajudado mais a mim do que a elas' ah porque elas' elas foi uma novidade:: usava pouco daí por dia e eu fui cada vez mexendo mais' utilizando mais eles' e sabendo mais.*

O enunciado do sujeito sinaliza que, com a prática, houve uma aprendizagem significativa sobre as TIC e que o uso constante desses equipamentos acaba facilitando essa aprendizagem. Esse momento de interação com outros sujeitos leva **S4** a refletir e a pensar sobre sua prática também. A concepção de aprendizagem vigotskiana pode ser também aproximada desse enunciado, especialmente o conceito de ZDP. **S4** parece ter sido o mediador no processo de aprendizagem do uso das TIC para a tia e a prima, o que acabou enriquecendo também o conhecimento que ele havia construído até aquele momento.

A análise dos enunciados de **S4** depreendida até aqui abre espaço para refletir sobre as incertezas e expectativas que as pessoas têm com relação aos usos e ao futuro das TIC. Não há como saber até quando ou quanto as TIC vão evoluir e como será esse universo. Não se sabe, por exemplo, como ficará a condição do ser humano envolto a tanta tecnologia, com máquinas se autocontrolando. Que tipo de relações interativas entre os seres humanos ocorrerão na sociedade, na escola, na família, no trabalho no mundo que **S4** idealiza? O que parece haver é um aumento da massa consumidora de tecnologia e isso talvez seja algo para ser pensado também. Quanto a isso, fica o alerta de Lévy (1999, p. 246):

está claro que nem a informática pessoal nem o ciberespaço, por mais generalizados que sejam entre os humanos, são capazes de resolver, apenas pelo fato de existirem, os principais problemas da vida em sociedade. É certo que eles realizam na prática novas formas de universalidade, de fraternidade, de estar juntos, de reapropriação pela base dos instrumentos de produção e de comunicação. Mas, no mesmo movimento, desestabilizam em grande velocidade, e muitas vezes de maneira violenta, as economias e sociedades. Ao mesmo tempo em que arruinam os antigos poderes, participam da criação de novos, menos visíveis e mais instáveis, mas não menos virulentos [...]. As relações com o saber, o trabalho, o emprego, a moeda, a democracia e o Estado devem ser reinventadas, para citar apenas algumas das formas sociais mais brutalmente atingidas.

Retomando o modo otimista como **S4** enuncia sobre as TIC e como ele almeja ser o futuro, deve-se pensar nas mudanças que vêm ocorrendo com o advento da tecnologia. Todas das esferas da atividade humana estão passando, ainda, por um processo, não apenas de adaptação, mas de reorganização. A escola caminha para a inserção das práticas de

letramentos digitais em seu contexto. Este deveria ser o local indicado para iniciar gradativamente esta caminhada para que muitos dos enunciados de **S4** se concretizem e que outros alunos sejam incluídos nessas práticas.

Em relação às práticas de letramentos digitais de **S4**, seus enunciados, inicialmente, sinalizam a esfera familiar, esta sendo responsável e incentivadora de sua inserção no uso desses recursos. Em um segundo momento, aparece a escola de informática como local específico para aquisição de conhecimento a respeito do uso e manutenção de computadores, principalmente. Mais adiante, **S4** sinaliza a escola de educação formal como local para interação entre os colegas de sala de aula e transmissão de seu conhecimento adquirido por meio de sua prática nos equipamentos e meios digitais e nos conhecimentos adquiridos com a escola de informática. **S4** constrói seus sentidos para as práticas de letramentos digitais voltadas ao mundo do trabalho e às facilidades que surgirão no futuro nessa esfera da atividade humana.

4.5 “EU ASSOCIO JÁ:: COM GLOBALIZAÇÃO”

Esta seção trata da análise dos enunciados de **S5**, que é do gênero feminino e está com 15 anos de idade. Na ocasião em que foi realizada a visita domiciliar, a mãe revelou que trabalha juntamente com a filha em uma facção de malhas próxima a sua casa, deslocando-se até lá, de bicicleta. O horário de trabalho é das 6 horas às 15 horas. **S5** tem um intervalo de 2 horas até a vinda do ônibus escolar que passa em frente a sua casa em direção à escola. A aula tem início às 18 horas.

De acordo com a mãe, **S5** comprou um *notebook*, a prazo, com o objetivo de facilitar a realização de trabalhos escolares e ter acesso à internet. Quanto a isso, a família não possui acesso e a escola foi mencionada como sendo um local onde o acesso é ofertado. No entanto, a mãe revelou estar interessada em possibilitar o acesso à internet em sua residência nos próximos anos, pois ela acredita que fica difícil estudar atualmente sem esses meios tecnológicos.

Ao iniciar a entrevista com a pergunta “o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital, informática, computador? Com que você associa?”, **S5** enuncia que *eu associo já:: com globalização né” como a gente já tá no século 21’ eu nasci:: já cresci com a:: convivendo com tv’ câmara:: celular’ computador’ (+) /.../ vem um monte de pessoas’ porque*

tipo assim' na escola a gente é acostumado a mexer né" eu vejo que nem eles' lá:: na salinha lá:: mexendo:: e vendo:: entrando sites assim' já vejo monte de pessoas entrando:: acho que ta:: assim' tá a nível de qualquer pessoa agora qualquer classe social' até nós aqui na escola assim' nós não tínhamos internet agora tem né" já é um acesso melhor.

Inicialmente há a possibilidade de aproximar **S5** ao que Prensky (2001) chama de “nativo digital”. O sujeito aponta para o fato de estar imerso no mundo digital desde seu nascimento, tendo crescido envolto às TIC, convivendo com os mais diversos meios e equipamentos digitais, seja por meio de seu contato direto ou ouvindo-os e observando-os por meio dos meios de comunicação. Seu enunciado revela também que o sujeito tem consciência dessa condição.

O emprego constante do operador argumentativo (GIERING, s.d.) *já*, revela certas “marcas”, certas construções deixadas nesse espaço enunciativo de **S5**, que podem levar a algumas conclusões. Inicialmente, subentende-se com o enunciado: *eu associo já:: com globalização né" como a gente já tá no século 21'*, que **S5** emprega a palavra modificando a globalização e o século 21. Seu enunciado sinaliza o momento histórico que ele vivencia com ênfase na globalização e nas TIC como ferramentas pertencentes a este século.

Em outro enunciado: *eu nasci:: já cresci com a:: convivendo com tv' câmera:: celular' computador' (+) /.../ já vejo monte de pessoas entrando:: acho que ta:: assim' tá a nível de qualquer pessoa agora qualquer classe social' até nós aqui na escola assim' nós não tínhamos internet agora tem né" já é um acesso melhor*, o operador *já* indica uma mudança de estado. Neste caso, o operador argumentativo está modificando os verbos crescer, ver e ter. Depreende-se que as TIC e a globalização atuam no cotidiano de **S5** a ponto de causar mudanças em sua vida na esfera familiar, considerando as possibilidades de aquisição desses bens de consumo e na forma como ele está vendo a inserção das tecnologias na esfera escolar, que antes não ocorriam e que agora possibilitam acesso.

A ideia de globalização de **S5** está relacionada também à oportunidade de acesso à internet que lhe foi oferecida na escola onde ele vê seus colegas acessando sites. Parece haver uma comparação a outros locais e pessoas que também têm acesso quando o sujeito enuncia: *vejo monte de pessoas entrando*, possivelmente locais e pessoas fora da escola, que em sua visão, remetem à posição de igualdade que a escola se encontra em relação a outras esferas da atividade humana que também fazem uso das TIC para esse fim. A visão do sujeito remete ao que Pereira (2007, p. 17) descreve sobre inclusão digital:

é um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar dos métodos de processamento, transferência e armazenamento de informações que já são do uso e do costume de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os

mesmos deveres dos já participantes daquele grupo onde está se incluindo.

S5 emprega o termo *salinha* quando se refere ao laboratório de informática. Pesquisadores e educadores podem se perguntar o que leva os alunos a se referirem assim aos laboratórios de informática disponibilizados nas escolas públicas estaduais? Seu enunciado parece apontar para as políticas públicas de inclusão digital.

Retomando a discussão da seção 4.3, com os enunciados de **S3**, os alunos parecem perceber precariedade nos laboratórios de informática. Embora haja iniciativas governamentais, os alunos percebem que os laboratórios de informática das escolas públicas carecem de local adequado, computadores modernos, com acesso à internet por meio de banda larga e de pessoal capacitado em muitas situações. Quase a metade do material existente é proveniente de doações de empresas e a manutenção desses equipamentos normalmente é feita com recursos da própria escola. Quando se trata da manutenção realizada pelo governo, a morosidade da terceirização dos serviços é tamanha que os laboratórios chegam a ficar meses desativados. Levando este cenário para outra esfera, como a industrial, por exemplo, onde as atividades não podem parar em função do processo de produção, não fica difícil entender que a compreensão dos alunos para o laboratório de informática seja de *salinha*.

A visão de globalização que o sujeito tem sinaliza para as possibilidades de todas as classes sociais terem acesso aos meios informatizados. **S5** se coloca em um contexto social menos favorecido quanto ao uso das TIC e destaca a escola onde estuda um local que passou a estar inserido nesse contexto social há pouco tempo: *tá a nível de qualquer pessoa agora qualquer classe social' até nós aqui na escola assim' nós não tínhamos internet agora tem né" já é um acesso melhor*. O operador argumentativo *agora*, modifica o verbo ter e sinaliza o acesso à internet disponibilizado pela escola. Em seguida, **S5** reforça isso com outro operador, *já*, retomando a mudança de estado que as TIC lhe oferecem, como analisado anteriormente. Em sua visão, isso trouxe melhorias e a palavra *acesso* parece sinalizar para o sujeito uma forma de estar inserido no contexto digital para o uso dos computadores e internet. Ao empregar a expressão *tá a nível de qualquer pessoa agora qualquer classe social*, o sujeito talvez esteja apontando para sua própria condição social e possíveis dificuldades de acesso às TIC. Isso é reforçado com o uso do operador *até*. Com seu emprego **S5** pressupõe que pessoas de camadas sociais menos favorecidas estão tendo acesso às TIC.

Muitas mudanças estão ainda por vir em um futuro próximo e quem sabe até a troca do lápis e caneta pelo teclado. Essa realidade deve estar ao alcance, também, das classes

populares e cabe à escola e aos professores “criar formas de incluir nossos alunos nessa viagem, e para isso, devemos dar a eles os equipamentos necessários para serem bem sucedidos nessa empreitada” (COSCARELLI, 2007, p. 29). **S5** revela que a escola é um local onde ele está acostumado a utilizar o computador e ter acesso à internet. Isso assinala a importância da escola como uma agência de letramentos digitais, já que o emprego da palavra *acostumado* remete a algo que é comum, do cotidiano. Assim, há um contraponto no que diz Pereira (2007, p. 17) quanto ao uso das TIC em contextos rurais:

As comunidades rurais em todo o país notoriamente possuem sérias limitações de acesso à informação. A maioria não dispõe de jornais e revistas, bibliotecas, e muitas famílias não possuem nem televisão. Nesse sentido, o computador passa a ser artigo de luxo, quase inexistente.

Neste contexto de pesquisa, há uma distinção ao que Pereira (2007) expõe de modo generalista. Considerando que a EEBFM tomou a decisão de inserir o uso do computador por volta do ano 2000, os alunos passaram a utilizar recursos de informática nas aulas de LEI, LP e LPL. O sujeito desta pesquisa parece vivenciar as práticas de letramentos digitais há, pelo menos, dez anos no espaço escolar. Assim, a escola está contribuindo para sua inserção no mundo digital, principalmente com o uso do computador. O que, para muitos alunos, em se tratando de um contexto rural, talvez seja uma das poucas oportunidades para essa inclusão.

Ao perguntar a **S5** se ele acha que a utilização dos meios ou equipamentos digitais muda algo em sua vida, o sujeito enuncia que *muda:: com certeza /.../ acho que já assim' os professores' eles' tentam assim fazer trabalhos que envolvem alguma tecnologia né" e os alunos já vão aprendendo na escola fazer isso:: aí em casa:: os alunos querem computador' pede pros pais' e isso vai:: daí depois querem alguma coisa nova:: mhh' iphone daí vai embora:: e qualquer tecnologia que surge:: a gente quer ter' daí vai experimentando:: sempre vai sabendo /.../ eu acho assim que:: como vai crescendo as tecnologias vão melhorando e o mundo vai:: crescendo mais e eu acho que vai surgir coisas que eu:: vou aprendendo utilizar e meus filhos vão se dar melhor do que eu né" quando eu falar em celular' por exemplo:: eu não sei" talvez eles vão achar meio primitivo assim' (+)*

S5 parece atribuir, inicialmente aos professores, a tentativa de inserir mudanças em práticas pedagógicas que envolvem tecnologia. Na visão do sujeito, essa prática pedagógica incentiva a aquisição de computadores por parte dos pais, já que os alunos levam da esfera escolar para a esfera familiar a necessidade dos meios tecnológicos para o desenvolvimento de trabalhos escolares. **S5** revela que, conforme os meios tecnológicos vão

evoluindo e sendo aprimorados, acabam por instigar ainda mais uma vontade em consumir, em ter esses meios. Quando se experimenta usar tecnologia, não se pode mais parar e sempre há uma necessidade de estar acompanhando as evoluções. **S5** entende que os avanços tecnológicos vão trazendo melhorias e o mundo vai crescendo. Segundo sua visão, no futuro seus filhos poderão achar os meios e equipamentos tecnológicos de hoje ultrapassados. Aproximando esse dizer da análise de **S2** e da discussão com Bauman (2008), o comportamento consumista das pessoas no mercado comercial, que exigem sempre mais dos meios e equipamentos digitais, acaba por promover muitas mudanças e evolução nas TIC. Muitas dessas mudanças, às vezes, preenchem necessidades de um pequeno grupo de sujeitos, mas em função de grandes estratégias publicitárias, acabam atingindo grande parte da população.

Um exemplo da relação produto x consumidor pode ser visto com a câmera digital. Uma câmera com 1.3 *megapixels* gera uma foto que pode ser ampliada até 1280 x 1024 cm, sem perda de qualidade. Quanto maior o número de *megapixels*, maior resolução e conseqüentemente, maior o arquivo para ser armazenado. Na verdade o que propicia qualidade em uma foto são as lentes que a câmera possui³⁹. A publicidade ressalta somente o número de *megapixels*, dando a impressão de quanto mais, melhor. Dessa forma, os consumidores encantam-se pelos novos produtos, mas não tem clareza do que estão comprando. Talvez essa visão para o sujeito remeta ao que ele considera ultrapassado. Lévy (2004, p. 34) sinaliza que:

Uma versão puramente ergonômica ou funcional da relação entre humanos e computadores não daria conta daquilo que está em joga [sic]. O conforto e a performance cognitiva não são as únicas coisas em causa. O desejo e a subjetividade podem estar profundamente implicados em agenciamentos técnicos. Da mesma forma que ficamos apaixonados por uma moto, um carro ou uma casa, ficamos apaixonados por um computador, um programa ou uma linguagem de programação.

Em outro momento enunciativo, ao perguntar a **S5** se ele lembra quando teve os primeiros contatos com os meios digitais e como foi, o sujeito enuncia que *a primeira vez que eu vi um computador foi aos dez anos assim' porque meu primo tinha um' eu já tinha visto:: outro meio tecnológico:: que era o celular' ou a tv também né" mais a tv' já é mais' é um pouco mais antiga assim' eu via propaganda:: de várias coisas novas que surgiam mp3' ou mp4 depois foi indo:: e assim pra mim' era estranho porque eu não era acostumada com isso*

³⁹ Disponível em: <<http://webmais.com/o-mito-do-megapixel-entenda-porque-maior-resolucao-nao-esta-relacionado-com-a-qualidade-da-foto/>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

era só com o celular' a câmera digital também não existia:: o dvd' que era só o video cassete né" é foi bem estranho quando veio dvd assim' mas eu acho que só melhorou assim' tudo que tá surgindo só melhora a vida da gente:: ela é pra:: pra facilitar assim'

S5 faz uma enumeração das TIC, *computador, iphone, celular, tv, mp3, mp4, câmera digital, vídeo cassete e dvd*, que fazem parte de seu contexto. Seu enunciado descreve determinados meios e equipamentos tecnológicos que foram evoluindo e substituindo outros e como esse mundo lhe parecia estranho. Sua concepção sobre as TIC remete ainda para uma vida melhor à medida que esses meios evoluem.

O estranhamento do sujeito e a facilidade de comunicação que as TIC oferecem talvez apontem para uma mudança em comum que vem acontecendo. Pereira (2007) discute o que vem ocorrendo na Sociedade da Informação (SocInfo). Segundo o autor, a convergência digital irá possibilitar às pessoas integrarem vários dispositivos digitais trocando dados entre equipamentos que parecem distintos, como por exemplo, o celular e o DVD. Tudo isso irá oferecer acesso às informações de maneira mais dinâmica ainda, mudando as práticas de letramentos digitais em todas as esferas, em todo o “universo que envolve a educação, instituições, professores, educadores e alunos, todos estarão sujeitos a mudanças oriundas da convergência digital” (PEREIRA, 2007, p. 19-20).

Dando continuidade ao diálogo, quando pergunto a **S5** com que meio ou equipamento digital foi esse primeiro contato, ele enuncia que *eu acho que:: celular' porque computador' depois dos dez anos eu acho que tive contato com computador mais com celular minha mãe tinha:: todo mundo tem lá em casa daí:: celular e eu já sabia desde pequeninha já mexer no celular /.../ a primeira coisa é:: querer jogar no celular' ai:: a minha mãe já me ensinou daí depois já sabia entrar:: e fuçava e:: daí depois me encontrava e já sabia mexer né" /.../ eu acho porque foi influência da minha mãe né" porque eu via ela usando e eu queria né" toda criança tem curiosidade.*

S5 emprega a palavra *mexer* no mesmo sentido que **S3**, como discutido na análise de seus enunciados. Os sujeitos destacam o modo como estão inseridos nas práticas de letramentos digitais e isso remete a ideia de saber lidar com a tecnologia, de saber empregá-la e saber manusear os equipamentos.

Neste evento de letramento, a atitude de brincar/jogar no celular parece ter sido sua primeira inserção no mundo digital. A mãe surge como responsável pela iniciativa, a qual ensinou os primeiros comandos e logo em seguida **S5** foi desenvolvendo habilidades para operar o aparelho. O sujeito menciona a curiosidade natural das crianças pelas inovações tecnológicas e de querer manipular, característica dos “nativos digitais” (PRENSKY, 2001).

Segundo Bakhtin (1997) o sujeito se constitui e cria sua consciência a partir da observação e interação com outros em um determinado contexto social num processo de alteridade. **S5** participa desse movimento interacional com a mãe ao manipular o celular e isto parece ser sua primeira participação em eventos de letramentos digitais na esfera familiar. Aproximando-se da pesquisa de Heath (2004), os sujeitos observados em sua investigação tiveram sua incursão nos eventos de letramento por meio de materiais escritos, em duas das três comunidades pesquisadas. Na terceira comunidade, as crianças aprendiam por meio da exposição oral. No caso de **S5**, o mundo digital presente no aparelho de celular aparece como um recurso utilizado para as práticas de letramentos digitais realizadas na esfera familiar.

Depreende-se que **S5** teve contato com o mundo da escrita também em ambiente digital, já que as teclas de acesso aos jogos de um celular são normalmente atalhos de outras teclas que exercem uma segunda função e que, em sua grande maioria, carregam letras e números. Isso não quer dizer que **S5** aprendeu a ler por meio do celular, mas este pode ter sido uma das ferramentas digitais que possibilitou os primeiros contatos com os símbolos que representam a escrita.

Em seu enunciado, o sujeito menciona que o celular despertou sua curiosidade. Esse fato é comum nos dias de hoje, pois os equipamentos e meios digitais são repletos de som e cores que acabam por motivar adultos também. Com o sujeito em questão, manusear o celular trouxe também um contato com o alfabeto e outros símbolos pertencentes ao mundo das TIC, os quais passaram a fazer parte do cotidiano de **S5**, talvez não de maneira direta, mas subjetiva.

Sobre isso, Rojo (2008) argumenta que o acesso às TIC implica mudanças e reflexões a respeito das práticas de letramento. No caso das práticas de letramentos digitais, a autora aponta para a multissemiótica presente nos recursos tecnológicos como celulares, câmeras digitais, tocadores de mp3, televisores digitais, etc. Para participar das práticas sociais de leitura e escrita dos letramentos digitais, parece que a escola precisa abrir possibilidades para esses meios entrarem na esfera escolar.

os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramento para o campo da imagem, da música, das outras semiotes e sistemas de signos que não somente a escrita alfabética, como já pronunciava, por exemplo, a noção de “numeramento”; o conhecimento de outros meios semióticos está ficando cada vez mais necessário no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos [...] (ROJO, 2008, p. 585, grifos da autora).

Depreende-se que **S5** está inserido em um novo tipo de linguagem, ou seja, este sujeito e os demais analisados até o momento passaram a fazer parte do mundo que compreende a linguagem digital.

Em outro momento da entrevista, pergunto a **S5** onde mais ele tem contato com meios ou equipamentos digitais e como são esses contatos e ele enuncia que *na escola:: ali os computadores' eu sei já:: fazer meus trabalhos' e:: pra entrar na internet' praticamente todo dia /.../ eu pego um pouquinho de cada coisa:: às vezes eu preciso de informação eu peço pra /.../ ((referindo-se à amiga de sala de aula)) me ajudar' que ela entende bastante:: no começo meu primo entendia muito dessas coisas de informática e ele me ensinou alguma:: mais eu também vou:: entrando:: daí eu vou aprendendo e:: vou descobrindo sozinha /.../ eu acho que aprendi:: na escola assim' eu tive muito contato na escola:: antes de eu:: faz pouco tempo que eu tenho meu notebook e eu daí:: eu:: já fiz trabalho com o notebook do /.../ ((referindo-se a amigos de sala de aula)) daí eu já aprendi algumas coisas com eles daí é mais fácil pra mim' no começo era difícil' mas agora já nem tanto (+)*

S5 menciona dialogar com os colegas para a troca de informações. Bakhtin (2006) argumenta que é no movimento dialógico entre os interlocutores, apoiados no valor que suas palavras adquiriram ao longo de sua vivência, que eles confrontam-se e tomam posições acerca do que estão discutindo. **S5** menciona os amigos de escola e um primo com os quais interage na troca de informações sobre as práticas de letramentos digitais. Neste caso, o contato com os computadores da escola e dos colegas para fazer trabalhos escolares e acessar à internet apontam para a esfera escolar como sendo uma agência de letramentos digitais.

Ao perguntar ao sujeito se ele já ajudou alguém a utilizar um meio ou equipamento digital, ele enuncia que *já ajudei:: já tentei ajudar minha mãe mais' /.../ assim' eu queria mostrar fotos' assim pra ela do meu notebook' e ajudava:: botei no colo dela tudo:: ((sorridente)) só que daí ela se atrapalhou um pouco daí eu dizia entra aqui:: fecha aqui:: agora clica ali:: ela se atrapalhou um pouco /.../ porque é uma coisa nova ela nunca tinha visto um notebook foi eu que comprei e mostrei pra ela:: quando eu falei que eu queria comprar um ela nem sabia o que que era:: ela só era acostumada com a câmara digital' que as minhas tias tem' e o celular mesmo:: o celular é bem antigo daí:: (+)*

Relembrando que os primeiros contatos de **S5** com as TIC se deram por meio da mãe ao permitir o manuseio do celular, agora os papéis se invertem e ele tenta mostrar para a mãe como utilizar o *notebook*. Seu enunciado aponta para as facilidades que os “nativos digitais” encontram ao utilizarem um equipamento novo. Anteriormente **S5** havia enunciado que não encontrou muitas dificuldades para operar o celular e os computadores. Com a ajuda

inicial da mãe e depois de colegas, foi aprendendo o restante sozinho. Já com a mãe ocorre o inverso e **S5** percebe que sua mãe apresenta alguma dificuldade em operar o *notebook*, chegando até a desconhecer o equipamento.

os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de uma manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. E uma língua aprendida posteriormente na vida (PRENSKY, 2001, p. 1).

Dessa forma, depreende-se que a mãe de **S5** consegue utilizar o celular e a câmera digital, mas ao se deparar com o *notebook*, um equipamento que apresenta mais comandos e exige outras habilidades para ser manuseado, a mãe encontra dificuldades. A socialização desses equipamentos ocorre de maneira diferenciada em relação a **S5**, que já havia utilizado o *notebook* dos amigos de escola e não revelou constrangimento.

Ao perguntar a **S5** onde ouve falar sobre tecnologia e se troca ideias com alguém sobre isso, ele enuncia que *na tv bastante:: na tv e na escola (+) /.../ nos trabalhos de escola e na tv geralmente em propaganda né” dessas coisas novas que surgem’ em qualquer lugar a gente tá comentando:: outro tirou foto sobre aquilo:: então tá:: passa no pen drive pra eu pegar’ tá envolvendo:: praticamente todo dia eu falo em alguma tecnologia /.../ as minhas amigas’ vou usar elas como exemplo’ elas sabem mais do que eu:: quando elas tão falando:: alguma coisa de tecnologia:: ah entra nesse:: ((referindo-se a sites)) fala:: fazendo algum trabalho assim’ às vezes eu fico meio perdida porque elas sabem mais que eu:: elas já fizeram cursos:: tudo assim’ aí elas sabem mexer’ elas sabem controlar melhor o computador’ acho que é isso’ não sei se tu entendeu” /.../ quando eu vou fazer algum trabalho e:: por exemplo:: quando eu quero passar’ MÚsicas’ ou pegar música de alguém’ fotos essas coisas assim’ daí a gente conversa sobre isso né”*

Inicialmente **S5** aponta para um meio de comunicação presente na maioria dos lares brasileiros e talvez o mais penetrante no que diz respeito à tecnologia digital, depois do celular. A figura 18 traz um comparativo entre os lares brasileiros que possuem televisão e telefonia celular.

Figura 18: Comparativo entre televisão e telefonia celular no Brasil

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE⁴⁰

De acordo com dados do IBGE, a televisão está presente em 96% dos lares brasileiros seguido do celular, 79,1%, microcomputador, 35,1% e microcomputador com acesso à internet, 27,7%. Observando esses dados, parece que muitos sujeitos ainda dispõem de poucos recursos para inserção em práticas sociais de letramentos digitais. A televisão desponta como um grande meio de comunicação, mas que é de pouca ou nenhuma interatividade, com exceção da TV digital. Com relação ao celular, este parece preencher a lacuna de mobilidade na comunicação deixada pelos telefones fixos. Parece que nos lares brasileiros o computador ainda não tem a demanda que deveria, talvez até pelo preço elevado que representam para a grande maioria da população brasileira. O mesmo pode ser observado com a internet, já que os acessos de banda larga ainda exigem muito do bolso do consumidor. Nesse contexto, estão as escolas que tentam oferecer aos alunos algum contato com computadores e internet. Talvez não tanto quanto deveriam, mas estão tentando cumprir o papel de levar ao conhecimento dos alunos às práticas de letramentos digitais, especialmente com o uso do computador nos laboratórios de informática. Muitas dessas oportunidades surgem em função das mudanças nas políticas públicas que vêm ocorrendo, como por exemplo, a implantação de programas como o Proinfo, que promove o uso pedagógico da informática e leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Dessa forma, o enunciado de **S5** sinaliza a escola também como um local para troca de informações com os colegas de aula sobre trabalhos escolares e sobre momentos de lazer, como troca de fotos e música.

A análise dos enunciados de **S5** aponta para as práticas de letramentos digitais ligadas a duas esferas, principalmente. Inicialmente aparece a familiar com os primeiros

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/graficos/dinamicos/index.html>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

contatos com as TIC e a influência e ajuda da mãe para a utilização do celular. Em seguida os enunciados do sujeito remetem para a escola e o acesso a computadores e internet. Tais acessos permitiram que o sujeito aprimorasse seus conhecimentos sobre as TIC em momentos que os professores envolveram atividades que necessitavam de tecnologia, na solicitação de trabalhos escolares e com os colegas de escola para troca de informações, tanto sobre atividades ligadas à escola como em oportunidades de descontração e lazer.

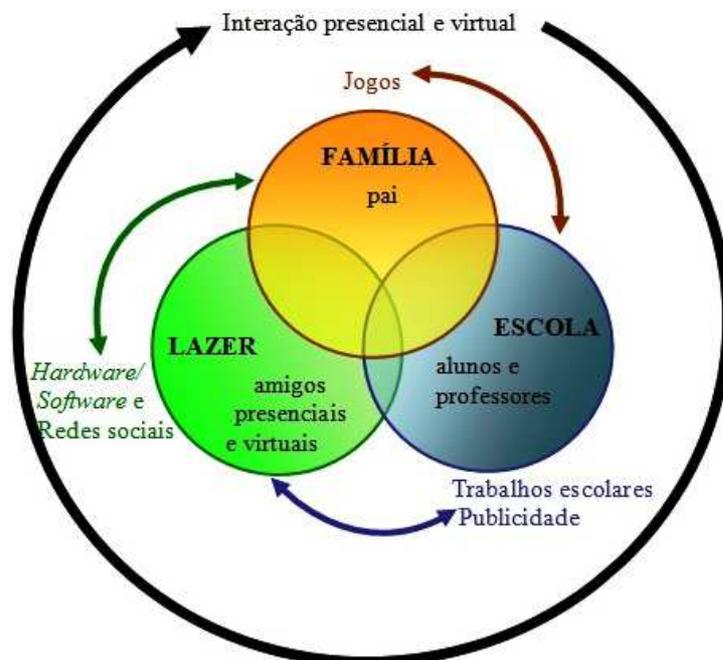
4.6 ANTES DA CONSIDERAÇÕES FINAIS ...

Esta seção destina-se a retomar os enunciados dos sujeitos desta pesquisa com o objetivo de recuperar reflexões anteriores. Numa releitura das falas dos sujeitos, algumas ponderações sobre os eventos e as práticas sociais dos letramentos digitais podem ser levantadas para ajudar a tentar compreender quais os sentidos dessas práticas para alunos de ensino médio.

Ao observar a inserção de **S1** no mundo digital, por meio dos jogos de computador, que foram oferecidos a ele em sua infância, na esfera familiar, parece que sua participação nesse tipo de evento deixou características específicas sobre as práticas de letramentos digitais, como por exemplo, o gosto por jogos. Seus enunciados acabam sendo, na maioria das vezes, relacionados à evolução dos jogos, ao *hardware* que melhor executa um jogo, à instalação de jogos para seus colegas. O jogo de computador parece ter instigado o sujeito a buscar conhecimento nesta área. A escola de informática aparece como uma agência específica de letramentos digitais e **S1** passou a aplicar o conhecimento adquirido em outras esferas, como familiar e do lazer, no contato com os colegas, seja de forma presencial ou virtual. O sujeito recebeu também influência dos discursos da esfera publicitária ao mencionar que os computadores e os jogos estão sempre sendo aperfeiçoados, que estão melhorando e necessitando, por isso, de novos componentes. Dessa forma, as práticas de letramentos digitais para **S1** adquirem sentidos quando estão ligadas aos avanços tecnológicos que as TIC possibilitam, passando inicialmente pela esfera da família, da escola, que por sua vez estão ligadas ao lazer.

A figura 19 traz um esquema que representa o movimento das práticas sociais de letramentos digitais e a interação de **S1** com seus interlocutores nas principais esferas da comunicação humana de seu contexto social:

Figura 19: Práticas sociais de letramentos digitais de S1



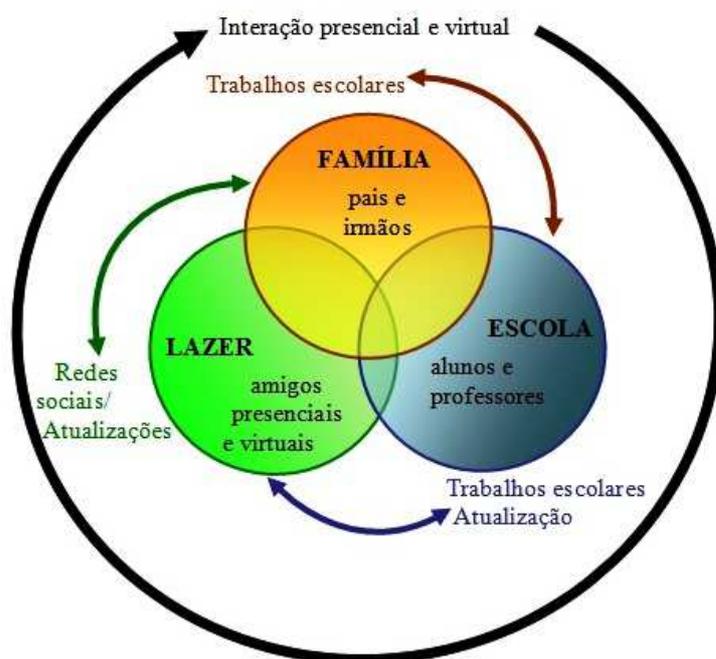
S1 iniciou no mundo digital na esfera familiar, por meio dos jogos de computador, tendo seu pai como interlocutor. Esses conhecimentos são levados à esfera escolar, onde são discutidos também trabalhos escolares com professores e colegas de aula. As interações com colegas de escola revelam influência do mundo publicitário, que por sua vez é debatido na escola de informática novamente com professores ou outros alunos. Os conhecimentos construídos, específicos sobre computadores, são empregados pelo sujeito nos jogos, principalmente, os quais utilizam sempre nova tecnologia e exigem de **S1** busca constante de informações sobre as TIC. O sujeito dedica grande parte de seu tempo ao lazer, divertindo-se com jogos. Nesse universo, todas essas esferas são atingidas por meio da linguagem na interação com amigos presenciais e virtuais das redes sociais.

S2 passou a fazer parte do mundo digital quando teve seus primeiros contatos com o computador na escola e realizou seus primeiros acessos à internet, isso por volta dos 11 anos de idade. Na visão dele, o mundo digital é a internet com suas facilidades e vantagens. **S2** a utiliza tanto para busca em *sites* de pesquisa, como para interação nas redes sociais. Mesmo não tendo acesso à internet em sua residência, ele revela que vai à casa de amigos ou parentes, ou em pontos livres para acessá-la. Para facilitar isso, **S2** adquiriu um *notebook*, o que lhe permite mais mobilidade. Depreende-se que **S2** constrói sentido sobre as práticas de letramentos digitais quando está conectado à internet realizando suas buscas e na sua

conhecimento para utilizá-lo. **S3** entende que há sempre a necessidade de se estar acompanhando os avanços tecnológicos para não ficar ultrapassado. Com o ingresso na escola, **S3** passa a usar os conhecimentos adquiridos principalmente para realizar trabalhos escolares e ajudar seus colegas, mas sem se aprofundar muito em termos técnicos ligados à área da computação. Sendo assim, este sujeito constrói sentidos sobre as práticas de letramentos digitais na execução de trabalhos escolares e no conhecimento que vai adquirindo sobre as TIC para se manter atualizado, parecendo esta sua maior preocupação. É por meio de curso de informática e na interação com colegas presenciais e virtuais que **S3** se mantém informado e atualizado em relação aos usos e novidades sobre as TIC.

A figura 21 traz um esquema que representa o movimento das práticas sociais de letramentos digitais e a interação de **S3** com seus interlocutores nas principais esferas da comunicação humana de seu contexto social:

Figura 21: Práticas sociais de letramentos digitais de S3



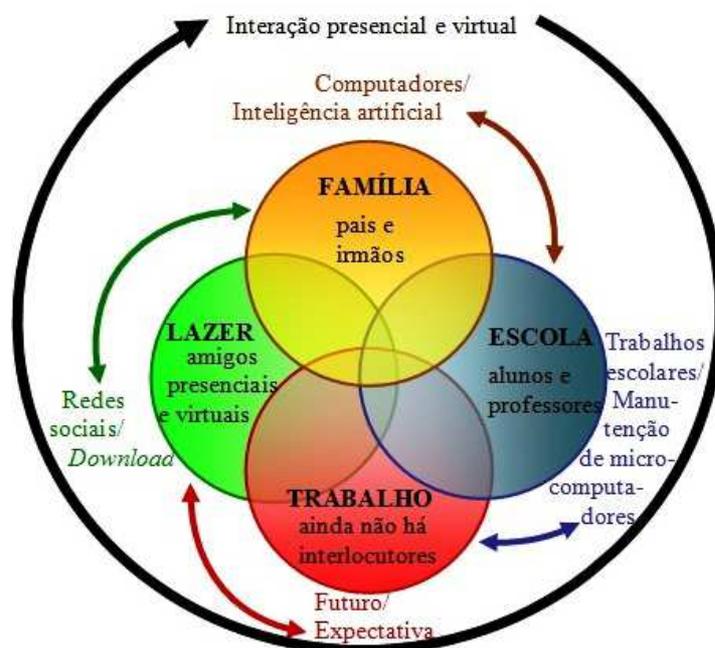
S3 utiliza o computador, a princípio, para fins escolares. O movimento dos discursos nas esferas de seu contexto social faz com que **S3** construa conhecimento sobre as TIC e realize outras interlocuções. O desejo de se manter sempre atualizado sobre as tecnologias faz com que **S3** participe de aulas na escola de informática. Em outros momentos, **S3** participa das redes sociais como forma de lazer, mas também como um meio para se manter informado em relação à tecnologia. No mesmo sentido, as esferas são atingidas pela

interação que o sujeito realiza com colegas presenciais e virtuais, completando assim, seu círculo de informações.

Do ponto de vista de **S4**, as TIC estão por toda parte e isso leva o sujeito a crer num mercado de trabalho promissor. Depreende-se de seus enunciados uma paixão pelas TIC, que passaram a fazer parte de sua vida ainda na infância, quando a família adquiriu o computador. O sujeito foi motivado pela família, e por seu interesse também, a realizar curso de manutenção de microcomputadores. **S4** imagina um mundo repleto de máquinas autossuficientes com inteligência artificial. O futuro imaginado por ele promoverá melhores condições de vida para a população. Quanto às práticas de letramentos digitais, estas tiveram início na esfera familiar e num movimento de interlocução passaram a fazer parte da esfera escolar na troca de informações sobre trabalhos escolares com seus colegas de aula. **S4** dá continuidade as suas práticas sociais de letramentos digitais na escola de informática no curso de manutenção de microcomputadores. Nesse contexto as interações ocorridas com seus colegas dizem respeito a termos técnicos e são voltadas para a esfera do trabalho. Nos momentos de lazer o sujeito dedica-se a fazer *downloads* de programas, filmes e músicas, tentando transferir um pouco deste conhecimento aos membros da família. Parece que as TIC despertam entusiasmo e necessidade para as pessoas compartilharem e trocarem informações sobre o mundo digital. Os jovens talvez sejam os responsáveis em integrar a família em torno de práticas de letramentos digitais. Com esse movimento dos discursos, **S4** constrói sentidos sobre as práticas de letramentos digitais voltados para a esfera do trabalho principalmente. Seus enunciados remetem para as possibilidades de melhores condições de vida que as TIC podem oferecer às pessoas. Sobre isso **S4** parece mostra-se bem otimista.

A figura 22 traz um esquema que procura sintetizar as principais esferas da comunicação humana de **S4** e sua interação com os interlocutores desse contexto social. A figura ilustra o movimento das práticas sociais dos letramentos digitais desse sujeito.

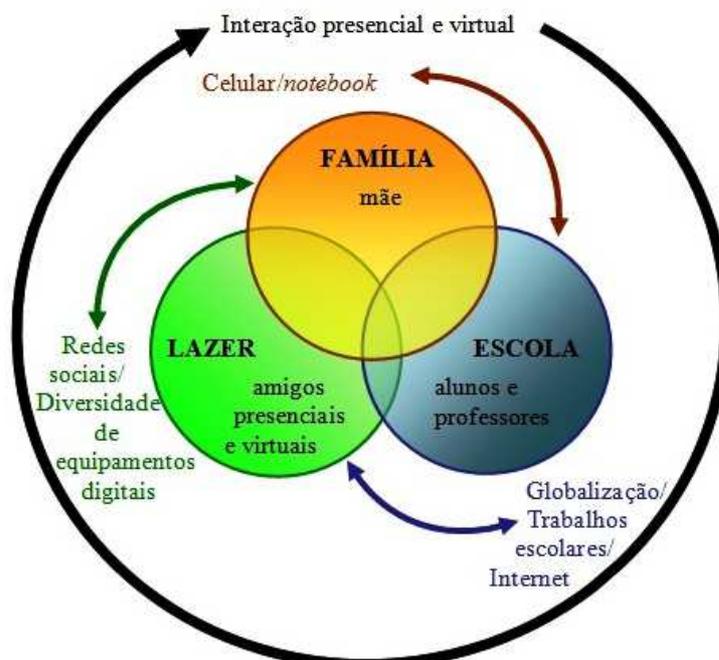
Figura 22: Práticas sociais de letramentos digitais de S4



S4 iniciou nas práticas de letramentos digitais por meio do computador quando este foi inserido na esfera familiar ainda na sua infância na interlocução com pais e irmãos. Os conhecimentos que adquiriu sozinho no manuseio com a máquina, **S4** passa a compartilhar com colegas de aula na esfera escolar na realização de trabalhos escolares. Sentindo necessidade de obter mais conhecimento a respeito dos computadores e seu funcionamento, ele passa a frequentar a escola de informática. Nessa esfera, tem como interlocutores os professores e colegas de aula. Seu fascínio aumenta à medida que vai conhecendo mais profundamente o processo de manutenção dos computadores o que acaba criando uma expectativa de um futuro com melhores condições de vida e garantia de emprego na esfera do trabalho. Nesse convívio com as TIC ele dedica parte de seu tempo ao lazer conectando-se a redes sociais e efetuando *download* de *softwares* que normalmente estão relacionados à área de informática. Seu discurso movimenta-se nas esferas que fazem parte de seu cotidiano, interagindo de forma presencial e virtual com diversas pessoas.

Finalizando este capítulo de análise, a figura 23 traz um esquema que representa o movimento das práticas sociais de letramentos digitais e a interação de **S5** com seus interlocutores nas principais esferas da comunicação humana de seu contexto social.

Figura 23: Práticas sociais de letramentos digitais de S5



As TIC passam a fazer parte da vida de **S5** aos dez anos de idade na esfera familiar seguindo para a esfera escolar. Nos enunciados de **S5**, o termo globalização tem sentido de avanço, de tecnologia, movimentando-se nas esferas da comunicação humana por meio das TIC. Em sua visão, a possibilidade de acesso às informações que a internet oferece e as interações das redes sociais com sujeitos de qualquer parte do mundo, contribuem para **S5** estar conectado e informado de forma global com tudo que acontece. É por meio das TIC que as pessoas fazem parte do mundo globalizado. A esfera escolar possibilita ao sujeito troca de informações com professores e com colegas de aula sobre trabalhos escolares e sobre como utilizar os equipamentos. Nos momentos de lazer o sujeito interage com amigos presenciais e virtuais por meio das redes sociais ou na interlocução com colegas por meio do celular. Depreende-se que **S5** constrói sentidos para as práticas de letramentos digitais a partir do momento em que se sente inserido em uma sociedade digital, globalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um espaço destinado a apresentar algumas reflexões a respeito dos resultados obtidos com esta pesquisa e ao mesmo tempo abrir oportunidade para novos questionamentos acerca dos letramentos digitais. Entende-se que a linguagem, por ser dinâmica e estar sempre em constante movimento, permite às pessoas estarem continuamente se constituindo como sujeitos. Isso faz surgir diferentes focos de pesquisa a partir de determinados contextos, como neste estudo, os letramentos digitais em um contexto rural. Por isso, outros pesquisadores podem investigar este tema sob outra ótica e, por que não, direcionar outro olhar para a análise realizada aqui com os enunciados desses sujeitos.

A singularidade desta dissertação reside justamente na possibilidade que a linguagem oferece em poder estudar o momento histórico no qual os sujeitos desta investigação estavam inseridos neste campo de pesquisa.

Neste estudo de caso de cunho qualitativo-interpretativo, buscou-se com o objetivo geral, compreender quais os sentidos de práticas de letramentos digitais para alunos de ensino médio. Com objetivos específicos procurou-se descrever eventos de letramentos digitais dos quais os alunos participam; analisar a inserção de alunos em práticas de letramentos digitais no espaço escolar e refletir sobre os ecos dos letramentos digitais. Para esta investigação adotou-se o procedimento metodológico da entrevista individual semiestruturada e a visita domiciliar como instrumento para coleta de dados.

A teoria da linguagem e a concepção de aprendizagem adotada contribuíram para a percepção do fenômeno que compreende os letramentos digitais no que se refere à constituição cognitiva dos sujeitos no uso das TIC. A linguagem, num movimento contínuo de atitudes responsivas ativas em contextos verbais e extraverbais, torna-se polêmica e contraditória. Ela efetiva-se por meio da interação entre os sujeitos num dado momento histórico. Assim, as pessoas constroem conhecimentos e se transformam social e linguisticamente pela mediação de instrumentos e signos e pelo convívio nas diversas esferas da atividade humana.

Na esteira das teorias estudadas, as concepções de letramento permitiram reflexão sobre as práticas sociais de leitura e escrita e foi possível discutir a participação de alunos de ensino médio inseridos em práticas de letramentos digitais. Compreende-se o letramento como um fenômeno presente nas diversas esferas da atividade humana e que possui sua especificidade em cada contexto que está inserido, como neste caso, em um contexto rural.

Olhando para os dados, tanto as transcrições da entrevista, como as anotações de campo da visita domiciliar, há a possibilidade de se observar a particularidade que uma mesma esfera, como a familiar, por exemplo, possui. Cada família possui características comuns, próprias daquele grupo de sujeitos, e interage nas práticas de letramento de acordo com suas necessidades de leitura e escrita, embora existam singularidades.

A concepção dos letramentos digitais contribuiu para a compreensão da aquisição e uso das TIC. A análise dos dados apontou que a esfera familiar é, na maioria das vezes, o primeiro local de inserção nas práticas de letramentos digitais. A escola aparece como colaboradora para a disseminação do uso do computador nas esferas familiar, do lazer e do trabalho, especialmente no que diz respeito à solicitação de trabalhos escolares. No espaço escolar os sujeitos interagem com as TIC e isso acaba atingindo todas as esferas, seja para a aquisição de equipamentos digitais, seja para a interação, de forma presencial ou virtual, o que os remete a uma participação ativa em eventos e práticas de letramentos digitais.

Quando os eventos de letramentos estão ligados à esfera familiar, eles ocorrem para a troca de informações sobre as TIC com os pais ou irmãos. Normalmente essas interações são para auxiliar alguém da família que, na grande maioria, acaba levando aos pais dos sujeitos, talvez por eles utilizarem menos as TIC. É nesse espaço que os sujeitos revelaram também utilizar os meios digitais para a produção de trabalhos escolares, o que pôde ser verificado também na visita domiciliar com o relato dos pais. Em sua grande maioria, os computadores foram adquiridos para esse fim. Dessa forma, a relação entre as esferas familiar e escolar parece contribuir significativamente para as práticas de letramentos digitais.

De acordo com a análise dos dados, a inserção no mundo digital ocorre, principalmente, na família por meio de celulares, câmeras digitais e computadores. Os computadores parecem ganhar ênfase na esfera familiar a partir do momento em que a escola solicita trabalhos escolares que exigem seu uso. Os sujeitos recorrem a escolas de informática e à interação com colegas de aula para construção de conhecimento sobre as TIC. De outra forma, os computadores, na esfera familiar, aparecem apenas como fonte de lazer para jogos, edição de fotos, interação virtual, etc.

Em relação à esfera escolar, os alunos participam de eventos e práticas de letramentos digitais voltados, principalmente, para a produção de trabalhos escolares. Esses trabalhos caracterizam-se como produções textuais, seja para digitação em editores de textos ou para produção de *slides*. Aliada a toda essa produção está a pesquisa na internet, a qual os sujeitos parecem dedicar maior tempo. A esfera escolar aparece como um lugar de bastante

interação entre os sujeitos, quer para troca de ideias a respeito dos trabalhos escolares, quer para troca de ideias sobre atualizações dos meios informatizados, novidades, jogos, música, etc. Enfim, toda variedade de informações sobre as TIC parece ter oportunidade para ser debatida e discutida neste espaço. O que os dados não apontaram foi em que momentos das atividades escolares ocorrem essas interações. Talvez essa troca de informações ocorra nos momentos que precedem ou antecedem as aulas, ou na hora do recreio.

Noutro aspecto, a pesquisa apontou que as TIC são bastante utilizadas também para o lazer. Os sujeitos sinalizaram usar especialmente o computador para jogos, ouvir músicas, editar fotos e utilizar a internet para acesso às redes sociais, principalmente. Os espaços de interações apontados pelos sujeitos tornam-se ilimitados, visto que essas interações ocorrem de maneira virtual. Os sujeitos interagem tanto com colegas de aula para “bate-papos” informais e também para trocar ideias sobre atividades da escola, como com outras pessoas que foram apontadas como de qualquer parte do mundo. Dessa forma, as TIC encurtam distâncias e aproximam pessoas que, talvez, jamais fossem se conhecer. No entanto, deve-se questionar até que ponto essa interação é saudável, sabendo-se das armadilhas que se ocultam nas redes sociais. Talvez caiba à escola orientar e discutir com os jovens sobre a utilização dessas ferramentas e sobre os perigos do mundo virtual.

Diante da análise dos enunciados dos sujeitos, outro aspecto que foi bastante sinalizado diz respeito à interação que os sujeitos têm com outros sujeitos mais experientes no uso das TIC. Apesar de terem realizado cursos, essa interação e o próprio uso das tecnologias parece propiciar novas aprendizagens para os sujeitos alcançarem seus objetivos e lidarem com as TIC nos eventos de letramentos digitais.

Levando-se em conta o contexto desta pesquisa, as condições rurais, há pouco tempo, não permitiam a participação em práticas de letramentos digitais. Contrapondo o universo urbano, os sujeitos inseridos no contexto desta pesquisa parecem ter buscado recursos e meios para acompanhar as TIC, o que pôde ser depreendido na análise realizada. A necessidade da realização de trabalhos escolares parece ter sido a prioridade de compra dos computadores para os integrantes da esfera familiar pertencentes a este contexto social e isso pode ter levado a aquisição de outros meios e equipamentos digitais. Talvez um estudo sobre as prioridades para aquisição de meios tecnologizados em ambientes rurais possa ser realizado em outra circunstância.

Observando-se as práticas de letramentos digitais dos sujeitos desta pesquisa de forma panorâmica, observa-se o movimento discursivo que ocorre na interação entre os sujeitos em cada esfera da atividade humana. Ou seja, o movimento que ocorre em uma

determinada esfera acaba atingindo sujeitos de outras esferas por meio da interação presencial e virtual. Isso parece ser uma característica do sistema de rede que as TIC oferecem. Informações trocadas na esfera familiar de um determinado sujeito acabam passando também pela esfera escolar. Nesse local, novas interações surgem e por sua vez retornam à esfera familiar, a qual pode ser do próprio sujeito, de outro, ou outros sujeitos envolvidos no diálogo inicial na esfera escolar. A linguagem apresenta-se flexível e contínua e os sujeitos constroem seus sentidos para as práticas de letramentos digitais voltados principalmente para a escola, o lazer, as tecnologias, o trabalho e talvez para outras esferas da atividade humana que não foram mencionadas.

Cabe ressaltar, no entanto, que apesar da pesquisa em questão estar inserida em um contexto rural, onde a maioria das famílias são agricultoras, ou formadas por pequenos agricultores, percebeu-se um silenciamento no que se refere ao uso das tecnologias no segmento agrícola, embora isso não tenha sido perguntado. Levando-se em conta que o silêncio se dá no intervalo entre dois momentos históricos discursivos, estes anotados na presença do pesquisador e seus sujeitos, este estudo aponta para a possibilidade de ainda não haver, por parte dos sujeitos, necessidade do uso das TIC na agricultura na comunidade pesquisada. Não foram mencionados, por exemplo, busca em *sites* de pesquisa que informam as condições do tempo, as cotações do mercado sobre os preços dos produtos agrícolas ou informações sobre agrotóxicos utilizados na agricultura. O silêncio pode sinalizar também a falta de interesse dos jovens em permanecer na agricultura e aí caberiam inúmeras razões para essa intenção, uma delas talvez resida na falta de incentivo, apoio e uma política financeira adequada ao setor agrícola por parte do governo, o que acaba desmotivando o jovem a permanecer na lavoura.

Mas, além de tudo isso, a escola ainda pode exercer outro papel no que diz respeito ao uso das TIC. A escola, além do que já vem realizando com os computadores, pode oferecer outras formas de acesso aos meios tecnologizados. A escola deveria possibilitar, dentro do letramento escolar, práticas de letramentos digitais que se aproximam das condições reais das práticas de letramentos digitais na sociedade. Tornar, da maneira mais natural possível, o uso das TIC no contexto onde cada sujeito está inserido e, nessa linha, promover o a discussão e o debate no que diz respeito ao uso de meios e equipamentos tecnológicos diversificados. Ainda na esfera escolar, deveria existir a preocupação na utilização de forma consciente das TIC com a natureza, seja por meio de reflexões sobre o que já vem ocorrendo com o e-lixo, seja com estudos e pesquisas de dispositivos eletrônicos não nocivos, pois o local onde vivemos precisa ser preservado. Outra questão diz respeito à internet, que vem

passando por grandes mudanças e, se antes ela conectava computadores e máquinas somente, agora ela está possibilitando conexão entre pessoas e, a cada momento, mais interatividade com as TIC. Mas a perspectiva é que ela passe a conectar automóveis, eletrodomésticos, edifícios inteligentes, roupas e uma série de produtos, cada qual com um pequeno computador interagindo entre si por meio da internet. Cabe à escola, também, a reflexão crítica sobre os usos que se fazem das tecnologias e dos letramentos digitais em todas as esferas da atividade humana.

A análise dos dados apontou, principalmente, para o uso do computador nas escolas, mas onde ficam os outros meios e equipamentos que fazem parte das TIC? Como são inseridos, discutidos e incorporados ao ambiente escolar? Será mesmo que o celular, *iphone*, *ipad*, mp3, para citar algumas ferramentas digitais, podem ser utilizados para a inserção de práticas de letramentos digitais no ambiente escolar ou devem ser proibidos? De que forma a escola, a família ou a sociedade pode conscientizar e discutir a utilização desses equipamentos? E em relação aos educadores? Há realmente interesse e motivação para o uso das TIC, entendendo-se a condição de que muitos ainda são “imigrantes digitais”? Há mesmo condições de aprendizagem para os próprios professores? Esta pesquisa não se voltou para essa discussão, mas pode ser que essas práticas de letramentos digitais caibam a futuras investigações.

No que diz respeito à condição de pesquisador assumida durante esta investigação, cabe sinalizar que o presente estudo apontou para o fato de que a prática pedagógica desenvolvida com os alunos da EEBFM no decorrer desses nove anos trouxe reflexões positivas no que diz respeito ao acesso e ao uso do computador em sala de aula. Os alunos tiveram oportunidade de participar de práticas de leitura e escrita no segmento dos letramentos digitais, segundo os enunciados dos sujeitos. Mas também apontou para fatores negativos como a carência de outros recursos tecnológicos que talvez pudessem ser mais utilizados e que não foram tão mencionados, como a câmera digital, o celular, o mp3, entre outros. A proibição desses equipamentos talvez tenha impedido sua propagação e uso para a educação. Caberia, então, à escola ou aos educadores planejar atividades que promovam seu uso consciente e adequado ao espaço escolar? Como a escola dispõe de acesso à internet banda larga, talvez seu próprio uso pudesse ser ampliado nesta esfera.

Outros questionamentos surgiram a partir desta investigação que podem instigar novos estudos. Após o enunciado de alguns sujeitos, que apostam positivamente nas TIC, fica uma incerteza se o uso delas facilita a vida das pessoas. Seria mesmo tão difícil viver sem os meios tecnologizados como sinalizado por alguns sujeitos? Para onde caminham as relações

do ser humano com as TIC? Alguns filmes de ficção científica sobre as máquinas escravizando os homens servem de alerta? Essas e outras perguntas que surgirem talvez nem possam ser respondidas, quem sabe haja a necessidade de se esperar pelo acontecimento dos fatos. No entanto elas despertam curiosidade e instigam a imaginação de todos aqueles que fazem uso das TIC.

Assim, este trabalho sugere uma investigação sobre a ou as disciplinas do currículo escolar que trabalham, questionam, debatem ou alertam alunos quanto ao uso das TIC, ou talvez, pesquisar os usos que são feitos na escola ou como os alunos têm participado de letramentos digitais no espaço escolar. A escola não pode ficar fora desse debate. Esta investigação chega ao fim reforçando que o papel social da escola e dos educadores talvez esteja em possibilitar a inserção dos alunos em práticas dos letramentos digitais de forma crítica, permitindo a inclusão social.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004. 303p.

BAKHTIN, M. M (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 201p.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre : Artes Medicas, 1998. 167p.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. **Dialogismo, polifonia intertextualidade: em torno de Bakhtin**. Sao Paulo: Edusp, 1994. 81p.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies: reading and writing in one community**. London and New York: Routledge, 1998.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 516p.

BAUMAN, Z. (Org.). **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 199p.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 258p.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro : Jorge. Zahar Editor, 1999. 145p.

BELMIRO, Â. Fala, escritura e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, C. V. (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 144p.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 336p.

BRASIL. **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1344&id_pagina=1>. Acesso em: 25 fev. 2011.

_____. **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/graficos/dinamicos/index.html>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

_____. Lei n 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB/CNE Nº: 18/2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb018_05.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2010.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Ver. Campinas, SP: UNICAMP, 2004. 122p.

BUZATO, M. Letramentos Digitais e formação de professores. São Paulo: **Portal Educare**. 2006. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2010.

_____. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC, **D.E.L.T.A.**, v. 25, n. 1, p. 01-38, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502009000100001&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: 08 jun. 2010.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. 223p.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. 123p.

CORTEZ, C. D. C. **Atividades de inglês mediadas pelo computador: um caminho para o letramento digital**. São Paulo, 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5297>. Acesso em: 17 ago. 2010.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte : UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita : Autêntica, 2007. 244 p.

DANIELS, Harry. **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. 2. ed. Campinas, SP : Papirus, 1997. 296p.

DEMARCHI, M. E. **Tecnologias na escola: o mito de Sísifo ou um salto na aprendizagem**. Blumenau, 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação. Universidade Regional de Blumenau. Disponível em: Acesso: 20 maio 2009.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 170p.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 2. ed. Curitiba: Edições Criar, 2006. 135p.

FIGLIOLI, J. M. **Práticas de letramento na rede. Ações discursivas, agência e o papel do outro na construção da autoria**. São Paulo, 2009. 287 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05022010-160307/>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. 144p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 35. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2003. 184p.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 92p.

GEE, J. P. **La ideologia en los Discursos**: lingüística social y alfabetizaciones. Tradução do castelhano de Pablo Manzano. Madri: Ediciones Morata, 2005.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 252p.

GIERING, M. E. **Análise e produção de textos**. São Leopoldo : UNISINOS, s.d. 137p.

GOULART, C. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte : UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita : Autêntica, 2007. 244p.

GUIMARÃES, Â. de M.; DIAS, R. Ambientes de aprendizagem: reengenharia da sala de aula. In: COSCARELLI, C. V. (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 144p.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. **Language and Society**, v. 11, p. 49-76, 1982. (In: WRAY, David (org.). **Literacy**: major themes in education. Taylor e Francis, 2004.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995. 294p.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n 53, dez 2007. Disponível em:
<<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

KOCH, I. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001. 134p.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 13. ed. São Paulo: 34, 2004. 208p.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. 269p.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996. 157p.

LUZ, L. A internet transforma o seu cérebro. **Veja**, São Paulo, n. 32, p. 96-99, semanal. 15/ago./2009.

MACHADO, I. H. **Interação**: um olhar para o ambiente de aprendizagem virtual a distância. Blumenau, 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação. Universidade Regional de Blumenau. Disponível em:
<http://proxy.furb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=486>. Acesso em: 20 maio

2009.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos Dos Santos. **Hipertexto e Gêneros Digitais**: Novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-65.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. 94p.

MARQUES, M. O. **A escola no computador**: linguagens rearticuladas, educação outra. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 199p.

MELO, M. M. M; ANTUNES, M. C. T. Software livre na educação. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002. 207p.

MERCADO, L. P. L. Formação Docente e Novas Tecnologia. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002. 207p.

MOLL, L. C.; BLANCK, G. **Vygotsky e a educação**: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 432p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Tradução de: Les sept savoirs necessaires a education du futur. 118p.

NETO, H. T. M. A Tecnologia da informação na escola. In: COSCARELLI, C. V. (org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 144p.

PAVÃO JÚNIOR, J. A língua do google. **Veja**, São Paulo, n. 18, p.122-131, semanal. 05/maio/2010.

PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte : UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita : Autêntica, 2007. 244 p.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, Lincoln, v. 9, n. 5, Out. 2001. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/9799/Prensky-Digital-Natives-Digital-Immigrants-Part1>>. Acesso em: 08 jul. 2010.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1998. 282p.

RIBEIRO, O. J. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte : UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita : Autêntica, 2007. 244p.

ROGRIGUES, C. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na**

escola. Campinas, 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000436236&fd=y>>. Acesso em: 17 ago. 2010.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009. 128p.

_____. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Palhoça, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008. Disponível em:
<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0803/08.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

SANTA CATARINA. Coordenadoria Geral de Ensino. **Proposta curricular de Santa Catarina**: educação infantil, ensino fundamental e médio: (disciplinas curriculares). Florianópolis : COGEN, 1998. 243p.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. In: Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas: ANPED, 2003.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 125p.

_____. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000. 95p.

STREET, B. **What's “new” on New Literacy Studies?** Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, 5 (2), p. 1-14, 2003.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília, D.F: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 203p.

TAKAKI, N. H. **Letramento na sociedade digital**: navegar é e não é preciso. São Paulo, 2008. 199 f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-05022009-113813/>>. Acesso em: 20 maio 2009.

XAVIER, A. C. S. **Letramento digital e ensino**. Disponível em:
<<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2010.

APÊNDICES

Apêndice A - Cópia de e-mail trocado entre professor e aluno

Re: criação de e-mail

...

Luciane da Silva

De: <lucianedasilva44@yahoo.com.br>

...

Exibir contato

Para: Laércio Rodolfo Guczak <guczak@yahoo.com.br>

 obrigado por tudo o que vc me ajudou vc é um professor muito legal de adoro de Luciane da silva 

--- Em **qua, 26/5/10, Laércio Rodolfo Guczak <guczak@yahoo.com.br>** escreveu:

De: Laércio Rodolfo Guczak <guczak@yahoo.com.br>

Assunto: criação de e-mail

Para: weselowki@yahoo.com.br, anacarolinagoncalvestodt@yahoo.com.br, cristiano_alflen@yahoo.com.br, bananascorban@yahoo.com.br, hafemanngabriel@yahoo.com.br, giovanevolpi@yahoo.com.br, guilhermebruhns@yahoo.com.br, jackelinemichalak@yahoo.com.br, jailsongreft@yahoo.com.br, jssicachaiane@yahoo.com.br, morsch_jessica@yahoo.com.br, joaovitor@yahoo.com.br, bruhmullej@yahoo.com.br, joiceoliveira@yahoo.com.br, juliana.fenrich@yahoo.com.br, lucianedasilva44@yahoo.com.br, nikeli.besen@yahoo.com.br, scheilahenque@yahoo.com.br, dolatasheila@yahoo.com.br, tairo.gobi@yahoo.com.br, thainajarocinski@yahoo.com.br

Data: Quarta-feira, 26 de Maio de 2010, 17:55

Se você recebeu este e-mail está de parabéns por ter desenvolvido a atividade de Língua Portuguesa. Sua nota foi 10,0 entre outras que terá durante o bimestre. Continue sempre caprichando.

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática. *Paulo Freire*

Um abraço.

Laércio.

Apêndice B – Tópico guia para entrevista individual do projeto-piloto

1. Gostaria de falar sobre o seu trabalho? Como é?
2. Utiliza em seu trabalho algum meio eletrônico, equipamento digital? Como utiliza? Utilizar esse equipamento é difícil? Como aprendeu a utilizá-lo? E além do trabalho, também utiliza?
3. No seu trabalho, quando você iniciou, perguntaram se você havia feito algum curso em informática ou se tinha domínio do computador? Onde havia aprendido?
4. O que você acha sobre a orientação para utilização de um meio eletrônico/ digital. É melhor aprender sozinho? Por quê?
5. Quando você estudava, havia contato com algum tipo de equipamento eletrônico/ digital na escola? Como era? Conte um pouco sobre os trabalhos escolares?
6. O manuseio desses equipamentos trouxe alguma consequência? No trabalho? No dia a dia?
7. O que você acha de a escola oferecer essa interação com meios eletrônico/ digitais durante as aulas? Por quê?
6. Há algo mais que você gostaria de falar sobre a escola ou seu trabalho? Gostaria de pontuar ou incluir algo mais?

Apêndice C – Tópico guia para a entrevista individual com os sujeitos da pesquisa

1. O que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital, informática, computador? Com que você associa?
2. Você lembra quando você teve contato pela primeira vez com equipamentos/meios digitais, como computador, máquinas fotográficas digitais, celular ou outros meios? Como foi? Onde? Por quê?
3. Você faz uso desses equipamentos/meios com que frequência? Para quê?
4. Na sua casa, quem mais utiliza? Para quê? E na escola?
5. Alguém lhe ensinou a usar? Como foi?
6. E você, já ajudou alguém a utilizar esses equipamentos/meios? Como foi?
7. Você acha que a utilização desses equipamentos/meios muda algo em sua vida? Você poderia dizer como?
8. Onde você ouve falar sobre tecnologia? Quando? De quem? O que você ouve falar? Como é? Troca ideias com alguém sobre isso? Como?
9. Tem algo mais que gostaria de falar, acrescentar, algo que lembrou e que não foi perguntado?

Apêndice D – Transcrição da entrevistas individuais

Transcrição da entrevista de S1

Entrevistador: o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital' informática:: computador' com que você associa''

S1: cursos de informatica é:: cada dia a tecnologia:: avança mais' né'' sempre saem novos *softwares* e novos' tipo' novos programas de computador' novos acessórios' vai sempre novos *hardwares*' placas de vídeo' processador' cada vez a tecnologia avança mais

Entrevistador: e com que que você associa esses'

S1: eu associo bastante com jogo:: jogo né'' e daí a internet daí mais pra trabalho

Entrevistador:

jogo
jogo''

Entrevistador: mas a parte digital assim' ou outros equipamentos''

S1: a fotografia daí a gente usa bastante pra descarregar foto:: pra editar foto:: e imprimir

Entrevistador: e você lembra quando você teve contato pela primeira vez com equipamentos ou meios digitais' como o computador' máquinas fotográficas digitais' celular' ou outros meios''

S1: se eu lembro bem' foi com seis sete anos por aí

Entrevistador: e como foi esse primeiro contato''

S1: o meu tio:: ele tinha computador' aí eu fui lá e comecei a jogar no computador' aí eu achei legal e o pai comprou um pra mim' aí comprei e fiquei viciado em jogo ((risos))

Entrevistador: tá e por que você acha assim' que::

S1: ah' eu achei legal que nem' jogar no computador assim duas pessoas se divertem' porque um sozinho não é tão legal' mas quando joga em dois' pode interagir' conversar' trocar ideias

Entrevistador: você faz uso desses equipamentos' desses meios' com que frequencia''

S1: quando tem' trabalho de escola:: é:: assim' durante a semana:: todo dia:: mas quando é pra jogar' é duas três vezes por semana

Entrevistador: na sua casa quem mais utiliza''

S1: ((baixa o tom de voz)) coisa digital né''

Entrevistador: é:: desses meios que a gente tá comentado

S1: mais é televisão:: daí computador também usa bastante:: celular' câmera digital'

Entrevistador: tá' e quem mais que utiliza' assim' além'

S1: meu pai' minha mãe também

Entrevistador: e pra que que vocês utilizam isso''

S1: que nem a tv a gente usa pra assistir filme né'' a mãe gosta de ver novela' o computador usa pra pesquisas' trabalhos de escola' pra jogar' e o telefone é um meio de comunicação

Entrevistador: e alguém lhe ensinou a usar isso''

S1: o computador' quando eu comecei:: eu fui fucinhando eu sozinho:: mexendo:: e fui aprendendo:: daí a tv' isso tudo eu aprendi sozinho:: o pai sempre tava ensinando também

Entrevistador: e você já ajudou alguém a utilizar esses equipamentos' esses meios''

S1: já:: o computador que nem quem não entende muito bem' assim meus amigos' quando querem botar algum programa:: ou jogo:: aí a gente ajuda né'' tenta explicar' daí a tv' as funções' quando alguém compra alguma e não entende::

Entrevistador: e como é que foi esse:: essas ajudas assim' consegue descreve um pouco mais''

S1: ah sim' que nem tem muita coisa que é em inglês né'' e eu entendo pouco:: mas assim alguma coisa que tem eu já:: algumas palavras eu entendo:: aí já dá de ir decifrando um pouco

Entrevistador: você acha que a utilização desses meios ou desses equipamentos muda algo em sua vida''

S1: ah' muda bastante porque:: eu comprei um computador e agiliza pra gente digitar' e é tudo mais rápido né'' fosse tudo escrito a mão ia ser bem mais difícil' que nem a televisão:: ela passa informação do mundo inteiro né'' a gente sabe elas por dia:: que nem antigamente levava meses pra chegar uma informação de um país ao outro (+)

Entrevistador: e onde você ouve falar sobre tecnologia:: quando:: de quem assim''

S1: eu ouço bastante assim' programas que tem na' tv né'' que fala de tecnologia:: qualidade digital' e daí os meus amigos' que eles falam saiu programa novo:: jogo novo:: coisa assim

Entrevistador: o que normalmente você ouve falar' ou o que que você conversa''

S1: quando sai um lançamento que nem saiu o *windows 7*' a gente conversa bastante' quando sai que nem' algum jogo novo:: assim' 2010' esses lançamentos'

Entrevistador: e os teus colegas também tem essa:: visão:: assim' eles conseguem te acompanhar''

S1: é:: tem alguns que são meio lerdo:: mas assim' tem bastante que entende bem

Entrevistador: tem alguma coisa a mais que você gostaria de falar' ou acrescentar' alguma

coisa que lembrou durante a entrevista que não foi::

S1: é:: pra falar tem muita coisa mas' pelo o que eu tô vendo' acho que assim' já tá bom

Entrevistador: sobre tecnologia' computadores' que gostaria de falar' ou sobre qualquer outro meio:: (+) o início:: como é que foi"

S1: é:: no início era mais' a miguelão:: a gente era:: não entendia nada quando era pequeno:: aí era aqueles joguinhos' nem era 3D' apareciam aqueles quadradinhos grande na tela:: era joguinho antigo assim' hoje em dia não:: hoje em dia é tudo coisa bem mais complexa:: é perto com a realidade

Entrevistador: por que você diz complexo:: você consegue é:: como é que eu vou dizer' assim' diferenciar dentro dos programas o que que é complexo" o que que não é"

S1: ah' que nem tem plataforma:: assim' que nem tem jogo que é idêntico a realidade:: que é difícil' assim' imaginar a criação do jogo como é que é leva anos pro cara conseguir criar né" uma e tem jogo que é esses joguinhos assim' antigamente:: era coisa mais fácil' só que pra época:: já era a tecnologia que tinha:: máxima:: cada vez evolui mais' (+) que nem 1990 e 1995 era o *atari*:: né" que tinha' o pai falou pra mim' que eles tinham *atari*:: e era loucura aquela vez' hoje em dia não existe mais' é computador' *playstation 3*' coisa assim

Entrevistador: tá ok então:: obrigado pela entrevista

S1: de nada

Transcrição da entrevista de S2

Entrevistador: o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital' informática:: computador' com que você associa"

S2: eu associo com tudo que eu preciso:: tudo que eu preciso no caso assim' matéria:: de mmh esporte educação:: tudo que tu precisa hoje em dia tu encontra no mundo digital que é a internet né" tudo qualquer coisinha que tu digita' qualquer coisinha que tu acha:: tu não tem' não pode dizer que nada tu não encontra ali porque tu encontra de tudo né" internet é o mundo digital bem' utilizado hoje por todo mundo né"

Entrevistador: mas' e além do:: você falou bastante do computador além do computador você:: associa com outras coisas o digital também" ou::

S2: o mundo em que nós vivemos hoje né" é tudo digitalizado né" hoje em dia:: basicamente ninguém vive:: vive sem o mundo digital né" eu associo assim que o que faço em casa:: na escola tá tudo envolvido no mundo digital

Entrevistador: mas em que assim' que sentido você diz

S2:

envolvido
digamos tal

S2: em casa eu utilizo o:: computador ou o mundo digital pra várias coisas né" tipo se eu tô:: trabalhando numa coisa naquela:: vamos supor uma máquina:: aquela máquina utilizou:: um

modo digital né” no caso a energia uma coisa assim’ o computador também’ qualquer coisa que eu digito ((incompreensível)) tá incluída no mundo digital também’ em casa no celular nas coisas’ tudo inclui o mundo digital né”

Entrevistador: mhm e:: você lembra quando você teve contato pela primeira vez com esses meios assim’ tipo computador’ a máquina fotográfica:: o celular ou outros meios”

S2: ah’ foi uns’ quatro anos eu acho ((baixa o tom de voz))

Entrevistador: e:: como é que foi assim”

S2: foi’ é:: uma surpresa’ uma surpresa assim né” quando assim eu não sabia vamos supor assim’ que digitar no *google* e qualquer palavra que vem várias coisas ali né” parecem coisas diversas assim né” isso não sabia:: a câmera digital’ fotos que aparecem ali tu tira já vê na hora:: celular liga pra qualquer ah’ lugar do mundo’ e:: esses planos e coisa hoje em dia:: tudo facilita muito a minha vida né” (+) e:: quando eu descobri isso pela primeira vez eu fiquei assim é:: deu umas espantada né” daí:: tanta coisa numa coisa é:: num mundo digital só é:: acho muito interessante

Entrevistador: tá e:: onde foi isso daí”

S2: isso foi na escola

Entrevistador: tá e:: por que você acha que você teve esse contato assim’ essa inserção”

S2: porque:: assim ((incompreensível)) de primeiro não tinha computador em casa:: dai agora que:: comecei:: quatro anos atrás comecei mexer na escola e coisa que fiz curso tudo:: aquilo facilito bastante a vida assim’ (+) porque:: primeiro achava que não tinha tanta:: utilidade:: que era só:: um modo de gastar dinheiro gastar tempo mas às vezes facilita bastante a minha vida:: qualquer coisa que eu preciso encontro ali né”

Entrevistador: e você faz uso desses equipamentos ou meios com que frequência assim”

S2: bastante assim o celular uso todo dia:: quase todo dia que eu to em casa:: câmera digital assim’ direto os finais de semana assim’ computador mais pra trabalho de escola e coisa assim né” mais com frequência também

Entrevistador: e na sua casa quem mais utiliza”

S2: basicamente só eu o celular’ as coisas assim minha irmã utiliza mais o resto ela não:: mexe

Entrevistador: e para que é utilizado”

S2: ah’ é utilizado:: ((incompreensível)) o celular fazer ligações’ mandar mensagens’ ((incompreensível)) o computador fazer trabalho’ entrar no orkut’ no msn’ e outros e-mails interessantes pra:: atualizar’ o meu estudo

Entrevistador: alguém ensinou usar”

S2: eu fiz curso

Entrevistador: e como é que foi' no curso''

S2: é' eles ensinaram assim desde o começo como que se liga o computador' até o:: último detalhe que:: precisa né'' como se entra em e-mail' como se sai:: como se é:: atualiza um trabalho:: como se molda uma moldura:: como se bota um desenho:: o tamanho tudo assim' eles ensinaram completo assim' (+)

Entrevistador: você já ajudou alguém a utilizar esses meios''

S2: já

Entrevistador: e como é que foi''

S2: é:: um pouco difícil' pra mim aprender foi fácil' mas pra ensinar os outros é mais complicado assim né'' que nem' peguei meu priminho não tem muita:: especialidade assim né'' não sabia nada:: aí eu fui ensinando:: o mais básico assim pra ele né'' como se liga um computador é um pouco difícil porque:: ele não sabe e eu que sei né'' então ele não tem facilidade:: é um pouco complicado (+)

Entrevistador: e você acha que a utilização desses equipamentos' desses meios' muda alguma em sua vida''

S2: muda e:: não muda:: digamos assim' porque' hoje:: em dia tu não vive sem um computador' sem um celular' sem uma câmera digital' mas antigamente as pessoas viviam né'' daí:: mas hoje só atualizou mais a vida ainda né'' (+) caso:: (+) é:: (+) modificou mais ainda né'' caso:: o Brasil vem crescendo vai:: evoluindo cada vez mais né'' acrescentando mais um tipo de programa:: mais uma coisa a mais' todo ano muda que nem a câmera digital' todo ano tem uma mais bonita:: computador todo ano tem mais um' (+)

Entrevistador: e onde é você ouviu falar sobre tecnologia''

S2: tecnologia:: assim começando na escola:: assim aprendendo:: utilizando a tecnologia também né'' e todo mundo comentando né'' no meio assim' que a gente vive todo mundo comenta:: tecnologia aumenta:: tecnologia abaixa:: e através de computador né''

Entrevistador: e:: de quem é que você ouviu falar ou quando assim essas informações''

S2: mais foi na escola né'' porque:: todo mundo tá junto aí um diz ah aumentou esse programa:: ((incompreensível)) saiu isso:: saiu aquilo:: assim' aí eu aprendi mais foi na escola:: todo mundo falando assim todo mundo (+)

Entrevistador: e normalmente eles falam o que sobre:: o que assim''

S2: normalmente o que eles falam é:: tudo sobre o computador né'' quanto pode mexer' como pode facilitar tipo:: digitar um trabalho' o que tu pode fazer pra sair mais rápido:: como ((incompreensível)) deixar um trabalho perfeito:: de tamanho:: uma moldura diferente:: tudo isso eles ensinaram assim' eles diziam' ah hoje eu aprendi isso:: daí pode fazer' assim desse jeito:: tudo diferente assim' cada dia eles traziam uma ideia de casa aí a gente compartilhava

né” (+)

Entrevistador: e:: você troca ideias com alguém sobre isso”

S2: com meus colegas sempre assim

Entrevistador: e como é que é essa troca de ideias”

S2: digamos assim’ quando nós tamo fazendo um trabalho:: ah eu fiz desse jeito tal’ daí ela chega e diz’ ah eu fiz desse:: tenda mudar pro teu também muda:: daí eu mudo do jeito dela e ela muda do meu jeito:: assim a gente compartilha ideias

Entrevistador: tem algo mais que você gostaria de falar ou acrescentar algo que lembrou:: sobre esses assuntos’ agora que a gente comentou de escola:: de casa:: do trabalho:: talvez” ((baixa o tom de voz))

S2: hoje dia se viver sem internet é impossível né” não tem como eu acho né” porque internet’ câmara digital’ celular é:: uma coisa que tu utiliza no teu dia a dia direto né” se acabar isso:: vai ser complicado voltar ((risos)) como era antes

Entrevistador: tá ok então’ obrigado pela entrevista

S2: de nada

Transcrição da entrevista de S3

Entrevistador: o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital’ informática:: computador”

S3: bom’ a:: cada vez mais evoluído:: esse meio:: e a gente vê que os nossos métodos de:: estudo:: pesquisa:: tá ficando meio ultrapassado:: nisso:: e a gente tem que ir acompanhando os tempos

Entrevistador: com que que você associa essa evolução”

S3: ah’ com as descobertas científicas’ porque o mundo tá tão:: tá tão:: interado:: nisso já:: que:: que:: já tá descobrindo cada vez mais coisa:: não é só o que a gente conhece

Entrevistador: mais algum equipamento você associa a esse universo digital’ esse mundo digital’ informática:: o que que você associa”

S3: mhh’ mais computadores’ assim’

Entrevistador: computadores’ ((baixa o tom de voz))

Entrevistador: e você lembra quando você teve contato pela primeira vez com o computador’ ou com outros meios digitais”

S3: sim' quando:: quando o computador' eu tinha seis anos' dai minha tia deu o computador pra gente

Entrevistador: e como é que foi:: assim' pra você a primeira vez' o primeiro contato''

S3: nos primeiros dias' meus irmãos nunca deixavam eu mexer' porque:: era perigoso:: podia estragar os programas' depois' sabe:: com o tempo eles começaram a ensinar algumas coisas' e o resto eu fui aprende sozinha

Entrevistador: hoje você já::

S3: é:: hoje eu já mexo:: assim' e coisa:: daí eu vou aprendendo sozinha já:: (+)

Entrevistador: e por que é que você iniciou esse contato com o computador naquela época:: lá:: você lembra:: foi comprado:: assim' por que''

S3: porque agora é uma coisa necessária:: né'' é difícil encontrar uma família que não tenha computador' agora por aqui:: e foi é:: necessário:: então eles me ensinaram

Entrevistador: e você faz uso desses equipamentos desses meios com que frequência'' (+)

S3: nos fins de semana:: daí:: durante semana pros trabalhos precisa' de escola:: assim' e nos fins de semana pra jogar' me divertir'

Entrevistador: e na sua casa quem mais utiliza''

S3: ah' meus irmãos' meus pais' eles não usam muito:: porque eles não não mexem' só que quando eles querem' a gente mexe pra eles assim' nas coisas que querem ver' assim' só que:: eu e meus irmãos mais' porque só a gente que entende mais disso

Entrevistador: e para que vocês utilizam''

S3: ah' jogos' vídeos' músicas' trabalhos de escola:: meus irmãos não é:: trabalho de escola mais' é porque eles já saíram da escola

Entrevistador: e na escola vocês também fazem o::

S3: sim' nós usamos bastante pra pesquisa' internet' trabalhos assim' digitados' e:: *powerpoint* e:: *movie maker*'

Entrevistador: alguém ensinou usar esses equipamentos' como é que foi esse inicio' assim''

S3: os professores deram' uma noção de como se fazia isso:: só que o resto a gente:: ia é:: aprendendo sozinho mais' (+)

Entrevistador: e você já ajudou alguém a utilizar esses equipamentos''

S3: sim' a vivi ((referindo-se a colega de sala da escola)) até já ajudei a utilizar o *powerpoint*' ensinar os programas' e coisa::

Entrevistador: e como é que foi esse ensinamento:: assim”

S3: eu ia mostrando:: e depois ela:: ia:: fazendo as coisas que eu mostrava pra ela:: e eu ia dizendo o que tava certo:: o era errado::

Entrevistador: e você acha que a utilização desses equipamentos muda algo em sua vida”

S3: sim’ facilita:: e:: tem alguns pontos positivos e negativos né” porque:: a gente usa:: a gente usa:: internet’ computador e coisa:: sempre surge aquela dúvida dos professores’ na hora de entregar o trabalho:: se a gente copiou:: da internet simplesmente’ ou digitou:: fez com as próprias mãos’

Entrevistador: tá você falou em pontos positivos e negativos’ você poderia explicar melhor esses pontos positivos e negativos da utilização:: dessa dúvida dos professores’ mas o que mais teria de positivo ou negativo”

S3: ponto positivo é que economiza tempo:: porque agora as pesquisas ficaram mais rápidas’ daí a gente não leva tanto tempo pra fazer’ ah’ pra executar o trabalho finalizar’ daí os professores podem começar dar menos tempo de fazer o trabalho:: só que às vezes a gente não encontra o assunto que a gente precisa necessariamente daí a gente tem que pesquisar mais e o tempo vai se encurtando::

Entrevistador: e onde você ouve falar sobre tecnologia:: em que lugares’ assim”

S3: televisão:: por vários lugares a gente ouve:: todo dia sobre computador’ celular’ internet’ todo dia a gente ouve isso da boca de todo mundo:: e:: no rádio:: televisão::

Entrevistador: e o que é que eles falam”

S3: ah’ falam sobre modelos de computadores’ velocidade:: e:: modelos de celular’ e:: a tecnologia tá vindo:: e:: (+) tudo mais’ assim’ o que tá vindo agora de novidade pro:: pro:: próxima:: pro:: próximo ano::

Entrevistador: e você troca ideias com alguém’ sobre isso”

S3: nunca fui de trocar ideia muito com alguém sobre isso:: porque também eu não entendo muito sobre *bytes* e:: *gigas*’ e coisa:: só que eu entendo o básico:: então:: dá pra conversar’ mas’ eu não prefiro não:: tocar muito no assunto

Entrevistador: mas não assim a parte técnica:: assim que nem você falou sobre *bytes* e coisa e tal’ mais é:: mais assim’ sobre o avanço:: sobre o avanço:: os modelos’ isso vocês trocam ideia’ ou::

S3: sim’ porque:: assim quando alguém vai comprar uma coisa:: assim’ sempre procura um modelo mais novo:: mais legal’ mais na moda:: e mais rápido:: assim’ um modelo mais ágil’ então a gente acaba dando umas dicas de qual comprar’ como comprar’ onde::

Entrevistador: tem algo mais que você gostaria de falar’ ou de acrescentar’ algo que lembrou:: e que não foi perguntado”

S3: na verdade não

Entrevistador: então obrigado pela entrevista

Transcrição da entrevista de S4

Entrevistador: o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital' informática:: computador' com que você associa"

S4: vem a cabeça:: um pensamento:: tecnológico:: avançado:: do futuro:: que:: tá revolucionando as vidas pra todo mundo e melhorando

Entrevistador: com que que você associa esse mundo"

S4: computadores' e máquinas novas movida a inteligência artif artificiais' (+) isso

Entrevistador: você lembra quando você teve contato pela primeira vez com equipamentos ou meios digitais como computador' as máquinas que você falou"

S4: sim ah' com os seis anos de idade:: nós compramos o primeiro computador' e foi:: era novidade:: era coisa mais' a máquina mais moderna da época:: que agora já tá ficando ultrapassado

Entrevistador: e você:: em relação a outras máquinas assim' além do computador' você lembra de alguma outra que você acha que é digital e você teve contato"

S4: ahh' as câmeras digitais' mp3' ali por volta dos nove anos de idade::

Entrevistador: e como é que foi esse contato assim' curiosidade"

S4: fui o mais curioso da família sempre:: ah' fui:: aconselhado:: e tive muito interesse por esses tipos de máquinas e tecnologias e:: pretendo fazer ah' estudos sobre eles

Entrevistador: tá você disse que esse primeiro contato então foi em casa"

S4: sim' (+) foi em casa com a compra do meu pai:: que financiou o computador

Entrevistador: e por que você pensa estudar nessa área"

S4: ah' por ser uma área que:: pelo futuro vai ser' a revolução e sempre tende a avançar' não a regredir

Entrevistador: tá e você faz uso desses equipamentos' desse meios com que frequência"

S4: todos os dias

Entrevistador: que tipo de equipamentos daí todo dia"

S4: o computador' e:: celular' e mp3

Entrevistador: e para que você utiliza esses equipamentos”

S4: escutar músicas’ ah’ ah’ *designs* gráficos e:: outras edições de foto:: e a utilização dos programas dele ((referindo-se ao computador))

Entrevistador: e na sua casa quem mais utiliza”

S4: minha mãe:: meu irmão::

Entrevistador: e para que que eles utilizam”

S4: para trabalhos’ escolares’ ah’ de:: cursos’ e para trabalhar né”

Entrevistador: e na escola assim’ você utiliza com frequência”

S4: sim’ eu algumas’ várias vezes eu trago o meu próprio o *notebook* e:: também utilizo os da escola

Entrevistador: e alguém lhe ensinou a usar esses equipamentos aí”

S4: não:: foi pela própria curiosidade:: eu fui aprendendo e tô cada vez melhor’ e sabendo mais sobre eles

Entrevistador: até mesmo no notebook”

S4: sim cada vez vou aprendendo mais

Entrevistador: e o computador’ o priMEIro que vocês compraram lá:: também não fez curso”

S4: não:: fiz um ano passado:: mas’ não mudou muita coisa

Entrevistador: e você já ajudou alguém a utilizar esses equipamentos esses meios”

S4: sim’ a minha tia:: a minha prima:: que nunca tinham contato com esses equipamentos eu tive que ajudar elas

Entrevistador: e como é que foi assim’ como é que essa ajuda conta mais assim”

S4: foi mais ah’ foi ajudado mais a mim do que a elas’ ah porque elas’ elas foi uma novidade:: usava pouco daí por dia e eu fui cada vez mexendo mais’ utilizando mais eles’ e sabendo mais

Entrevistador: e você acha que a utilização desses meios’ ou esses equipamentos que você citou isso muda algo em sua vida”

S4: muda tudo:: em vez de eu ficar brincando com carrinhos e outro:: eu fico mexendo nele:: nos eletrônicos e utilizando os programas

Entrevistador: e onde mais você ouve fala sobre tecnologia”

S4: em toda redondeza:: cidade:: no município assim’ em todos os lugares’ só a tecnologia:: e

sempre tá avançado:: e não vai parar' tão cedo

Entrevistador: e assim' o que que você ouve:: que as pessoas comenta sobre isso aí"

S4: que é a maravilha do mundo:: nunca ter algo:: ninguém inventou algo tão preciso e tão beneficente ao mundo (+)

Entrevistador: e você troca ideias com alguém sobre isso"

S4: sim' os meus colegas' vários colegas são ah' apaixonados igual eu:: pelo computador' principalmente' são a melhor forma de nós trabalharmos

Entrevistador: e você tem algo mais que você gostaria de falar' acrescentar' algo que lembrou agora durante a entrevista:: que não foi perguntado"

S4: sim' que agora os novos programas' ah' comunidades' as redes da internet' as páginas de relacionamentos sociais são:: tão:: sendo uma maravilha:: pois eles tão revolucionando o mundo:: fazendo contato entre o mundo todo:: visualizando uma pessoa de uma lado do mundo pro outro:: e fazendo a comunicação do mundo

Entrevistador: ok então:: obrigado pela entrevista

S4: de nada

Transcrição da entrevista de S5

Entrevistador: o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital' informática:: computador' com que você associa"

S5: eu associo já:: com globalização né" como a gente já tá no século 21' eu nasci:: já cresci com a:: convivendo com tv' câmera:: celular' computador' (+) como era a pergunta mesmo:: o começo

Entrevistador: o que que vem a tua cabeça assim' quando a gente ouve mundo digital' computadores' informática:: o que que surgiu"

S5: vem um monte de pessoas' porque tipo assim' na escola a gente é acostumado a mexer né" eu vejo que nem eles' lá:: na salinha lá:: mexendo:: e vendo:: entrando sites assim' já vejo monte de pessoas entrando:: acho que tá a nível de qualquer pessoa agora qualquer classe social' até nós aqui na escola assim' nós não tinha internet agora tem né" já é um acesso melhor

Entrevistador: e você associa esse mundo digital você associa só ao computador' a internet' ou::

S5: GLOBALização

Entrevistador: globalização ((baixa o tom de voz)) e você lembra quando você teve contato

pela primeira vez com equipamentos ou meios digitais como computador' as máquinas fotográficas digitais' os celulares' ou outros meios que você acha que são digitais''

S5: ah' celular né'' eu acho que:: celular' porque computador' depois dos dez anos eu acho que tive contato com computador mais com celular minha mãe tinha:: todo mundo tem lá em casa daí:: celular e eu já sabia desde pequeninha já mexer no celular

Entrevistador: tá:: como é que foi então esse início assim''

S5: ah' eu não me lembro muito bem mais ah' eu acho que a primeira coisa é:: querer jogar no celular' ai:: a minha mãe já me ensinou dai depois já sabia entrar:: e fuçava e:: dai depois me encontrava e já sabia mexer né''

Entrevistador: por que você acha que você teve esse contato com esses'

S5: eu acho porque influencia da minha mãe né'' porque eu via ela usando e eu queria né'' toda criança tem curiosidade

Entrevistador: e você faz uso desses equipamentos' ou desses meios com que frequência''

S5: praticamente todo dia porque eu tenho meu *notebook* em casa daí:: eu escuto música:: tenho algum trabalho pra fazer' vejo as minhas fotos' praticamente todo dia (+)

Entrevistador: e na sua casa quem mais utiliza''

S5: ah' eu mesmo

Entrevistador: mas só você ou tem outras pessoas que usam''

S5: tem a minha mãe eu acho que o único meio que ela encontra:: que ela sabe que é tecnologia:: acho que é o:: o celular que ela sabe mexer' porque quando ela:: não entende nada do meu *notebook* nada:: assim' ela não sabe mexer em nada:: só no celular

Entrevistador: e na escola''

S5: na escola:: ali os computadores' eu sei já:: fazer meus trabalhos' e:: pra entrar na internet' praticamente todo dia

Entrevistador: alguém ensinou a usar'' como é que foi assim''

S5: eu pego um pouquinho de cada coisa:: às vezes eu preciso de informação eu peço pra tamires ((referindo-se a amiga de sala de aula)) me ajudar' que ela entende bastante:: no começo meu primo entendia muito dessas coisas de informática e ele me ensinou alguma:: mais eu também vou:: entrando:: daí eu vou aprendendo e:: vou descobrindo sozinha

Entrevistador: e você já ajudou alguém a utilizar esses equipamentos' esses meios''

S5: já ajudei já tentei ajudar minha mãe mais'

Entrevistador: como é que foi''

S5: assim' ela queria mostrar fotos' assim pra ela do meu *notebook*' e ajudava:: botei no colo dela tudo:: ((sorridente)) só que daí ela se atrapalhou um pouco daí eu dizia entra aqui:: fecha aqui:: agora *clica* ali:: ela se atrapalhou um pouco

Entrevistador: por que você acha que ela se atrapalhou assim''

S5: porque é uma coisa nova ela nunca tinha visto um *notebook* foi eu que comprei e mostrei pra ela:: quando eu falei que eu queria compra um ela nem sabia o que que era:: ela só era acostumada com a câmera digital' que as minhas tias tem' e o celular mesmo:: o celular é bem antigo daí:: (+)

Entrevistador: você acha que você tem mais facilidade já do que::

S5: eu tenho

Entrevistador: pra lidar com isso''

S5: sim

Entrevistador: por que você acha isso''

S5: porque eles não mudam muita coisa:: por exemplo o celular' eu já sei mexer em todos' pode dar qualquer um' eu vou entrando:: e vou mexendo:: porque praticamente é tudo igual assim né'' aí eu:: lembro de alguma coisa de outro celular' e vai:: vai embora daí

Entrevistador: e assim' quando eu falo em facilidade também comparando com a tua mãe:: que você disse que ela se atrapalhou um pouquinho::

S5: é::

Entrevistador: por que você acha que você tem mais facilidade e ela não:: da onde que vem isso''

S5: eu acho que aprendi:: na escola assim' eu tive muito contato na escola:: antes de eu fazer pouco tempo que eu tenho meu *notebook* e eu daí:: eu:: já fiz trabalho com o *notebook* do fabricio do gian' ((referindo-se a amigos de sala de aula)) daí eu já aprendi algumas coisas com eles daí é mais fácil pra mim' no começo era difícil' mas agora já nem tanto (+)

Entrevistador: e você acha que a utilização desses meios' e desses equipamentos muda algo em sua vida''

S5: muda:: com certeza

Entrevistador: o que muda:: o que você poderia dizer''

S5: acho que já assim' os professores' eles' tentam assim fazer trabalhos que envolvem alguma tecnologia né'' e os alunos já vão aprendendo na escola fazer isso:: aí em casa:: os alunos querem computador' pede pros pais' e isso vai daí depois querem alguma coisa que vem de nova:: mhh' *iphone* daí vai embora:: e qualquer tecnologia que surge:: a gente quer

ter' daí vai experimentando:: sempre vai sabendo

Entrevistador: e:: você acha que isso vai mudar alguma coisa depois no teu futuro”

S5: vai mudar

Entrevistador: o que”

S5: eu acho assim que:: como vai crescendo as tecnologias vão melhorando e o mundo vai:: crescendo mais e eu acho que vai surgir coisas que eu:: vou aprendendo utilizar e meus filhos vão se dar melhor do que eu né” quando eu falar em celular' por exemplo:: eu não sei” talvez eles vão achar meio primitivo assim' (+)

Entrevistador: e:: onde você ouve falar sobre tecnologia”

S5: na tv bastante:: na tv e na escola (+)

Entrevistador: e assim' com que frequência:: de quem' o que você ouve:: o que você ouve falar sobre isso”

S5: nos trabalhos de escola e na tv geralmente em propaganda né” dessas coisas novas que surgem' aí para assim' na rádio:: em qualquer lugar a gente tá comentando outro tirou foto sobre aquilo:: então ta:: passa no *pen drive* pra eu pegar tá envolvendo:: praticamente todo dia eu falo em alguma tecnologia

Entrevistador: mas o que você ouve falar assim' o que” como você ouve de alguém” o que que você ouve” essas pessoas que falam sobre tecnologia o que elas falam” (+) você tem uma imagem assim' de tecnologia né”

S5: sim

Entrevistador: e as outras que falam sobre tecnologia o que é que elas falam”

S5: depende:: se é:: as minhas amigas' vou usar elas como exemplo' elas sabem mais do que eu:: quando elas tão falando:: alguma coisa de tecnologia:: a entra nesse:: fala:: fazendo algum trabalho assim' às vezes eu fico meio perdida porque elas sabem mais que eu:: elas já fizeram cursos:: tudo assim' aí elas sabem mexer' elas sabem controlar melhor o computador' acho que é isso' não sei se tu entendeu”

Entrevistador: e você troca ideias com alguém” como é que é essa troca”

S5: troco quando eu vou fazer algum trabalho e:: por exemplo:: quando eu quero passar' MÚsicas' ou pegar música de alguém' fotos essas coisas assim' daí a gente conversa sobre isso né”

Entrevistador: tem algo mais que você gostaria de acrescentar' alguma coisa lembrou:: sobre tecnologia que a gente foi falando:: durante essa entrevista:: conversa e que::

S5: ah' foi destacado que assim' que nem eu falei que a primeira vez que eu vi um computador foi aos dez anos assim' porque meu primo tinha um' eu já tinha visto:: outro

meio tecnológico:: que era o celular' ou a tv também né'' mais a tv' já é mais é um pouco mais antiga assim' eu via propaganda:: de várias coisas novas que surgiam *mp3'* ou *mp4* depois foi indo:: e assim pra mim' era estranho porque eu não era acostumada com isso era só com o celular' a câmera digital também não existia:: o *dvd'* que era só o *video cassette* né'' é foi bem estranho quando veio *dvd* assim' mas eu acho que só melhorou assim' tudo que tá surgindo só melhora a vida da gente:: ela é pra pra facilitar assim'

Entrevistador: ok' obrigado pela entrevista

S5: tá bom' se eu engasguei ((risos)) acho que vai da pra::

Entrevistador: sem problemas

Apêndice E – Tópico guia para a visita domiciliar

1. Quanto(a)s filho(a)s vocês têm? Quantos estão em idade escolar? Quais séries?
2. Qual a distância em quilômetros de sua casa até a escola?
3. Qual o meio de transporte utilizado para ir à escola?
4. Frequentaram a escola até que série?

Pai

- analfabeto
- séries iniciais-1ª a 4ª séries completo
- séries iniciais - 1ª a 4ª séries incompleto
- séries finais – 5ª a 8ª completo
- séries finais – 5ª a 8ª incompleto
- ensino médio completo
- ensino médio incompleto
- curso superior completo
- curso superior incompleto

Mãe

- analfabeto
- séries iniciais-1ª a 4ª séries completo
- séries iniciais - 1ª a 4ª séries incompleto
- séries finais – 5ª a 8ª completo
- séries finais – 5ª a 8ª incompleto
- ensino médio completo
- ensino médio incompleto
- curso superior completo
- curso superior incompleto

5. Qual é a sua profissão?
6. Quantas pessoas trabalham na família?
7. Você diria que sua renda familiar é
 - mais de dez salários mínimos
 - mais de cinco salários mínimos
 - de dois a quatro salários mínimos
 - um salário mínimo
8. Com quem os filhos ficam quando vocês saem para trabalhar?
9. Leem Livros? Quais gostam mais de ler?
10. Tem televisão? Telefone? Celular? Computador?
11. Por que vocês compraram o computador?
12. Onde o computador fica? Quem mais usa? Quando usam o computador é para quê?
13. Há amigos ou vizinhos que vêm a sua casa para utilizar o computador ou outros meios?
Com que frequência?
14. Como vocês aprenderam a utilizar esses meios?
15. Como vocês consideram o uso desses meios? Fácil? Médio? Difícil?
16. Seu filho menciona o uso de meios tecnológicos na escola? Quais? Ele diz se há dificuldades? Ele diz se gosta de utilizar esses meios?

17. Ele fala em internet? Vocês têm em casa?

18. As notícias ou informações sobre o que vem acontecendo na comunidade, no município, no estado ou no país de que forma vocês ficam sabendo? Seus filhos comentam sobre essas informações? Onde eles ouviram falar? Que meios?

19. Quais as atividades de lazer que costumam fazer? E quando ficam em casa, o que normalmente fazem?

20. Gostariam de falar mais alguma coisa sobre o que nós conversamos até agora? Alguma coisa que lembrou e que está relacionada ao uso do computador, ou celular, etc?